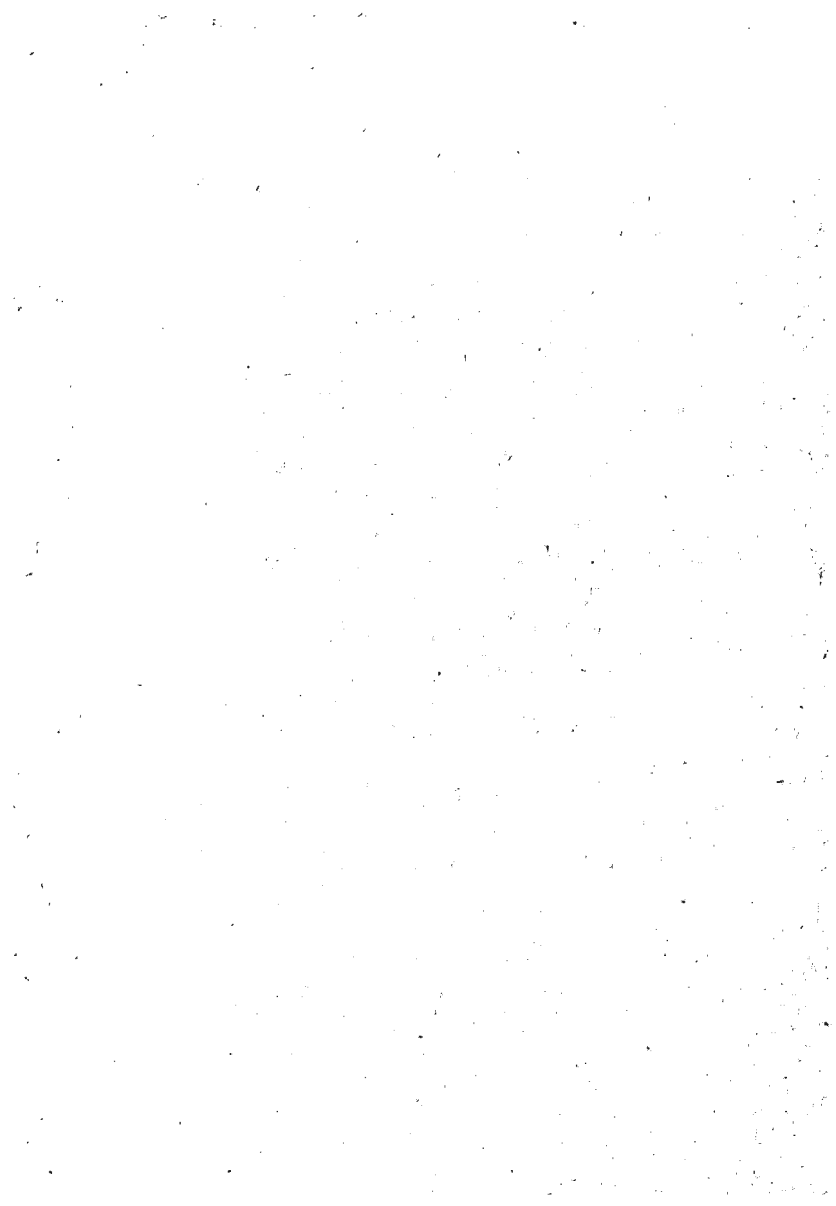






Inteligência do Brasil

1027



Serie 5.^a

BRASILIANA

Vol. 41

BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

JOSÉ-MARIA BELO

INTELIGÊNCIA DO BRASIL

Ensaíos sobre Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha e Rui Barbosa.

Síntese da evolução literária do Brasil.

3.^a EDIÇÃO



COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Pôrto-Alegre

1938

OBRAS DO MESMO AUTOR

Estudos críticos — 1917.

Novos Estudos Críticos — 1917.

Ensaio político e literários — 1918.

A' Margem dos livros — 1922.

Os Exilados (romance) — 1925.

Noção filosófica e social do Direito — 1933.

Imagens de ontem e de hoje — 1936.

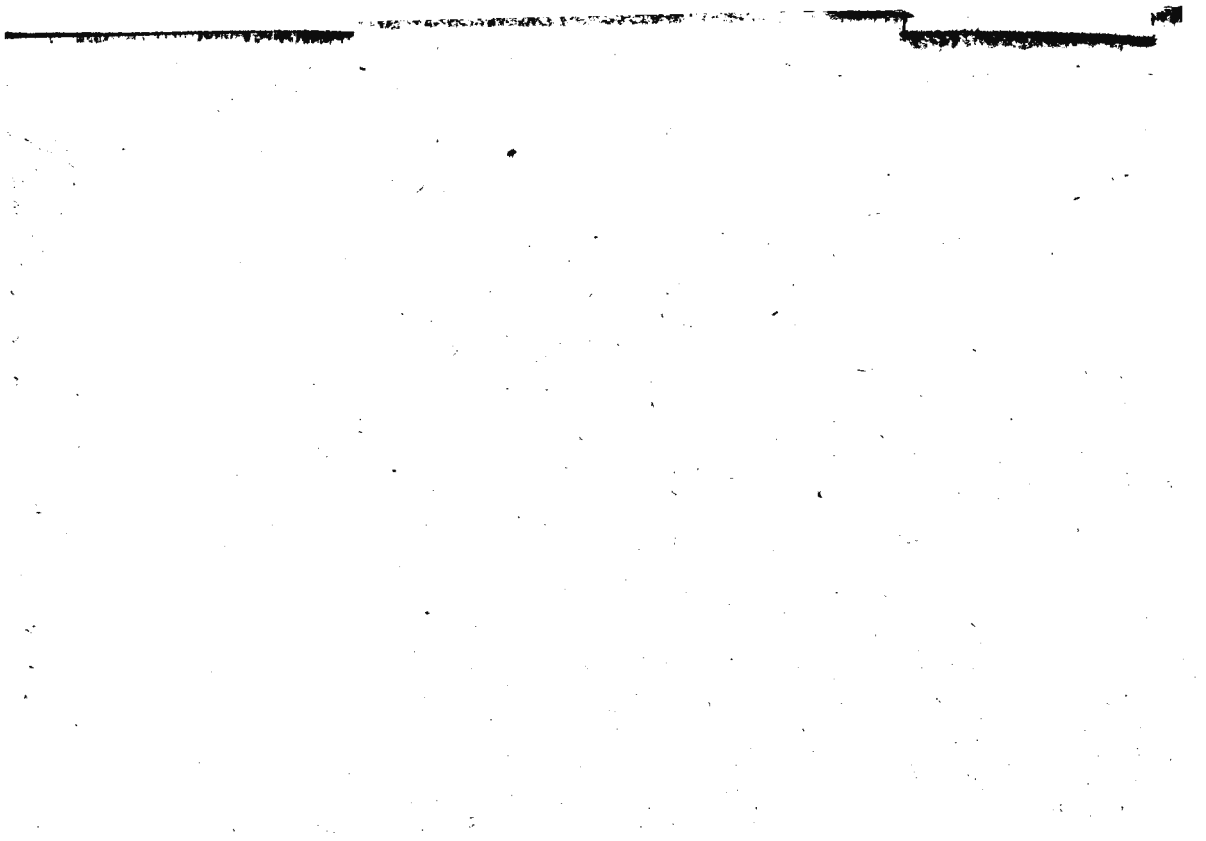
Panorama do Brasil — 1936.

A questão social e a solução brasileira — 1937.

Democracia e anti-democracia — 1937.

ÍNDICE

	<i>Págs.</i>
Prefácio da 3. ^a edição	9-10
Prefácio da 2. ^a edição	11-16
Machado de Assis	19-68
Joaquim Nabuco	69-150
Euclides da Cunha	151-184
Rui Barbosa	185-224
Síntese da evolução literária do Brasil ..	225-270



PREFÁCIO DA 3.ª EDIÇÃO

Entra "Inteligência do Brasil" em 3.ª edição. O fato tocar-me-ia sensivelmente á meia adormecida vaidade de autor, se não estivesse certo de que êle resultou, muito menos do mérito do livro, do que da diligência dos seus editores e do largo e justo acolhimento público á illustre "Brasiliana", onde o incluíram.

Expliquei na 2.ª edição os motivos que me levaram a conservar quasi intacto o meu julgamento de mocidade sobre as figuras de que trata "Inteligência do Brasil", embora muito eu próprio o tenha modificado. Vinte anos de intervalo, e vinte anos intensamente vividos, transformam a sensibilidade moral e intellectual, pelo menos dos que não immobilizam a consciência e o espirito.

Todavia, semelhante explicação não satisfez a alguns doutos críticos, da minha especial estima e apreço, que não me perdoaram o entusiasmo juvenil, algumas vezes "enfático", em torno da obra politica e literária de Rui Barbosa. Se estão em voga as apologias de Joaquim Nabuco e de Machado de Assis, os elogios a Rui Barbosa não parecem de bom gosto. De minha parte, creio bem que se tivesse de traduzir as impressões atuais de leituras renovadas de Machado de Assis, de Joaquim Nabuco, de Rui

Barbosa e de Euclides da Cunha, as restrições da idade madura sobre os dois primeiros não seriam menores do que as que fizesse sobre o terceiro. O carater profundamente "brasileiro", o sabor de tragédia e de desesperada revolta dos SERTÕES tornar-me-iam quasi intangivel Euclides da Cunha.

Não desejo alongar este prefácio. Para o meu desencanto de hoje, dá-me ainda certa saudade a vibração dos 30 anos. Por isto, repete a atual edição da "Inteligência do Brasil", através da segunda, os julgamentos da primeira, salvo o corte de algumas demasias e algumas correções de forma.

Rio — junho de 1938.

L. M. B.

PREFÁCIO DA 2.^a EDIÇÃO

Em "Inteligência do Brasil" reúno alguns ensaios já publicados em livros, cujas edições há muito tempo se esgotaram. Em meio de tantos escritos de um período de intensa, embora frequentemente dispersiva atividade intelectual, escolho, é claro, os que menos me desagradam e ainda hoje, três ou quatro lustros passados, traduzem a essência do meu pensamento sobre certas condições da vida nacional, as diretrizes do evolução das nossas letras e quatro figuras que, nelas, me parecem as mais marcantes. Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha e Rui Barbosa foram, não diria os meus ídolos, porque sempre tive muito fraca, mesmo nos verdes anos, a inclinação para as idolatrias, mas os grandes motivos de minha admiração. Minha e dos moços de minha época. Eram para nós as glórias mais altas da inteligência e da cultura brasileira. Anos seguiram-se, e dos mais agitados e confusos que registra a história da civilização Surgiram novas idéias e nova estética, criando para as gerações que sucederam á nossa, diversa compreensão da vida e diferente sensibilidade artística. Não creio que os jovens de hoje possam sentir tão profundamente Machado de Assis, como nós outros, amanhecidos para

as atividades do espírito no período que imediatamente precedeu á guerra mundial. O grande humorista, reticente e amargo, parecer-lhes-á fatigante, incerto e pouco vigoroso. A nós próprios, que lhe lemos com indefinido encanto os livros de tão perfeita execução e tão ricos de malícia e de graça, já se nos afigura um homem de outra época, de um passado para sempre vivido. Joaquim Nabuco será, talvez, mais estimado. A harmonia de sua vida, a sua perfeita elegância, a sua sensibilidade humana e, mesmo, o seu diletantismo inspirarão sempre simpatias e encontrarão sempre correspondências íntimas na alma dos moços que se iniciam nas lidas literárias. Na aspereza dos tempos presentes, o trato com o seu sereno espírito é uma espécie de momentâneo refúgio. Menos lembrado do que Machado de Assis e Joaquim Nabuco parece-me Euclides do Cunha. Creio que, muito mais do que ás suas conclusões, tantas vezes apressadas de sociólogo, de etnógrafo e de historiador, lhe sacrifica a glória o estilo pomposo e enfático. Habitúamo-nos ás causas naturais e simples, que o autor dos "Sertões" procurava evitar.

Rui Barbosa é ainda o mais afamado dos escritores nacionais. Um grupo de admiradores mais ou menos sinceros e de discípulos, ou que tal denominação defendem, mantêm fielmente o culto do seu nome. Criou-se mesmo um "ruibarbosismo", embora nem sempre de melhor gosto. Os brasileiros orgulham-se do seu gênio e, de bom grado, o incluem entre as grandes figuras contemporâneas. Valeria a pena indagar se ha exagero sentimental ou simplesmente justiça neste julgamento sobre Rui.

Aos trinta anos, ao tempo da primeira publicação na imprensa dos ensaios agora reeditados, ousei fazer-lhe algumas restrições. Festejava-se-lhe o jubileu cívico e todo o mundo o endeusava. Já então me impressionava a falta de um grande pensamento filosófico, capaz de iluminar-lhe a obra, certa indiferença pelas idéias gerais e o alheamento das questões de ordem social, que começavam a abalar a velha civilização individualista do século passado. Confusamente embora, desconfiava eu que a moldura do seu exclusivo liberalismo político era um pouco estreita para conter os desesperos dos que sofrem as criminosas desigualdades da vida e anseiam pelo advento de tempos melhores. Quando conseguia fugir á admiração pelo seu estilo, cheio de sonoridades musicais, perguntava a mim mesmo se Rui não seria apenas formidável retórico ou um grande talento sem gênio, servido por incomparável memória e perfeita crudição. Afinal, que ficaria de sua vasta obra? Em que enriqueceria ela o nosso patrimônio cultural? Não estaria destinada a fragmentar-se em páginas mortas de antologias?

Renovamos incessantemente nossa visão das cousas e nosso julgamento sobre os homens. De mim, confesso que ainda não consegui precisar a impressão final que me deixa Rui Barbosa. Mantenho, acrescidas de novas, as restrições que esboçava ha dezeseis anos sobre a sua ação de escritor e, principalmente, de homem público. Talvez, apesar dos meus esforços em contrário, êle não me tivesse inspirado jamais esta simpatia instintiva, que nos inclina á benevolencia e tanto facilita a compreensão

daqueles com quem convivemos ou tentamos estudar. O caso típico de Joaquim Nabuco. Este homem impressionou-me tão vivamente na adolescência que só a custo me contenho no prazer de louvá-lo. É possível, também, que íntimas razões de regionalismo e de analogia de origens na velha gleba pernombucana influam sobre o bem que sempre lhe quiz e mē levam a evocar-lhe a figura (tão viva, por exemplo, no belo livro que inspirou á sua illustre filha, Carolina Nabuco) com uma espécie de como-vida saudade de amigo. Como Joaquim Nabuco, nasci e vivi a minha infância num engenho de açúcar, na doce e húmida paisagem de rios e córregos de plâncie, de canaviaes e coqueiros do sul de Pernambuco, onde se enquadra Mossangana. Desejei ardentemente as cousas que me pareciam nobres e belas: as viagens, o mundo, as vitórias políticas, uma grande causa nacional ou humana, que êle realizou e que hoje, de certo, eu não julgaria tão interessantes.

Mas volto a Rui Barbosa. Penso, em verdade, que êle merece a estima e a admiração dos Brasileiros. Entre as suas possíveis falhas e as suas extraordinárias virtudes, é enorme o saldo a levar-se-lhe em conta. Sua pregação doutrinária, certo, já não teria sentido no mundo actual, trabalhado por inquietações e angústias, que o do tempo de Rui não conheceu. Mas nada fará esquecida a sua luta ardente pela liberdade, pela justiça e pela ordem civil.

Concluindo esta rápida revista sôbre as figuras que estudo no presente livro, julgo, serem hoje, como há

quinze anos os grandes marcos luminosos de nossa inteligência. É possível que outras, surgidas ou melhor afirmadas depois, possam com elas concorrer. Não deixa, todavia, de ser temerário falar, disse alhures, sobre os que vivem ao nosso lado, no contacto de todos os dias.

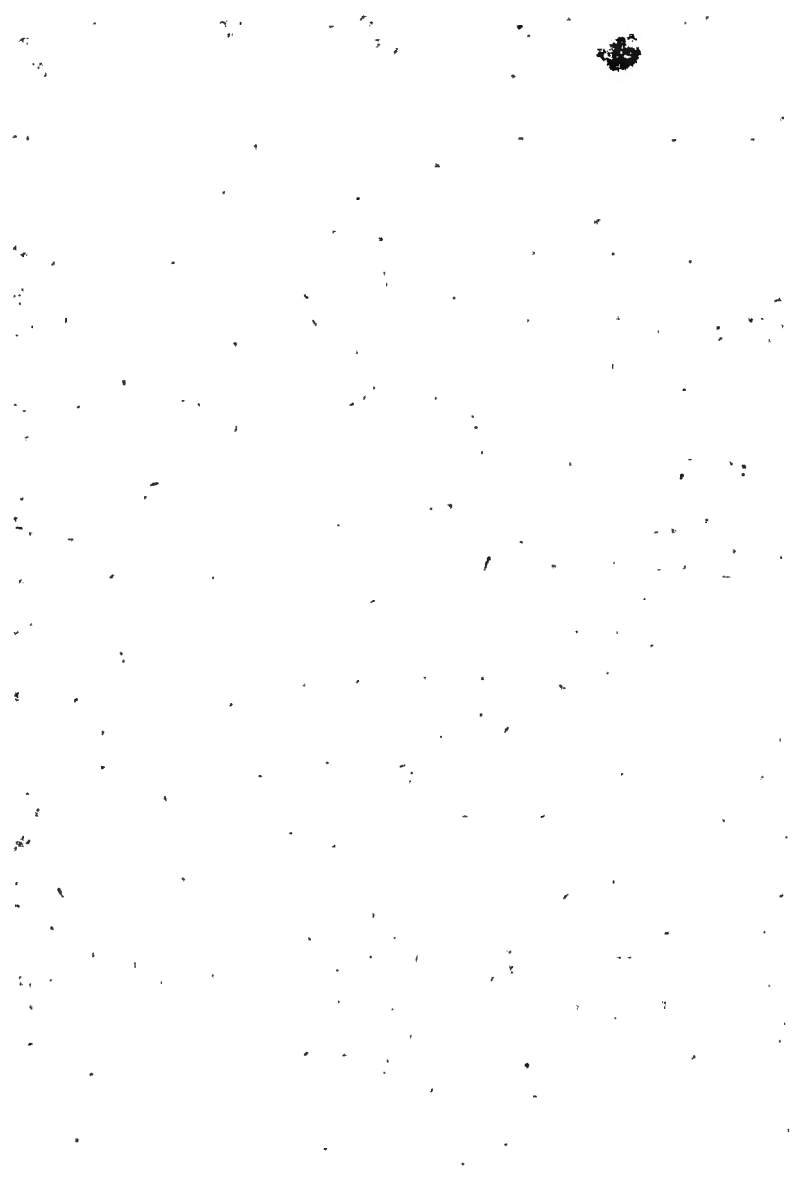
Deveria acrescentar á "Inteligência do Brasil" um estudo inédito sobre Castro Alves, a mais pura e alta expressão da nossa poesia. No entanto, tal propósito tirava ao livro o caracter de reedição de trabalhos antigos. Pareceu-me mais lógico completá-lo com um ensaio publicado em 1922, relativo á nossa evolução literária. Desejei tambem refundir completamente os meus estudos criticos para dar-lhes feição mais objetiva ou menos impressionista. Mas iria prejudicar-lhes o possível mérito da espontaneidade e da sinceridade. Na época em que tão vivamente me atraía a critica literária, era prisioneiro de Sainte-Beuve, Taine, Renan, Remy de Gourmont, Lemaitre e Anatole France. Verdadeiros pontos de apoio do meu pensamento. Outras leituras, outras meditações e o trato da vida libertaram-me dos mestres queridos. Entretanto, relendo o que escrevi, não posso recordar-me, sem emoção, do tempo em que acreditava no rígido determinismo taineano e me deliciava com o estilo "ondulante" de Renan e o cepticismo irônico e dissolvente de Anatole France...

OSÉ-MARIA BELO

Rio, Setembro de 1934.



MACHADO DE ASSIS .



MACHADO DE ASSIS

Machado de Assis é, certamente, o mais estudado dos nossos escritores modernos. José Veríssimo e Araripe Junior analisaram-lhe longamente a obra. Alfredo Pujol e o sr. Alcides Maia dedicaram-lhe notáveis ensaios. Outros críticos não no têm esquecido. A compreensão do caso de Machado de Assis será sempre um assunto tentador para os curiosos de problemas psicológicos. A sua figura singular resiste mais tenazmente do que a de qualquer outro escritor brasileiro á depuração do tempo, despertando extremo interesse mesmo entre os que não podem estimá-la.

Ha varias formas de se criticar um escritor, não sendo a crítica uma espécie literária definida, de regras precisas e invioláveis. E' antes um gênero indistinto que pode confundir-se com todos os outros e que, de algum modo, os compreende e os abrange. Podemos impôr-nos um estudo sêco, objetivo e impessoal, ou limitar-nos a simples impressões de leitura, divagando ao sabor do momento, sobre cousas que os livros nos invocam ou sugerem. Entretanto, para escrever sobre homens

como Machado de Assis impõem-se certas regras. Não podemos esquecer-lhe a biografia, nem desconhecer as condições do meio em que viveram, que os modelou ou lhes permitiu o aparecimento e completa florescência. Os críticos têm direito de resumir-se á análise dos livros comuns que surgem, esquecidos dos autores, dos seus antecedentes e da história do seu espírito e da sua vida. Ficam á vontade para divagar, contar dêles próprios, associar e desassociar idéias, sob o pretexto das cousas que leram, ou mesmo que não leram... Tal método aplicado a Machado de Assis, sobre falso, seria irreverente. Existem nos seus livros páginas infinitamente mais interessantes do que as que poderíamos improvisar.

Ademais, não nos deixou apenas dois ou tres livros, e dos muitos de sua autoria não é possível tomar um só que o resuma e o defina, embora em qualquer dêles se lhe esbocem os traços dominantes do gênio literário. Reflete-se e faceta-se-lhe o espírito em toda a obra; um volume que se lhe suprima representaria um hiato na história lógica de sua evolução. Precisamos acompanhar-lhe sistematicamente a obra de poeta, escritor de teatro, *conteur*, romancista e crítico, que tudo isto ele foi, com maior ou menor êxito. Falando uma vez, incidentalmente, em livro já publicado, sobre o grande escritor, disse eu que dos nossos homens de

se poderia seguir uma linha ascendente para um ideal, enfim, atingido, de beleza e perfeição. Isto constitúe mesmo um dos aspectos mais curiosos do escritor, sob outros aspectos também, tão insólito em nosso meio literário.

O HOMEM

Nascido em 1839, Machado de Assis estreou nas letras em 1863 com duas pequenas comédias. Um ano depois, publicava o seu primeiro livro de versos — *Crisálidas*. Não se lhe deteve daí em diante a atividade literária; mais três volumes de versos: *Falenas* (1869), *Americanas* (1875), e *Ocidentais* (1902), a série de romances que vem de *Resurreição* (1872) até o *Memorial de Aires* (1908), os vários volumes de contos e o livro de crítica, de publicação póstuma. Sua produção obedece assim a um ritmo certo e quasi perfeito. É uma obra cheia de graça, harmonia e beleza, onde o gênio corre tranquilamente, mais largo e mais profundo sempre, como as águas de um rio, de margens planas, que não se comprimiram nunca na aflição de uma garganta nem se precipitaram no algar das cachoeiras. Não o marcou nem esgotamento precóce da maior parte dos escritores nacionais, nem a pressa alvoroçada dos que querem produzir a todo transe, sacrificando embora a qualidade do ouro á quantidade do minério bruto.

como Machado de Assis impõem-se certas regras. Não podemos esquecer-lhe a biografia, nem desconhecer as condições do meio em que viveram, que os modelou ou lhes permitiu o aparecimento e completa florescência. Os críticos têm direito de resumir-se á análise dos livros comuns que surgem, esquecidos dos autores, dos seus antecedentes e da história do seu espírito e da sua vida. Ficam á vontade para divagar, contar dêles próprios, associar e desassociar idéias, sob o pretexto das cousas que leram, ou mesmo que não leram... Tal método aplicado a Machado de Assis, sobre falso, seria irreverente. Existem nos seus livros páginas infinitamente mais interessantes do que as que poderíamos improvisar.

Ademais, não nos deixou apenas dois ou tres livros, e dos muitos de sua autoria não é possível tomar um só que o resuma e o defina, embora em qualquer dêles se lhe esbocem os traços dominantes do gênio literário. Reflete-se e faceta-se-lhe o espírito em toda a obra; um volume que se lhe suprima representaria um hiato na história lógica de sua evolução. Precisamos acompanhar-lhe sistematicamente a obra de poeta, escritor de teatro, *conteur*, romancista e crítico, que tudo isto ele foi, com maior ou menor êxito. Falando uma vez, incidentalmente, em livro já publicado, sobre o grande escritor, disse eu que dos nossos homens de letras, Machado de Assis era dos poucos, no qual

às correntes dominantes. Quero dizer, para explicar melhor, que ha um momento em que Machado de Assis é romântico, sem o querer, inconscientemente talvez, porque o romantismo o cerca de todos os lados; mas êle se mede, resiste o mais que pode ás influências ambientes, porque é de sua natureza evitar os extremos, e porque não crê seja o romantismo a forma definitiva de arte, que se deva fixar e propagar. Ha temperamentos ardentes e apaixonados, que, uma vez encontrado o que supõem a verdade, a êle se prendem para toda a vida. Não pertencia, evidentemente, a esta raça o escritor brasileiro.

Machado de Assis tenta o indianismo; exploravam-no Alencar e Gonçalves Dias. E' a moda de então, a manifestação literária do nacionalismo e do patriotismo. Entretanto, êle hesita, desconfia de semelhante processo artístico. Será realmente uma fórmula feliz de arte, um meio de servir ao país, uma revelação de patriotismo? Não, dirá talvez consigo, como, depois, o diz precisamente na *Crítica*: "tenho por errônea a doutrina que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam do assunto local, doutrina que a ser exata, limitaria muito o cabedal da nossa literatura", e, noutro tópico: "... o que se deve exigir de um escritor antes de tudo é certo sentimento íntimo que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quan-

do trate de assuntos remotos no espaço e no tempo...”

Surge, entre nós, o *realismo*, ou, melhor, o *naturalismo* de Zola. Doutrina nova, nova estética. Não lhe faltam discípulos de talento ou de simples boa vontade. Torna-se moda. Mal se compreenderia um livro, que não seguisse os rígidos processos de Médan: aspecto estreito das cousas, preocupação de minúcias, vulgaridade de caracteres, diálogos e descrições perfeitas, toques de determinismo fatalista, fotografias exatas da vida, como a escola se propunha realizar. Machado de Assis não podia ficar alheio ás novas influências; os seus livros mudam de tom, pelo menos, de fatura externa. E' visível a diferença de processos entre, por exemplo, *Helena* e *Braz Cubas*. Mas esta diferença é mais de superfície do que de fundo; o seu temperamento conserva-se o mesmo, sem violências ou transições bruscas. Em ambas as fases de sua carreira literária, encontramos o psicólogo, o dissecador impenitente de almas, com o culto interior da verdade, um pouco incerto e esquerdo nos primeiros livros, mestre consumado nos últimos. Aqui, além, conserva-se o que ha de característico em seu gênio: o bom senso, o claro gosto, a agudeza, a justa medida, e ainda o pessimismo e o cepticismo, mais acentuados nas obras da idade madura, quando atinge á perfeição. Quem nunca foi um romântico, pode ser bem um

realista, e ao cabo, nem de todo um romântico nem de todo um realista, no sentido técnico das palavras. Se quizermos emoldurá-lo numa escola, devemos colocá-lo de preferência, entre os clássicos francêses, mais perto dos seculos XVII e XVIII do que nas escolas efêmeras do seu tempo. Pertencerá á grande familia de Montaigne, La Bruyère e Voltaire, quasi sem parentesco com a gente de René ou de Madame Bovary.

Parece-me que outro fator concorreu para esta especie de liberdade literária de Machado de Assis: conhecimento direto da literatura inglêsa. Os nossos homens de letras formam o espirito através da literatura francêsa. O que lhes chega de outras literaturas é muito pouco, e quasi sempre por intermédio da França. Seguem sem discutir o gosto, as modas e as paixões de Paris. Ora, uma das características da literatura francêsa consiste justamente na precisa divisão das escolas. O gênio francês — velho truismo — é um gênio de ordem e de método: catalóga, nomeia, divide e subdivide tudo, até a propria produção intelectual. Tem sempre da clareza e rigidez geométricas de Descartes. Aparecem os primeiros românticos, como sinais de reação contra a velha literatura clássica, e em nome da Natureza, da vida, da liberdade da intelligência e da imaginação — crêa-se a escola, com suas regras, seus cânones, suas Elviras, seus Renés, sua riqueza verbal e seu sen-

timentalismo. Cança-se, esgota-se o gênero nas mãos dos últimos discípulos? Aparecem os realistas, e funda-se outro cenáculo com seus preceitos e processos. Na literatura inglesa, creio, não será possível tão rígida especificação: em política, como nas letras, as revoluções na Inglaterra serão mais lentas e menos radicais do que em França. Ha, certo, mais profundo respeito pelo passado, que impede as transformações violentas, e ha, sobretudo, o velho fundo individualista da raça, que dá aos homens, sem embargo do culto pela tradição, maior independência moral, maior liberdade íntima e maior confiança nêles próprios.

Houve em Machado de Assis influência muito sensível da literatura, ou, pelo menos, de alguns escritores ingleses. Em Swift, Thackeray, Sterne e Dickens, deparam-se-lhe correspondências de aproximação simpática. Leu-os com íntimo prazer, haurindo o gosto da forma livre, o humor, os toques de amargura e desespero, que corrigiam a influência francesa e do proprio meio nacional, e que, principalmente, lhe falavam aos sentimentos e ás tendências inatas. O seu fundo de ironia encontrava no humor a forma exata. O *humour*, Taine o definiu, é uma espécie de ironia grave e amarga. Não se confunde o humorista com o simples ironista ou com o satírico, como estes últimos não se identificam entre si. No ironista, pode existir muito otimismo, muita simpa-

tia natural pelos homens e pela vida; no satírico, ha sempre o ódio, o rancor concentrado, que extravasa e corrói. A ironia é mais atitude de que sentimento, um grão de malícia para temperar a sensaboria das cousas. O caso de Voltaire e de Anatole France. O humorismo é mais profundo; sitúa-se de algum modo, entre a ironia e a sátira ou sarcasmo. Pode ser que provenham todos da mesma causa psicológica — a consciência, em certos espíritos superiores, do desacordo eterno da vida e da própria superioridade em relação aos outros homens. Mas tomam formas diversas. A cada sensibilidade, a sua maneira especial de reação. Os vícios, os ridículos, as tolices humanas que levam Swift até a blasfêmia e o desespero, e Eça de Queiroz até a caricatura, fariam esboçar em Machado de Assis um sorriso céptico e amargo. Falido nos sentimentos simpáticos e na capacidade de agir, é um misantrôpo, um negativo, que se defende pelo humor.

Para temperamento de tal quilate, o romantismo era roupagem imprópria. Faltavam-lhe virtudes essenciais: o amor da Natureza, do *décor*, a facilidade do enredo e a plena liberdade de imaginação. Sua arte é toda íntima, toda subjetiva. Foi muito mais psicólogo do que romancista. Daí, seus pontos de aproximação com Stendhal, um dos seus escritores prediletos, ressaltada, está claro, a diferença de processos ar-

tísticos. Stendhal, tocado pela paixão romanesca, gostava de pintar heróis. Machado, mais independente, divagava, sorria, dizia cousas sutis... Por isto, os seus melhores livros, mais seus, mais característicos, são *Quincas Borba*, *D. Casmurro*, *As Memórias Póstumas de Braz Cubas* e alguns outros do mesmo gênero, onde lhe são permitidas todas as liberdades de processos.

Eis, para mim, a suprema virtude artística de Machado de Assis. Em toda nossa literatura são raros os artistas que têm preocupação de idéas. Em regra, somos muito mais retóricos do que pensadores; interessam-nos, sobretudo, o aspecto externo das cousas, a Natureza e a superfície da sociedade. A alma humana, em seus pequenos mistérios e sutilezas, mediocrementemente nos importam. Existem em nossa bibliografia romances de costumes e paizagens, mais destas do que daquêles e alguns livros de idéas que agitam problemas sociais e nos obrigam a pensar; mas faltam-nos livros de análises íntimas, isto é, o que, na técnica literaria, se chama propriamente romance psicológico. Machado de Assis torna-se, pois, um caso á parte, um escritor singular, sem filiação, nem parentesco em nosso meio literário. Perguntamos a nós mesmos, como pôde este homem isolar-se em sua torre de marfim, resistir ás influências ambientes e fixar sua exquisita personalidade.

Das mais humildes são suas origens. Começa a vida á própria custa, exercendo profissões ínfimas ou subalternas: sacristão, tipógrafo, caixa de livraria, empregado de secretaria de Estado, onde percorre todos os postos burocráticos. Fóra das letras, não se lhe aponta um fato, um relevo, uma distinção na vida. É-lhe apagada e mesquinha a biografia. Creio que foi sempre bom burguês, tipo ideal de funcionário público, resignado e paciente, respeitador das cousas aceitas, temente aos regulamentos e aos ministros. Sua finura e sua independência eram de outro Machado, o Machado dos livros e pensamentos. Duas pessoas distintas e uma só verdadeira. A pena maliciosa de *Braz Cubas* a redigir ofícios respeitosos... Entretanto, não ha vida mais enervante, com o livro do ponto, as formas tabeliôas, a inércia, os bocejos, a meia pobreza, as pequeninas invejas, as miúdas ambições, o ar de tristeza, o aspecto de vencidos que, em regra, caracterizam os funcionários públicos de todos os paises. Imaginamos que os homens de espiritos, conscientes do seu valor, aspiram sempre, senão ás situações de dirigentes, ao menos, áquelas em que possam afirmar-se melhor, deixando a marca das suas personalidades.

Machado de Assis parece conformar-se facilmente com o proprio destino. Dir-se-ia que não desejou outra cousa na vida além de um emprego

de Secretaria. Talvez, a humildade das origens é a pobreza da primeira fase da vida tivessem conseguido amortecer o que haveria de revolta no espírito de Machado de Assis, legando-lhe apenas a amargura. Termina por perder as ambições e resignar-se á fatalidade das cousas. Ademais, foi sempre tímido e contemplativo, incapaz de agir, fechado comsigo mesmo, desconfiado e distante. Julgo que afóra a amizade terna e casta de sua Carolina, nenhum perfume de mulher se lhe embebeu na alma.. Muitas vezes, perturbou-lhe passageiramente os sentidos. Os seus versos de amor são geralmente frios e artificiais; não parecem traduzir ânsias, desesperos, a delícia e a tortura de um sentimento que se viveu e que deixa n'alma indelevel sulco. Cantou o eterno feminino, como todos os poetas o cantam, e, por isto mesmo, não consegue comover o coração. Adeja-lhe em derredor sem o penetrar: *circum pericordia laudit...*

Quem nunca se entregou em cheio ás mulheres, difficilmente estimará os homens. Creio, Machado de Assis não teve um amigo, que fosse mais do que simples relação intellectual. Tomaria para si o conselho falso e egoísta de Fradique moço: "o homem não se deve mostrar aos seus semelhantes senão única e serenamente occupado no officio de reinar, isto é, de pensar..." No íntimo, duvidava dos homens, como duvidava das mulhe-

res, da humanidade toda, e a filosofia de sua obra consiste, em suma, nesta dúvida. Receava o ridículo de um logro ou de uma decepção. Ha um conto seu, um pouco á maneira de Edgard Poe, em que êle estuda a situação de um desconfiado — *A Segunda Vida*. E' a história de um louco, que supõe ter morrido e depois, por concessão especial do Padre Eterno, em dia de jubileu divino, ter nascido novamente, com a vantagem da experiência dos homens e das cousas. Infernal tortura. Desconfia de tudo e todos, de uma rosa que pode guardar inseto venenoso entre as pétalas, do olhar de uma mulher, do riso de uma creança, da amizade de um amigo... Salvo o exagero da ficção, Machado foi um pouco assim. Desconfiava de tudo e, porque não era louco e tinha espírito, sorria e filosofava através das suas dúvidas e desconfianças. Os seus livros, ou pelo menos, os livros de sua definitiva feição literária, não têm heróis. Machado de Assis não os conhece ou não os estima. Como Paulo Luiz Courier, desconfiava dos grandes homens. Um Napoleão épico, de Austerlitz ou Iena, talvez não o impressionasse; a sua curiosidade pérfida quizera vê-lo de perto, sem o chapéu armado e a *pose* fatal, no desalinho doméstico, simples senhor Bonaparte, marido da senhora Josefina, feito da argila comum, com os pequenos vícios, as vaidades estultas, o orgulho vão dos outros homens. Braz Cubas inventa um

emplastro — Machado de Assis sorri maliciosamente por todo o livro. Quincas Borba crêa um novo sistema filosófico — Machado não o perdôa e acaba por interná-lo no Hospício de Alienados... O homem é um mecanismo interessante que êle gosta de desmontar para estudar, sobretudo, o jôgo das pequenas peças.

Não no iludem as atitudes, nem no comovem os largos gestos. Quer conhecer-lhe os motivos ocultos, analisar-lhes o determinismo psicológico. Procura ver por si, mas não vê de uma vez, num relance de olhos. Falta-lhe a faculdade que Taine descobria em Saint-Simon e Shakespeare, de penetrar violentamente na alma alheia. Seguirá antes o processo que aquêle crítico attribuia a Balzac: não pinta os homens, disseca-os: um músculo, uma veia, um nervo, só chegando ao cérebro e ao coração, depois de percorrido o círculo integral dos órgãos e funções.

As figuras dos seus últimos livros são figuras miúdas, de extrema mediocridade. Ele é sempre o analista das nuances, das sutilezas, das pequenas misérias e dos ridículos humanos. Poeta, a inspiração não se lhe eleva, não tem um momento de grandeza ou eloquência; o seu lirismo é sempre sóbrio e igual. Passa através de Hugo, da geração de Castro Alves e dos *condoreiros*, quasi sem vibrações e sem entusiasmos. Estraanha figura! Vive 70 anos, no Rio de Janeiro,

do Ministério para a livraria Garnier e o retiro das Aguas Férreas, sem curiosidades alheias á sua arte. Não deseja ir á Europa, que é a patria do seu espirito, ter contacto com outros países e costumes; desconhece São Paulo e os aspectos de nossa vida rural, as possibilidades do nosso desenvolvimento e civilização. Dir-se-ia que fóra dos livros e do mundo das idéas, nada existe para êle, e que pouco lhe importam as nossas cousas, os problemas da nossa vida. Fecha-se dentro de sua arte, surdo ao rumor do mundo. Que da República pensaria Machado de Assis? perguntou Eça uma vez. Que pensaria do Império, da Abolição, de Canudos, da Revolta de Setembro? Ninguém sabe; em seus livros ha reminiscências da escravidão, mas reminiscências tranquilas de artista, que apenas contempla os fenômenos sociais e não aplaude nem os condena. O estranho movimento de Canudos, que valeu a Euclides da Cunha o mais forte livro da nossa literatura, merece de Machado de Assis algumas páginas irônicas (*Páginas Recolhidas*) em torno da figura do Conselheiro. O Encilhamento foi, talvez, o fenômeno da vida nacional que mais o interessou. Ha em diversos livros seus figuras de corretores, histórias de Bolsa, de fortunas fabulosas, que se fizeram e desfizeram num dia, como uma especie de obsessão de burocrata romântico...

Não me inspira simpatia este aspecto do gênio de Machado de Assis. Afigura-se-me, de algum modo, manifestação de egoísmo e misantropia. Num país de velha civilização e cultura sedimentada, explica-se a existência de puros homens de letras, encerrados em suas torres de marfim. Completam o ritmo das cousas e a propria entrosagem social. Numa terra como o Brasil parecem não ter função. São valores negativos, um tanto lunáticos. Julgamo-nos, embora absurdamente, no direito de exigir-lhes que ponham a sua inteligência a serviço ativo da coletividade. A filosofia negativa da dúvida e do cepticismo ainda é mais absurda na América do que na Europa.

Ha sempre no mais pacifico e abstrato dos homens uma idéa de natureza política, um programa de reformas, uma revolta contra os erros e os crimes contingentes e um vago desejo de concertar as cousas. De Machado, não se sabe nada. Atravessa os períodos mais agitados da nossa vida pública, é testemunha de tantas coisas tristes ou más, sem que se lhe ouça uma palavra de aplauso ou condenação. Faltar-lhe-ia, fico a pensar, verdadeira personalidade moral, distinta e forte, capaz de se afirmar e de se impôr. Foi simples e absurdamente um intelectual, um espírito, uma inteligência, que se fez homem. Poder-se-ia aplicar-lhe sem grande maldade, e in-

vertendo-a, a frase celebre de Pascal: “supunhamos encontrar um homem, e achamos apenas um autor...”

Mas eu divago, exigindo de um intelectual preocupações sociais e políticas. Contentar-meia, entretanto, para o meu gosto pessoal, se encontrasse na obra de Machado de Assis mais forte sensibilidade aos fenômenos da vida ativa. Não era necessario que fizesse panfletos ou jornalismo político. A própria obra d'arte pode ser um instrumento de divulgação de idéas e meio de agir. Não se deve, contudo, concluir das minhas palavras que a obra de Machado de Assis não tenha limites no espaço e no tempo, e que as figuras, por êle estudadas, tanto possam ser brasileiras como de qualquer outra nacionalidade. Não. Os heróis dos seus livros são perfeitamente nossos; existiram, ou poderiam ter existido no Brasil, ou melhor, no Rio de Janeiro, seu cenário único, de que gosta de evocar, numa saudade de velho, as velhas ruas e os velhos costumes, indiferente, todavia, á incomparavel paizagem da cidade. Mal, porém, os encara, como tipos curiosos aos vagares de um psicólogo; não lhe importa o meio que os condicionou, nem o interessa indagar as origens sociais de suas virtudes e seus vícios. O mal dos *virtuoses* extremos, da especie de Machado de Assis, é a obsessão da arte pela arte. Não compreendem jamais que esta possa ser um

meio para um fim de utilidade social. Todavia, não quero insistir neste aspecto do gênio de Machado. Lembro-me sempre de um sábio conselho de São Francisco de Sales: “algumas pessoas gostam de julgar temerariamente pelo simples prazer de filosofar e adivinhar os costumes e temperamentos alheios. Quando, por ventura, encontram alguma verdade nos seus julgamentos, a audácia e o apetite de continuar crescer-lhes de tal maneira que é difícil detê-los...”

Um estudo sobre Machado de Assis deve consistir na análise objetiva de sua obra, e para semelhante estudo, o método mais fácil e fecundo é o de acompanhá-la sistematicamente nas diversas manifestações. Foi poeta, escritor de teatro, romancista, *conteur* e crítico, e como poeta, comediógrafo, romancista, *conteur* e crítico, deve ser estudado.

O POETA

Machado de Assis não é grande poeta. O maior dos nossos escritores, o perfeito mestre da prosa, poderá ser simplesmente um poeta correto.

Consiste a poesia, em toda a parte e através de todas as escolas, na profundidade dos sentimentos e na emoção e calor da forma. Machado, sendo menos superficial do que a maioria dos poetas brasileiros, não tem, entretanto, o verdadeiro sen-

timento poético. Foi um temperamento frio, pouco emotivo, irônico e céptico — virtudes negativas para a poesia. Pode rimar impecavelmente, sem elevar-se muito desta habilidade. As qualidades de sua poesia são qualidades de prosa; medida, graça, bom gosto e correção de linguagem. Sente-se á primeira leitura que não é a poesia sua expressão natural. Não pensa em verso; não se cristaliza o pensamento nesta forma artística. Por mais profundamente que se adquira uma linguagem estrangeira, guarda-se sempre o sotaque do idioma materno, um quê longínquo, que vale como o sinal psicológico, a ultima raiz que prende os homens á patria de origem. Machado, na poesia, fala língua estrangeira. Conhece a métrica, decorrendo-lhe os versos naturalmente, sem grande esforço aparente. Não escrevia, como Pöe, seus poemas em prosa, para medí-los e rimá-los cuidadosamente. A tradução de seu pensamento é toda interior, mas sempre uma tradução. Um poeta que escreve prosa fica sempre poeta; traz para esta o ritmo, as imagens, a verbosidade e a emoção dos poemas. Não engana, pelo menos, aos bons julgadores. É o caso de Victor-Hugo, Lamartine e Musset ou, entre nós, de Castro Alves e Álvares de Azevedo. Verifica-se o fato igualmente com os prosadores de raça que tentam a poesia.

O que mais distingue Machado de Assis entre nossos poetas é a preocupação das idéas. Na prosa, como na poesia dos últimos tempos, tem sempre o que dizer; não disfarça a falta de idéas através da abundância e brilho da roupagem. Em tudo o que escreveu, encontramos a substância, a coisa em si, como diriam os metafísicos kantianos, traduzida superiormente na liberdade da prosa toda sua, cheia de matizes, meias-tintas e reticências, que deixam adivinhar mais do que está escrito. Mas esta filosofia negativa da dúvida, aliás sem profundidade extraordinária, que se mede e restringe, não saber gritar e apenas sorri, fica deslocada no verso. O poeta deve ter os pensamentos extremos, a sensibilidade violenta, a coragem de se afirmar fortemente na alegria e na dôr. É um senhor do mundo, que êle destrói e refaz a qualquer momento. Se duvida e se contém, se não se liberta da moldura do comum dos homens, falha á propria missão e mal aflorará a sensibilidade alheia.

Num país que se supõe, de poetas, ha, em verdade, raríssimos poetas, na acepção verdadeira da palavra, ou, pelo menos, na acepção que Carlyle e Emerson lhe atribuíam: entes extraordinários, semi-deuses, “que vêem as cousas que os outros apenas sonham” que “dizem, nomeiam e representam o Belo”. Temos homens de talento que, diria ainda Emerson, cantam sem ser filhos da poe-

sia, retóricos que confundem a eloquência com a poesia, ourives do verso, para os quais é cousa secundária o pensamento.

José Veríssimo escreveu algures: “com todas as suas brilhantes e raras qualidades de emoção, faltou sempre á poesia brasileira profundidade de sentimento; eloquente até a facúndia, exuberante, colorida e vistosa, carece, por via de regra, de intensidade na emoção e sobriedade na expressão”. Este é, realmente, um dos seus melhores tipos, o mais comum, o mais sincero e representativo da índole da raça. Nós julgamos a veemência das imagens, as riquezas verbais, as ousadas eróticas, sentimento poético, e, generosamente, chamamos poetas todos os rimadores vagos que não se elevam do lirismo piegas ou do malabarismo de palavras vãs. Outro tipo de poeta brasileiro é o rimador frio de futilidades, retórico e gramático, Boileau ou La Harpe, que se julga Corneille ou Racine. Durante o romanticismo dominou o primeiro; ao lago de Álvares de Azevedo, Castro Alves e alguns outros “filhos legítimos das musas”, abundaram os cantadores de Elvíras palidas. Com o parnasianismo, dominou o segundo; ao lado de Raimundo Corrêa, Olavo Bilac e outros, multiplicaram-se os ourives, artífices e não artistas. Vieram depois os simbolistas, os futuristas, imitadores melhores ou piores dos modelos francêses. Machado de Assis, que na poesia se livrou dos ex-

tremos, — teve idéas e foi sóbrio na expressão, — poderia ter sido grande poeta, se semelhantes requisitos bastassem para fazer um poeta e não fosse necessário, sobretudo, a centelha, o fogo divino.

Quatro são seus volumes de versos. *Crisalidas* é o livro de estréia; seguem-se-lhe *Falenas*, *Americanas* e na última fase de sua carreira literária: *Ocidentais*. Não me parece possível distinguir entre si os dois primeiros livros; obedecem á mesma inspiração e aos mesmos processos. Há em ambos um lirismo sereno e igual, um tanto monótono e que hoje nos fatiga. José Veríssimo chamou-lhe com acerto lirismo garretiano. Realmente, Garrett é o poeta que Machado, nesta primeira fase, mais nos lembra. A influência de Gonçalves Dias far-se-á sentir mais vivamente no indianismo das *Americanas*. José Veríssimo ainda filiou a poética de Machado a Lamartine, Musset, Chénier e Castilho. Creio que é muito longínqua a analogia entre o poeta brasileiro e os mestres do romantismo francês. Será uma aproximação antes genérica do que específica. Aos seus versos faltam a melancolia íntima de Lamartine, os desesperos talvez um pouco falsos do grande romântico, como falta a graça comovida de Musset ou Chénier. O que de mais característico se póde encontrar na poesia de Machado de Assis é a sobriedade da forma e o equilíbrio da

emoção. Defluem-lhe as estrofes límpidas e serenas, frias e perfeitas. Abro ao acaso as *Crisálidas* e cito qualquer poesia — *Stela* ou *Musa Consolatrix*. Da primeira:

— Já raro e mais escasso
A noite arrasta o manto,
E verte o ultimo pranto
Por todo o vasto espaço.

.....

Da segunda:

— Que a mão do tempo e o hálito dos homens
Murchem a flor das ilusões da vida,
Musa consoladora,
E' no teu seio amigo e socegado
Que o poeta respira o suave sono.

.....

Em *Falenas*, poderia citar também as inúmeras estrofes de *Pálida Elvira*:

Quando, leitora amiga, no ocidente
Surge a tarde esmaiada e pensativa;
E entre a verde folhagem rescendente
Lânguida geme viração lasciva;
E já das ténues sombras do oriente
Vem apontando a noite, e a *casta diva*
Subindo lentamente pelo espaço,
Do céu, da terra observa o estreito abraço;

.....

Quer em *Crisálidas*, quer em *Falenas*, a maior parte dos versos tratam de assuntos amorosos. Machado de Assis canta o amor e as mulheres, como todos os poetas, mas deixa, a quem o lê, a impressão de que não canta os próprios sentimentos. Aqui, ali, entretanto, se encontram toques mais quentes ou mais vivos, a lhe encresparem versos. Em *Visio*, por exemplo:

— Depois, naquele delírio,
 Suave, doce martírio
 De pouquíssimos instantes,
 Os teus lábios sequiosos,
 Frios, trêmulos, trocavam
 Os beijos mais delirantes,
 E no supremo dos gozos
 Ante os anjos se casavam
 Nossas almas palpitantes...

.....

O meu apreço por Machado de Assis não me pôde levar a afirmação, contra a minha sensibilidade, de que esses versos, que leio e releio, sejam de um grande poeta.

Parecem-me trechos de prosa rimada com evidente dificuldade. Em *Crisálidas*, de 1864, Machado de Assis tenta, por vezes, a poesia épica, ao gosto do momento. Paga o seu tributo ao México e ao martírio da Polônia. Mas, ainda aqui, não

consegue atingir á verdadeira e grande poesia. Basta comparar, um momento, os poemas de Castro Alves, *Vozes d'África*, ou o *Navio Negreiro*, com as estrofes de Machado ao México ou á Polônia. No *Epitáfio do México*:

— Dobra o joelho: é um túmulo.
Em baixo amortalhado
Jaz o cadaver tépido
De um povo aniquilado;
A prece melancólica
Reza-lhe em torno á cruz....

.....

Na *Ode á Polônia*:

— Como aurora de um dia desejado,
Clarão suave o horizonte inunda.
E' talvez a manhã. A noite amarga
Como que chega ao termo; e o sol dos livres,
Cançado de te ouvir o inutil pranto,
Alfim resurge no dourado oriente.

Americanas, como o proprio título indica, obedecem á inspiração indígena, ao sentimentalismo então em voga. Constan de longos poemas, longos e monôtonos, onde o poeta decanta as virtudes tão duvidosas do índio brasileiro. Apesar de todas as qualidades de expressão, difficilmente hoje, conseguimos lê-los.

Ocidentais, seu ultimo livro de versos, pertencem á idade madura, quasi á velhice. O espirito de Machado de Assis atingira o ponto extremo de sua evolução. E' então (1901) o mestre incontestado da literatura brasileira. Na prosa, dera os seus livros perfeitos, as suas verdadeiras obras-primas — *D. Casmurro*, *Braz Cubas* e *Quincas Borba*. Liberto de qualquer coloração romântica, em plena independência de escolas e preconceitos, tornara-se o prosador e o humorista cheio de graça e agudeza que foi até o último livro, nas vésperas da morte. Em *Ocidentais*, abandona tambem o lirismo romântico dos primeiros tempos e o indianismo das *Americanas*. O parnasianismo exerce na maneira de sua poesia a mesma influência discreta e temperada que o naturalismo exercera em sua obra de prosador. É perfeita a forma; conhece e vence todas as dificuldades da técnica. Mais vivamente do que nunca, domina-o a preocupação das idéas gerais. É um pensador que despreza a Natureza; o sentido dos seus versos perde em lirismo o que ganha em profundidade de pensamento. Nesta derradeira fase poética, lembra-nos Antero do Quental, sem a dolorosa inquietação do genial português, e mais descrente do proprio esforço para penetrar o eterno da vida.

São desta época algumas poesias célebres: *A Mosca Azul*, *o Círculo Vicioso*, *O Desfecho*, em

que são análogos os temas: a impotência humana, o ridículo das ambições e os desesperos da dúvida, os mesmos motivos que preocupam e agitam Antero do Quental. O *Círculo Vicioso* evoca a *Divina Comédia* de Antero. Cito ambos. O primeiro:

— Bailando no ar, gemia inquieto vagalume:

“Quem me dera que fôsse aquela loura estrela,
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela!”
Mas a estrela, fitando a lua, com ciume:

“Pudesse eu copiar o transparente lume,
Que, da grega coluna á gótica janela,
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela!”
Mas a lua, fitando o sol, com azedume:

“Mísera, tivesse eu aquela enorme, aquela
Claridade imortal, que toda luz resume!”
Mas o sol, inclinando a rútila capela:

“Pesa-me esta brilhante auréola de nume,
Enfara-me esta azul e desmedida umbela,
Porque não nasci eu um simples vagalume?”

O segundo:

— Erguendo os braços para o ceu distante
E apostrofando os deuses invisíveis,
Os homens clamam: “Deuses impassíveis
A quem serve o destino triunfante,

Porque é que nos criastes? Incessante
Corre o tempo e só gera, inextinguíveis,
Dôr, pecado, ilusão, lutas horríveis
Num turbilhão cruel e delirante.

Pois não era melhor na paz clemente
Do nada e do que ainda não existe
Ter ficado a dormir eternamente?

Porque é que para a dor nos evocastes?"
Mas os deuses, com voz ainda mais triste,
Dizem: "Homens! Porque é que nos criastes?"

No *Círculo Vicioso*, Machado de Assis revela a inanidade das ambições humanas, o incurável desconcerto da vida; na *Divina Comédia*, Antero traduz o desespero dos homens, as sombrias dúvidas que lhe martirizavam a própria alma. Vêm ambos da mesma filosofia amarga e pessimista de Leopardi e Schopenhauer. Em Antero toma a forma de aflição e revolta íntimas; em Machado de Assis, a de um cepticismo desencantado que se oculta sob a máscara da ironia. Repito com as *Ocidentais* a mesma experiência feita com os outros livros de versos de Machado de Assis. Releio-as, lenta e atentamente, e mais uma vez verifico o mesmo resultado: não me emocionam. Alguns versos fazem-me pensar, como o faria uma página de Schopenhauer ou de Emerson. Outros

são realmente belos, como os da tradução do *Corvo*, de E. Pöe. Parece-me que Machado nas *Ocidentais* é ainda menos poeta que em *Falenas* ou *Crisálidas*; tem menor frescura e espontaneidade. Sente-se que diria melhor em prosa o que disse em verso. No *Círculo Vicioso* mesmo, ha certo preciosismo, que nos deixa a impressão de êxito conseguido. Contudo, nada disto não significa que não se incluam, entre os seus poemas, alguns impecaveis. O soneto a Carolina é uma obra prima, digna de figurar nas antologias, ao lado dos sonetos de Camões e de Bocage.

O ESCRITOR DE THEATRO

Machado de Assis não foi propriamente um escritor de teatro. O seu dialogo é facil e espontâneo, e evidente a sua capacidade de observador e psicólogo; no entanto, falta-lhe a técnica do officio. Aliás, êle mesmo não se iludia sobre as suas faculdades de dramaturgo ou comediógrafo. As suas pequenas comédias são sainetes ou provérbios, apólogos dialogados, cheios de graça e malícia encantadoras. *Não consulte medico* e *Lição de Botânica* têm o mesmo brilho a mesma suavidade de uma pequena comédia de Musset, por exemplo, *On ne badine pas avec l'amour*.

Machado de Assis foi, sobretudo, um estilista emérito, excelente *conteur* e romancista de pri-

meiro plano. Creio que ainda mais *conteur* do que romancista, desde que o romance tem na literatura moderna precisa significação. Se escrevesse em língua mais divulgada do que a nossa, seria, certamente, uma gloria da literatura contemporânea.

O ROMANCISTA

De algum modo, pode-se dividir a obra de prosador de Machado de Assis em duas partes: a da fase romântica, que compreende os romances *Resurreição* (1872) *A Mão e a Luva* (1874) *Helena* (1876) e *Yá-yá Garcia* (1878), os primeiros livros e contos, *Histórias da Meia-Noite* (1869) e *Contos Fluminenses* (1873) e a da fase que, em falta de nome mais adequado, chamemos realista, que começa com as *Memórias Póstumas de Braz Cubas* e vem, através de *Quincas Borba* (1891), *D. Casmurro* (1899), *Esau e Jacó* (1904), até o *Memorial de Aires* (1908), e á qual pertence a maior parte dos contos de *Papeis Avulsos* (1882) e *Histórias sem data* (1884) *Várias Histórias* (1904), *Relíquias de Casa-Velha* (1906) e a derradeira coletânea, de publicação póstuma, *Outras Relíquias* (1910).

Em *Resurreição*, *Helena* e *A Mão e a Luva*, segue Machado de Assis, mais ou menos, os processos românticos. São todas novelas romanes-

cas, no estilo da época. Entretanto, no próprio romantismo, Machado de Assis é o menos romântico dos nossos escritores, o mais medido e o mais discreto. Simples a sua ficção e das mais sóbrias a sua forma de narrar. Falta-lhe o gosto do pitoresco e do patético. *Helena* que lhe foi, segundo confissão sua, livro particularmente prezado, é uma singéla história de amores. A narração desenvolve-se logicamente, sem grande esforço, entre duas personagens principais, Helena e Estácio, e algumas figuras de segundo plano. Como *Helena*, *A Mão e a Luva* é uma história romântica. *Yáya Garcia*, um pouco diferente, traduz, antes, certa fase de transição entre o romantismo e o humorista que vai surgir. Machado possuía virtudes que, em regra, faltavam aos nossos romancistas da escola romântica: o cuidado da realidade na ação e nos caracteres, a sobriedade do estilo e o apuro da forma.

Não é fácil determinar a filiação literária de Machado de Assis no primeiro período da sua carreira. Todos os romancistas da escola romântica se parecem como depois e mais intimamente se assemelharão os escritores realistas. Os seus mestres poderiam ter sido os novelistas francêses, e estou que Feuillet e George Sand mais do que quaisquer outros. Talvez não tivesse lido ainda Balzac, Stendhal e Flaubert, e, de certo, desco-

nhecia os humoristas inglêses. No Brasil apareciam então os primeiros romances de costumes, com os livros de Manoel de Almeida, Macedo e Alencar. Machado de Assis segue o veio, não indo, todavia, muito longe. Não poderá ser nunca um româncista de costumes; como acontecia com Benjamin Constant e Stendhal, o homem interessava-o apenas no seu aspecto de máquina pensante. O enredo, obrigatorio no romance, parece prender-lhe os movimentos. No conto, o seu espirito e o seu gosto de curioso e analista de caracteres ficam mais á vontade. E' por este tempo, que, dentro do proprio romântismo, se podem encontrar em Machado de Assis os primeiros pruridos de independência literária; mas perde-se ainda, em atalhos, apalpa o terreno, em busca do verdadeiro caminho. Tomo um volume de contos — *Contos Fluminenses* — de 1872. Trata-se de uma coleção de histórias romanescas. Estão embrionárias as excelências do futuro prosador. É ainda deselegante a língua, impreciso o estilo, sem vida o diálogo e demasiado curtos os paragrafos, como, em regra, os dos principiantes e dos escritores sem espontaneidade. Abro o livro no "Segredo de Augusta" e encontro períodos como estes:

"Fechou a carta e mandou-a.

Pouco depois voltaram de fóra Augusta e Lourenço.

Emquanto Augusta subia para o quarto de *toilette* para mudar de roupa, Lourenço foi ter com Adelaide que estava no jardim.

Reparou que ela tinha os olhos vermelhos e inquiriu a causa; mas a moça negou que fosse de chorar.

Lourenço não acreditou nas palavras da sobrinha, e instou com ela para que lhe contasse o que havia. . . .”

Como forma, evidentemente, tais coisas estão mais próximas do *Moço Louro* do que do *Memorial de Aires*. . . . A maior parte dos contos de Machado de Assis, nesta época, é escrita no mesmo estilo: toada monôtona de medíocre narrador romântico. Mas através de semelhantes defeitos de expressão, aqui, além, se revela o humorista de *Braz Cubas*, o observador sagaz e esperto dos últimos livros. *Confissão de uma jovem viuva*, por exemplo, é um estudo penetrante.

Com as *Memórias Póstumas de Braz Cubas*, publicadas em 1881, observou, em verdade, José Veríssimo, rompe Machado de Assis os últimos laços que o prendiam ao romantismo. Livro típico, onde se revela todo o primor do artista na definitiva integração de seu gênio. E' perfeita a forma. Ninguém no Brasil escreveu com tamanha graça e harmonia. Não tem a poderosa eloquência de Rui Barbosa nem a vibração de Euclides da Cunha, os outros dois mestres contemporâ-

neos das nossas letras. Escreve como um grego ou como um francês dos séculos XVII e XVIII. Legítimo herdeiro da elegância, da finura, da medida, da graça de Montaigne, de La Bruyère ou de Anatole France. Não se registam, na literatura contemporânea, muitas páginas mais belas do que as do *Memorial de Aires* ou das *Relíquias da Casa Velha*. Não podem ficar modelos de estilo, períodos como estes do *Memorial de Aires*, aberto ao acaso?

“Papel, amigo papel, não recolhas tudo o que escrever esta pena vadia. Querendo servir-me, acabarás desservindo-me, porque se acontecer que eu me vá desta vida, sem tempo de te reduzir a cinzas, os que me lerem depois da missa do sétimo dia, ou antes, ou antes ainda do enterro, podem cuidar que te confio cuidados de amor.

Não, papel. Quando sentires que insisto nesta nota, esquiva-te da minha mesa, e foge. A janela aberta te mostrará um pouco de telhado, entre a rua e o céu, e ali ou acolá, acharás descanso.

Comigo, o mais que podes achar é esquecimento, que é muito, mas não é tudo; primeiro que êle chegue, virá a troça dos malévolos ou simplesmente vadios...”

Das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em diante, começamos a sentir em Machado de Assis a influência do humorismo inglês. Lembra Thackeray, Dickens, Swift e Sterne mais do que todos.

Por este tempo também, deve ter conhecido os realistas franceses, Balzac, Flaubert, Stendhal e, principalmente, Merimée, que êle nos recorda pela susceptibilidade, extrema reserva e desconfiança, e pelo gosto da frase simples e curta. Quem quizesse defini-lo, como pitorescamente, Guerra Junqueiro definiu Fradique Mendes, diria que foi um complexo de Voltaire, de Stendhal, de Merimée e de Sterne, amargurado nas leituras do Eclesiastes, de Schopenhauer e dos humoristas ingleses, e plasmado depois na forma, por exemplo, que modelou Anatole France. Esta estranha criatura, para maior estranheza, teve de viver numa radiante cidade tropical, entre retóricos, declamadores, bachareis e amanuenses burocratas...

As *Memórias de Braz Cubas*, como *Quincas Borba* e *D. Casmurro*, constituem, disse José Veríssimo, a epopéa da irremediável tolice humana. Uma história singela a deste Braz Cubas, sem enredos nem complicações dramáticas. No fundo, como quasi todos os livros de Machado de Assis, não passa de simples diário de uma vida burguesa e mesquinha. Os próprios amores adúlteros de Braz Cubas e Virgília são suaves e quasi honestos. Não ha uma gota de sangue, um gesto de tragédia, uma exclamação. Braz Cubas escreve as suas memórias... póstumias. O livro começa, pois, pela morte do autor, "às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de Agosto de 1869".

Morreu de uma pneumonia, ou antes, de uma idéa grandiosa que se lhe pendurara ao "trapézio que tinha no cérebro". Desta forma, é um defunto autor ou um autor defunto, que nos fala... E' insólito o livro; começa pelo fim, não tem método aparente, pois, diz o proprio Braz Cubas, que "isto de método, sendo como é uma cousa indispensavel, todavia, é melhor tê-lo sem gravata nem suspensórios, mas um pouco á fresca e á solta, como quem não se lhe dá da vizinha fronteira, nem do inspetor de quarteirão."

Entretanto, sob esta forma livre, que lembra Sterne, nenhum livro mais amargo e perverso. Braz Cubas é uma figura querida á análise de Machado de Assis: um impotente da vontade, quasi um abúlico, que se deixa levar na onda da vida, com um sorriso descançado e céptico. Vale a pena lutar; vale a pena um esforço? As cousas más acontecem sempre; as boas podem, ás vezes, acontecer. Os homens são pérfidos e egoistas. Ninguem os corrigirá. Ha sempre vantagem em ser mau ou tal fingir... Esta é a filosofia de Braz Cubas, e é tambem um pouco a de Machado de Assis. Em 382 paginas das *Memórias de Braz Cubas*, não se nos depara um gesto de nobreza ou um movimento de piedade humana. Compõe-se toda obra de uma sucessão de capítulos curtos, ás vezes, simples reticências, onde se casam a dúvida, a desconfiança e a deslealdade.

Faz mal a quem lê este humorista cheio de pessimismo. Sentimos mais pesado do que nunca o tédio de viver. Se a humanidade é toda assim, tinha razão o Conselheiro Aires: a vida é ofício cansativo. Braz Cubas é honesto e digno. Uma vez que um almocreve lhe salva a vida, êle quer recompensar com três moedas de ouro o ato generoso. Está aí seu primeiro gesto de gratidão; no entanto, medita, hesita, e vai reduzindo lentamente a gorgeta. Acaba por dar ao almocreve um cruzado de prata; o pobre homem fica radiante. Braz Cubas arrepende-se. Foi de prodigalidade idiota. Bastariam alguns vintens. Tem remorsos da própria generosidade... De outra feita, encontra uma moeda de ouro; mete-a numa sobrecarta e manda-a ao Chefe de Polícia, para que seja restituída ao seu legítimo dono. Viva a probidade! Os jornais decantam o gesto nobre. Braz Cubas tem um momento de celebridade. Dias depois, topa na praia do Botafogo com um embrulho misterioso. Abre-o. São cinco contos de réis. Que fazer? Restituí-los ao dono? Nunca; são seus, bem seus, como uma sorte tirada na loteria. "Estes cinco contos, diz êle, hei de empregá-los em alguma bôa ação, talvez um dote a alguma menina pobre ou outra cousa assim..." Na mesma tarde, em que fazia essas reflexões, foi levar o dinheiro á sua conta corrente no Banco do Brasil...

E a história da borboleta preta? E' um pequeno fato, perdido no livro, mas que vale como um simbolo. Uma borboleta penetra do quarto de Braz Cubas, esvoaça em torno, pousa-lhe no hombro. Impertinente e agoureira. No bater das asas havia um certo *ar escarninho*. Braz Cubas persegue-a com uma toalha, matando-a. Agonia lenta e dolorosa. Braz Cubas comove-se: que mal lhe fazia o pobre animalzinho? Mas vêm-lhe logo a reflexão e o consolo: porque diabo a borboleta não era azul?

Quincas Borba e *D. Casmurro* são irmãos gêmeos das *Memórias Póstumas de Braz. Cubas* Emanam da mesma filosofia amarga e guardam a mesma forma humorística; ha nêles, como nos outros livros de Machado, mil pensamentos profundos, numerosas observações verdadeiras e pungentes, pequenas anedotas semelhantes ás do almoceve e da borboleta. *Quincas Borba*, capitalista e inventor de um sistema filosófico — *Humanitas* — deixou em testamento a fortuna, a filosofia e o cão, que lhe herdou o nome e que empresta ao livro, ao seu amigo Rubião. E' este tambem um vencido; vive explorado por todo o mundo e acaba louco e miseravel, numa velha casa de Barbacena. *D. Casmurro* é uma pobre alma sem vontade, afetuosa e bôa. Que lucrou com isto? Capitú, que êle amou desde creança, através da má vontade de José Dias e dos seus superlativos, e com os seus

“olhos de ressaca que arrastavam para dentro como a vaga que se retira da praia em dias de ressaca”, o trae com o seu amigo único, o Escobar. O filho, Esequiel, a esperança e a alegria da vida, é filho de outro, do amigo.

Nos ultimos romances: *Esau e Jacob* e *Memorial de Aires*, atenúa-se o pessimismo de Machado de Assis, que abandona o tom quasi sarcástico de *Quincas Borba* e *Braz Cubas*. Menos viva se nota a influência dos humoristas inglêses e chega-se a pensar que se reconciliou com o mundo e com a vida. O *Memorial de Aires* é mesmo um livro comovido e humano, escrito com delicadeza e suavidade encantadoras que me lembram, a todo o momento, a dôce ternura do *Crime de Silvestre Bonnard*, de Anatole France. Só os dois grandes mestres da ironia e da piedade poderiam prender-nos o interesse e a curiosidade, em torno da história simples da *Buche*, de *Jeanne Alexandre* e do diário do Conselheiro Aires, porque são dos últimos que conhecem o segredo da finura, da graça, da sobriedade e da delicadeza. O *Memorial de Aires* foi inspirado pela saudade da esposa e companheira que se partira; tem, assim, certos toques de emoção pessoal, que Machado evitara sempre. Vingam-nos do pessimismo de *Braz Cubas* e traz-nos o gosto de viver. Invejamos a felicidade tranquila e casta do casal Aguiar, que o velho diplomata, Conselheiro Aires, descreve com sincero enternecimento.

Ha, enfim, algumas pessoas puras e boas, que não vivem na malícia e na desconfiança reciproca.

O ESCRITOR DE CONTOS

Como escritor de contos, reafirma-se Machado de Assis, na segunda fase de sua carreira literária, o humorista e o pessimista de *Braz Cubas* e *D. Casmurro*. Já se entremostrara em alguns trabalhos dos primeiros livros, na *Teoria do Medalhão* e no *Alienista*, o ironista consumado que veio a ser depois. Desde os *Papeis Avulsos*, de 1882, até a ultima coleção de contos — *Relíquias de Casa Velha* — suas pequenas novelas refletem a mesma filosofia dos seus grandes romances. São todas análises penetrantes e pungentes, ás vezes burlescas, outras vezes, tetricas, de caracteres e temperamentos. Revela-se Machado mestre consumado do conto. Póde ser comparado a Maupassant, a Daudet e a Eça de Queiroz, cada um, com seus processos literários e sua visão pessoal da vida. Qualquer dos seus contos vale como um modelo do gênero. Em *Várias Histórias*, por exemplo, recordo-me, no momento, da *Cartomante*, da *Causa Secreta* ou do *Enfermeiro*. Em *Páginas Recolhidas*, do *Caso da Vara*, uma das histórias mais dolorosas que tenho lido, na sua calculada simplici-

dade, um símbolo do egoísmo e da covardia humanas.

Damião fugiu do seminário, para onde não desejava voltar. Procura a proteção de Sinhá Rita, viuva querida de João Carneiro, padrinho de Damião, e cuja intervenção poderá evitar para sempre o seminário. Sinhá Rita vivia de ensinar rendas e bordados. Entre suas discípulas havia uma pequena escrava: Lucrécia, de onze annos, "magricela, um frangalho de nada, com uma cicatriz na testa e uma queimadura nas mãos, tossindo muito, mas para dentro, para não incomodar os outros". Rita não lhe poupava os gritos e a vara de marmelo. Naquella noite, a pobresinha, distraída pela chegada de Damião, não acabara a tarefa. A vara ia vibrar. Damião resolve interceder junto de Sinhá Rita; era uma barbaridade... Sinhá Rita devia salvá-lo também do seminário. Não importa! Damião encontrará na sua piedade a necessária coragem.

"Era a hora de recolher os trabalhos. Sinhá Rita examinou-os; todas as discipu'as tinham concluido a tarefa. Só Lucrécia estava ainda á almofada, meneando os bilros, já sem ver; Sinhá Rita chegou-se a ella, viu que a tarefa não estava acabada, ficou furiosa, e agarrou-a por uma orelha.

— Ah! malandra!

— Nhanhã, nhanhã! pelo amor de Deus! por Nossa Senhora que está no ceu!

— Malandra! Nossa Senhora não protege vadias!

Lucrécia fez um esforço, soltou-se das mãos da senhora e fugiu para dentro; a senhora foi atrás e agarrou-a.

— Anda cá!

— Minha senhora, me perdôe, tossia a negrinha.

— Não perdôo, não. Onde está a vara? A vara estava á cabeceira da marquêsa, do outro lado da sala. Sinhá Rita, não querendo soltar a pequena, bradou ao seminarista:

— Sr. Damião, dê-me aquela vara, faz favor?

Damião ficou frio... Cruel instante! Uma nuvem passou-lhe pelos olhos. Sim, tinha jurado apadrinhar a pequena, que por causa dêle, atrazara o trabalho...

— Dê-me a vara, sr. Damião!

Damião chegou a caminhar na direção da marquêsa. A negrinha pcdiu-lhe então por tudo o que houvesse mais sagrado, pela mãe, pelo pae, por Nosso Senhor...

— Me acuda, meu sinhô moço!

Sinhá Rita, com a cara em fogo e os olhos esbugalhados, instava pela vara, sem largar a negrinha, agora presa de um acesso de tosse. Da-

mião sentiu-se compungido; mas êle precisava tanto sair do seminário! Chegou á marquêsa, pegou na vara e entregou-a a Sinhá Rita”.

Não ha caso mais simples e mais vulgar. Entretanto, nada mais cruel. Quem lapidará o covarde Damião? Na vida, pelo menos como a espelham os livros de Machado de Assis, piedade, dignidade, nobreza, são lastros pesados; todos os Damiões jogam ao mar, e á sua sorte, as Lucrécias que lhes atropelem o caminho... Aqui, além, os contos de Machado de Assis são verdadeiros apólogos; *Identidade*, em *Outras Relíquias*, *As Academias de Sião* e a *Igreja do Diabo*, em *Histórias sem Data*, *Um Apólogo*, em *Várias Histórias*; ás vezes, fantasias macabras, como a *Segunda Vida*; ás vezes, fantasias de filósofo em bôa veia, como *Idéas de Canario* e *Conto Alexandrino*. O que ha de constante em todos êles é o estilo, a graça e a sobriedade da expressão. Ninguem sabe contar assim; é um privilégio seu, aquele modo pachorrento e igual que, á primeira leitura, nos dá a impressão de um Bocácio amavel e casto.

As cousas más e perfidas que pensou, êle as traduz com tal simplicidade e tal ingenuidade aparente que nos iludem. Mas este homem sorri de nós; nas entrelinhas, nas reticências, adivinhamos-lhe o sorriso ou, talvez, o riso perverso, que nos perturba e nos faz mal. Não é um avô bonacheirão, ou um Perrault ingênuo do “Barba-

Azul” ou da “Pele de Burro”, como pode parecer aos incautos, quem começa pequenas histórias, á maneira de algumas de Machado: “Não me perguntem pela familia do Dr. Jeremias Halma, nem o que êle veio fazer ao Rio de Janeiro, naquele ano de 1768, governando o conde de Azambuja...”; “Imagine a leitora que está em 1813, na igreja do Carmo, ouvindo uma daquelas boas festas antigas”; Chama-se Falcão o meu homem. Naquêlê dia — 14 de abril de 1870...”; ou ainda:

— “Padrinho, vossemecê assim fica cego.

— O que?

— Vossemecê fica cego; lê que é um desespero. Não senhor, dê cá o livro...; “Uma noite, voltando para casa, trazia tanto sono que não dei corda ao relógio...”

Cuidado! A abelha zumbe, vai de flôr em flôr, abre ao sol as pequenas asas de ouro. Contemplai-a de longe; de perto, picará a fará sofrer... Este artista, que nos fala uma lingua encantadora, e parece tão inocente e ingênuo, é uma alma cheia de fél. Não ama a vida; não ama ninguém. Sorri, porque não pode ou não ousa gritar. Se Deus lhe dera um temperamento forte, teria um combativo como Courier ou como Armando Carrel; escreveria as *Guêpes* ou os *Maias*, assinaria panfletos como os de Swift. Foi um tímido, um linfático e, mais triste ainda, um epilé-

tico, a extravasar a bilis e o desespero em livros de ficção.

Nada sei da sua vida íntima; duvido, entretanto, que tivesse sido generoso e afetivo. Revela-se cada um de nós no que escreve. Machado de Assis poreja em seus livros demasiada amargura. Faltou-lhe, de certo, o clássico leite de bondade humana, que é, afinal, a maior ventura da vida. Como acontece a todos os intelectuais de sua espécie, o excesso de vida mental entorpeceu-lhe os sentimentos afetivos. Não viveu a grande vida exterior, que forma o character, apura as virtudes viris e humaniza o coração. Ascendeu lentamente da miseria primitiva para a tranquila mediocridade de funcionário público. Conquistou seu modesto lugar ao sol sem este violento esforço, que é a maior gloria do *self made man*. Não turvou a água que o rival poderia beber; ninguém turvou a sua. Faltou-lhe na vida um fim humano. Mal conviveu com os pais; não teve filhos, irmãos, alguém, salvo a esposa, para quem trabalhar, lutar e guardar. Nenhum ideal politico, nenhuma campanha patriótica, como foi a abolição para o intellectualismo, mesmo para o diletantismo de Nabuco, nenhuma empresa, nenhuma fundação de beneficência, conseguiram atraí-lo, exigindo o sacrificio de sua ação e da sua própria vida. Viveu dentro dos seus livros, cultivando a flôr da amargura, sem acreditar nos homens e em Deus, que

lhe merece apenas as homenagens devidas a cavalheiro altamente colocado, digno de toda consideração e respeito... Das filosofias por onde andou, ficaram-lhe simplesmente os reflexos agressivo do pessimismo de Schopenhauer e alguns toques do determinismo fatalista. Não colheu entre elas nenhum sistema, nenhum apoio moral, nenhuma regra de proceder. Viu o mundo através do veu cinzento de sua misantropia e de sua implacável moléstia.

O CRÍTICO

Como crítico, é muito resumida a obra de Machado de Assis. Creio que se contém toda no livro — *Crítica*, — publicado pelo cuidado, cheio de comovida saudade de artista, de Mário de Alencar. Escreveu acidentalmente para jornais, sem preocupação de sistematizar os seus estudos em tal especialidade literária. Entretanto, em nenhum dos nossos críticos profissionais se concentram maiores virtudes de crítico. Sobre qualquer deles, seus contemporâneos, Veríssimo, Silvio ou Araripe, possui incontestada superioridade de estilo. É um escritor magistral, o que não foi nenhum dos três. Tem ainda a curiosidade do espírito, o gosto da análise, alta sensibilidade artística, larga cultura literária, e mesmo, a intuição filosófica. Seria possível fazer-lhe restrição á

benevolência. Eu, de mim, a louvo. Não acreditando na função pedagógica da crítica, julgo que a sua melhor qualidade é a simpatia. Os máus livros, ou que tais nos parecem, não devem merecer os nossos cuidados; dos livros que se amam ou de pessoas que se estimam é um prazer o louvor.

José Veríssimo chamou a crítica de Machado de Assis de impressionista. Sutil tal distinção, entre crítica impressionista e dogmática. Toda crítica é, no fundo, impressionista. Cada qual vê com os próprios olhos, ouve com os próprios ouvidos; ninguém sai de si mesmo. A diferença mais viva que se pode notar entre as espécies de crítica consistirá em crítica sem pretensões dogmáticas e crítica judiciosa. Anatole France e Lemaitre, por exemplo, diriam sobre um livro o que desejassem tudo que êste lhes lembrasse. José Veríssimo, seguindo Brunetière, preferia julgar o livro, com as tres ou quatro regras clássicas que vieram de Boileau e La Harpe, evitando falar de si e traduzir recordações pessoais. Ambos, entretanto, não sairão de si mesmos, dos seus temperamentos, das suas proprias idéas, desde que não é possível um padrão rígido, pelo qual se modelem todos os livros. A melhor definição de crítica será sempre a de Anatole France: um romance para uso dos doutos, ou, em outras palavras, um livro que se escreve á margem dos livros alheios.

Aliás, Machado de Assis não segue precisamente este processo. Evita divagar em torno dos livros alheios. Prefere julgar o livro em si a analisar idéas gerais ou adivinhar o temperamento do autor. Não sei si é possível citar um crítico que tivesse exercido influência poderosa em seus processos críticos, ou cuja técnica possa ser comparada á sua. Sainte-Beuve? Taine? Brunetière? Parece-me que não procurou seguir nenhum dêles. Sainte-Beuve era um espirito inquieto e universal; tudo leu, tudo viu, tudo soube. Quando criticava alguém, fazia como Balzac em seus romances; via o homem todo e analisava-o até esgotá-lo. Não havia nuança, aspecto ou fato, que lhe escapassem. Tudo abrangia a sua prosa, de ritmo largo e profundo. Não basta lê-lo, disse Taine; é necessario senti-lo; êle é "como um desses perfumes compostos onde se respira ao mesmo tempo vinte essências diversas, adoçadas pelo acôrdo mútuo". Machado de Assis não tem a universalidade nem a inquietação, nem ainda o enternecimento de Sainte-Beuve. E' incapaz de falar de entes queridos com a eloquência comovida do autor de *Causeries*. Taine é um filosofo, que levou para a crítica o seu espirito geométrico e analítico. Brunetière é um doutor seco e árido, de férula em punho contra os erros de Balzac e os erros de Stendhal. Anatole France? Lamaitre? Faguet? Tipos diferentes. Machado de Assis não desejou

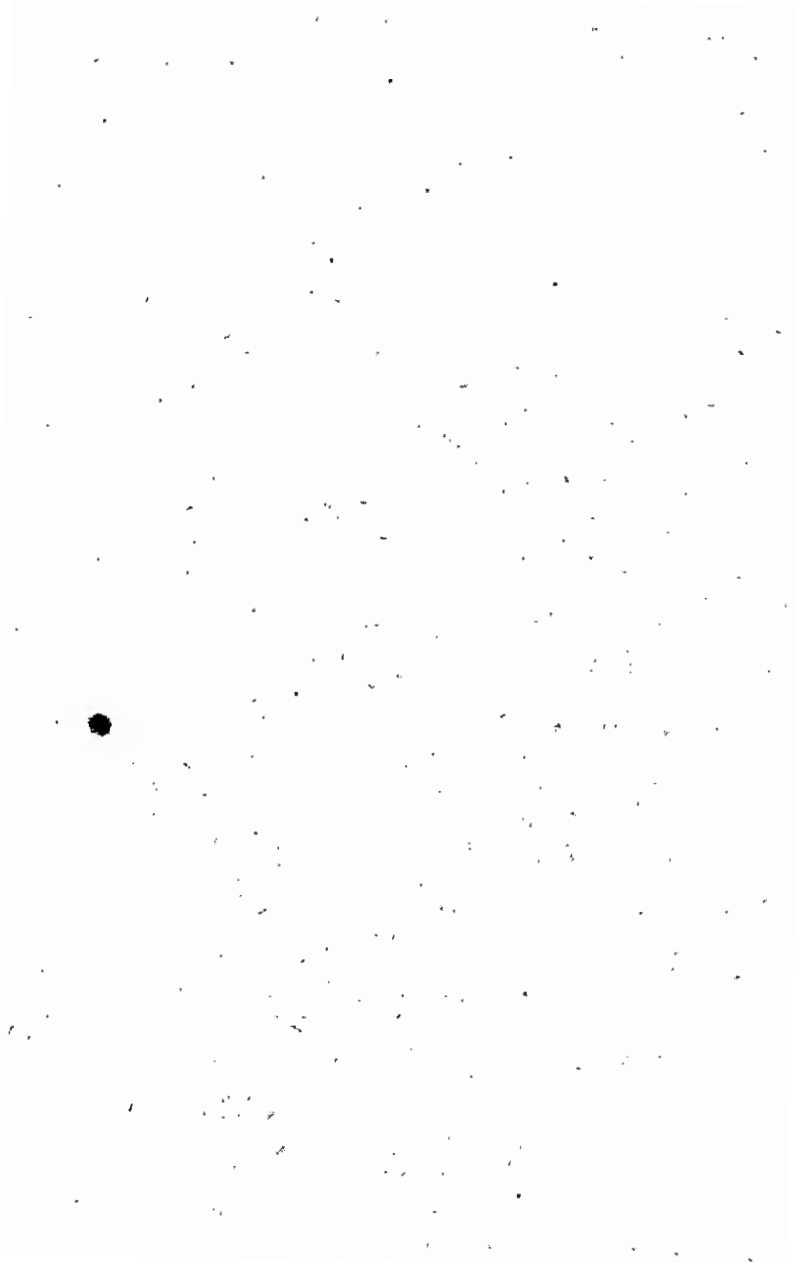
jamais fazer crítica; estudou alguns livros, sem metodo preconcebido, e escreveu alguns prefácios para servir a amigos.

Entre os seus estudos críticos, é modelar o relativo ao *Primo Basílio*. Ele viu, creio, antes de todos os críticos, os defeitos artísticos de Eça de Queiroz. Mostra-lhes as falhas, os cacoêtes, as manias, tudo que enfeia os primeiros romances do grande escritor português. O artigo sobre a *Nova Geração*, que lembra o artigo de Sainte-Beuve — *De la poésie et des Poètes en 1852 (Causeries du Lundi, v. V.)*, ao lado de excessiva indulgência para com alguns poetas, de que, hoje, nem os nomes sabemos, é também um estudo bem feito. Em *Instinto de Nacionalidade*, alarga-se-lhe a crítica até os limites de um inquérito sobre as condições sociais do Brasil em 1873 e seu reflexo na produção intelectual. Sobre o livro de José Veríssimo — *Cenas da Vida Amazônica* — é extraordinaria a sua benevolência. José Veríssimo, o maior dos nossos críticos, culto, capaz, judicioso e independente, foi sempre mediocre escritor. É-lhe difícil e pesada a língua. Não sabe dizer com simplicidade e clareza; a frase, talvez correta gramaticalmente, tem um ar antiquado e antipático. Causa opressão, diria Flaubert. Parece-nos que escreve com supremo esforço, ligando mal os periodos, perdendo-se, a miude, em orações e parágrafos sem fim, complicados e confusos,

cheios de incidentes e restrições, de “acazos” e “sem embargos”, de hiatos e cacofonias.

E' este, em resumo, o grande espírito: poeta sem méritos extraordinarios, *conteur* sem rival, romancista admiravel, crítico penetrante, pensador e artista, e, para dizer tudo, o mais alto escritor contemporâneo da nossa língua. Quando o Brasil for, enfim, uma grande nação culta, e houver, realmente, uma *élite* numerosa, que saiba sentir e admirar as obras de pensamento e as obras de arte, será seu nome a maior gloria da nossa intelligência. E os críticos que meditarem seus livros, difficilmente, compreenderão como um mestiço, nascido e vivido numa democracia sul americana dos fins do seculo XIX, pode escrever com a sobriedade, a finura, a penetração e graça dos grandes mestres clássicos...

JOAQUIM NABUCO



JOAQUIM NABUCO

O HOMEM

Na história literária e política do Brasil raras figuras existirão mais harmoniosas do que a de Joaquim Nabuco. Foi perfeito o equilíbrio de suas faculdades. Tudo concorreu para seu brilho, inclusive a sua bela figura de homem e as suas origens de família.

Político, diplomata, orador, artista e mundano, é sempre atraente qualquer aspecto do espírito de Nabuco. A mim, por exemplo, custa-me fazer-lhe restrições. Foi uma das minhas admirações da adolescência. Recordo-me da vez que o vi, ao tempo da conferência pan-americana. Quasi no inverno da vida, cabelos e bigodes brancos, sanguíneo e surdo, era ainda belo e elegante. Por outro lado, não é fácil escrever sobre Nabuco. Tudo que dêle se poderia dizer, êle proprio o disse na *Minha Formação*, livro encantador, que Renan assinaria, se Renan não tivesse um fundo de ceticismo malicioso, ausente no seu pretenso filho espiritual. Analizando-se e discutindo-se, com

sinceridade tocante, ás vezes ingênua, poupou e dificultou ao mesmo tempo o trabalho de seus críticos. Todavia, estou que o melhor processo para estudá-lo é acompanhá-lo em suas memórias. Não ha grande perigo de falsas atitudes. Mostrou-se lealmente, abrindo a alma ao mundo, num movimento de orgulho e vaidade, justificaveis num homem que tão largamente soube encher a própria vida. "Conhece-te a ti mesmo." Nabuco tomou para si mesmo o sábio e velho conselho. E' possível que aqui, além, seja injusto consigo próprio, e que suas paixões políticas ou suas convicções doutrinárias lhe tivessem alterado a visão dos fatos. Simples erros de perspectiva, não alcançando o mérito principal de seus livros: o da sinceridade.

-Num espírito tão harmonioso quanto o de Nabuco é difícil isolar o homem político do literato, para condenar, porventura, aquele e aplaudir êste; o pensador do homem do mundo para admirar o primeiro e sorrir do segundo. Consiste o seu principal mérito no jogo isócrono das faculdades. Ritmo raro. Tivemos certamente organizações cerebrais mais poderosas do que a de Nabuco; Rui Barbosa, por exemplo. Ele não se inclúe entre os homens de Estado, da projeção de José Bonifacio, Feijó, Bernardo de Vasconcelos ou Ouro Preto. No campo especial das letras, Machado de Assis tem relevo bem mais alto. Mas

ninguem como Nabuco consegue reunir tantos requisitos diversos para um favorável julgamento de conjunto. Sua sensibilidade de artista e suas idéas de pensador fazem equilíbrio entre o político e o possível homem de partido, contendo-o nas demasias, elevando-lhe as ambições e alargando-lhe o raio visual. As preocupações do homem público corrigem o intelectual, permitindo-lhe sensibilidade mais humana e emprestando-lhe aos esforços imediata finalidade social. Em Rui Barbosa, o político e o advogado militante deixam muitas vezes em segundo plano o intelectual, o artista e o pensador. Não cremos que êle pudesse um dia alhear-se das lutas da vida pública para escrever um livro de pensamentos, uma obra de ficção ou mesmo um tratado de Direito. Dêem-lhe um motivo, um caso concreto, e esgotará tudo a sua formidável dialética. Muitas falhas perigosas teve o patriotismo do 2.º Rio Branco. Uma visão unilateral dos problemas nacionais, que o levou a sonhar com uma especie de imperialismo brasileiro e concorreu para reviver o duelo inglório entre o espirito civil e militar da nação. Ao incomparavel aticismo de Machado de Assis faltou uma sombra de piedade humana, o calor de uma crença, a doçura de uma esperança.

Nabuco não foi propriamente um literato. A maior e melhor parte de sua obra é de escritor político, ou, antes, de sociólogo: *Balmaceda, A In-*

tervenção, Um Estadista do Imperio, afóra os discursos e os artigos de jornais. Esforçou-se sempre para pôr sua inteligência a serviço de sua pátria e da humanidade. Preocupava-o, sobretudo, a lição que as gerações do presente e do futuro pudessem tirar do nosso passado e dos exemplos dos vizinhos. Mas, duas vezes, isolou-se com as suas saudades e os seus pensamentos, para escrever a *Minha Formação* e os *Pensées Détachées*.

Em *Minha Formação*, evidentemente modelada pelas *Souvenirs d'Enfance et de Jeunesse*, julgou-se com o direito, a que se arrogara Renan, de se rever no passado e falar vaidosamente de si mesmo. E tão fino, tão cheio de graça e de franqueza é o pequeno livro que não o perdoamos apenas; somos-lhe gratos também ao autor...

Nabuco descendia pelo lado paterno de família portugêsa de bôa origem, que já tinha dado três senadores em três gerações sucessivas, sendo o último seu ilustre pai, senador Nabuco de Araujo. Pelo lado materno, provinha da estirpe Paes Barretos, a que pertenciam o morgado do Cabo, o marquês do Recife, entre outras figuras de relevo, aliados e aparentados com os Cavalcantes, os Albuquerque e os Rego Barros. Prendia-se, pois, a esta fidalguia rural de Pernambuco que, á parte um pouco de prosápia, constitue uma das mais belas tradições de nossa histó-

ria. Nasceu em 1849, em Recife. Partindo seu pai para o Rio de Janeiro, a tomar parte nos trabalhos da Câmara, Nabuco ficou entregue aos cuidados de sua madrinha, dona Anna Rosa Falcão de Carvalho, viuva de Joaquim Aurelio de Carvalho, conhecido em Recife pelo luxo e prodigalidade de sua vida. Decorreu-lhe a primeira infância em Massangana, engenho típico do sul de Pernambuco e cuja recordação lhe inspirou, mais tarde, algumas das páginas mais formosas e comovidas da nossa literatura.

Foi criado como pequeno fidalgo. Não conheceu, nos primeiros anos da vida, a dolorosa necessidade de abrir o próprio caminho, á custa da suscetibilidade e de orgulho, aviltando a delicadeza inata dos sentimentos, a flôr dos sonhos de adolescência, no áspero contacto do mundo. Não teve de pedir, humilhar-se, tolerar a proteção impertinente, a indiferença ou a hostilidade dos outros. No Colégio, na Academia, seu nome e sua natural distinção levaram-no aos primeiros lugares. Iluminava-o o reflexo da posição de seu pai, ministro, senador e Conselheiro de Estado. Ele conta a respeitosa admiração com que o censor do colégio contemplava o filho do quasi Presidente do Conselho! Era um ente privilegiado, para o qual a vida se abria facil e brilhante.

Na Academia de S. Paulo envolveu-se nas lutas políticas do tempo e do seu meio, atacando

com a encantadora *suffisance* da adolescência o ministério Zacarias. Em política, já era liberal, mas flutuava entre as primeiras idéas, sem saber onde pousar. “Ávido de impressões novas, fazendo os meus primeiros conhecimentos com os grandes autores, com os livros do prestígio com as idéas livres, tudo o que era brilhante, original e harmonioso, me seduzia e arrebatava por igual. Era o deslumbramento das descobertas contínuas, a florescência do espírito; todos os seus galhos cobriam-se espontaneamente de flôres efêmeras”. Lia tudo sem ordem e sem método, nesta orgia inicial dos livros quando nos perturbam todas as idéas e nos emocionam todas as belezas. Descobria Lammenais, Victor Hugo, H. Heine e alguns historiadores da Revolução Francêsa. Virá depois o *coup de foudre* de Renan. A abolição começava a interessá-lo, não o contaminando, entretanto, a ideologia republicana que apaixonava alguns dos mais formosos espíritos de sua geração. Ele explica a sua resistência a uma idéa tão grata á mocidade pela influência doutrinária de alguns livros, principalmente a pequena “Bíblia” de Begehot: a *Constituição Inglesa*. Creio teria sido muito relativa tal influência. Somos o que psicologicamente deveríamos ser. O livro alheio servirá como indumentária do nosso espírito. Só o compreendemos e estimamos, se fala ás nossas tendências naturais, se articula nossos sentimen-

tos, aspirações íntimas, idéas vagas e informes. Nabuco era naturalmente monarquista, homem da ordem e da lei, como tinha sido seu pai na Faculdade de Olinda, entre as lutas liberais da Província. O substrato de seu espírito foi o de um José de Maistre, temperado pelo liberalismo político da Inglaterra e agitando-se, naturalmente, no "clima" brasileiro.

No fundo, desconfiava das multidões; tinha o culto das *élites*. A Republica afigura-se-lhe sempre, bem ou mal, entre nações incultas da América, um rótulo para mascarar a anarquia. Era um *distante*, sonhando com a graça de Versalhes e a distinção da fidalguia inglesa. Ele diz, em verdade, noutro tópico da *Minha Formação*: "o que me impediu ter sido republicano na mocidade foi muito provavelmente ter sido sensível á impressão aristocratica da vida".

Apenas um movimento de piedade humana e a ambição de ligar seu nome a uma grande obra nacional leva-lo-ia mais tarde á atividade da campanha abolicionista. Mas aí mesmo, na agitação do Parlamento e no tumulto das ruas, sente-se que é um aristocrata que atua. José do Patrocínio ou José Mariano poderiam confundir os seus destinos com o do povo cativo. Não compreenderiam nunca o estigma de inferioridade sobre toda uma raça. A pigmentação da pele era incidente sem importância; perante Deus, perante a lei, perante a so-

cidade, equivaliam-se branco e negro. Nabuco amará o negro e comover-se-á ante seus sofrimentos. Mas entre êle e um escravo ha um abismo que nenhuma lei transpõe. Entre um descendente do Cabo e um senador do Império, orgulhoso de suas origens, culto, civilizado e requintado, e um humilde descendente de qualquer selvagem africano, medeiam alguns séculos. A abolição, escreveu, era uma reforma que o espírito inglês anteporia a todas as outras, por ordem de sentimentos. E' este o seu ponto de vista: o de um liberal inglês para quem a escravidão seria uma ignomínia, a vergonha de um país e da humanidade.

Passado o entusiasmo político da Academia, volta-se o espírito de Nabuco para as letras e para a sociedade. Começa a sua fase *diletante*, de viagens, de arte e de mundanismo. Aliás, vale a pena registrar aqui sua confissão: a política não conseguiu nunca absorvê-lo integralmente. A paixão das cousas da intelligência, um fundo de cosmopolitismo elegante, algo daquela vaidade de Chateaubriand, que queria respirar todos os perfumes da vida, lutam contra suas tendências de homem público. Atraíra-o sempre a política como um fenómeno social, a parte dinâmica da sociologia, como diriam os contistas. "Eu não era, nunca fui o que se chama verdadeiramente um político, um espírito capaz de viver na pequena

política e dar aí o que tem de melhor. Em minha vida, vivi muito da Política, que é história, e ainda hoje vivo, é certo, que muito menos. Mas para a política propriamente dita, que é a local, a do país, a dos partidos, tenho esta dupla incapacidade: não só, um mundo de cousas me parece superior a ela, como também a minha curiosidade, o meu interêsse, vai sempre para o ponto, onde a ação do drama contemporâneo universal é mais complicada e mais intensa." Eis aí um dos grandes predicados de Nabuco: era resistênciã íntima aos interesses e ás ambições partidárias. A política, mesmo esta política sem P maiusculo de que êle falava, é a mais intensa das paixões. Quem por ela foi envolvido uma vez, difficilmente se libertará. Guarda-lhe para sempre as ambições nobres ou mesquinhas, as vaidades irritadiças, os altos estímulos, as grandezas e as misérias. Rui Barbosa oferece-nos nêste sentido perfeito exemplo. A paixão política tornou-se-lhe tão profunda que acabou por dominá-lo completamente. Dir-se-ia que sua sensibilidade de pensador e de artista criou uma crosta protetora. Pode conciliar o próprio gênio, os próprios ideais com os aspectos mais tristes das lutas partidárias. Creio que vencerá sem esforço a repugnância do seu alto espírito para entrar em direto contacto com os profissionais da politiquice. Basta-lhe o ambiente brasileiro; não sente que o nosso horizonte é

demasiado sufocante para si e que, para caber na moldura da nossa vida publica, precisa mutilar-se e diminuir-se.

Nos anos que se seguem á Academia, a curiosidade de Nabuco (palavras suas) se subdivide, aqui, além. Em 1870 está em Sédan; em 71, nas lutas da Comuna; em 73, na campanha contra a Igreja católica — momento efêmero de dúvida religiosa para quem foi quasi um místico. 1873 é tambem o ano de sua primeira viagem á Europa. Uma hégira na história de sua vida. Conhece, afinal, a pátria da sua intelligência. Êle nos diz em alguns períodos, escritos com a graça toda sua, a maneira larga do seu estilo, o ritmo renaniano de sua prosa, como lhe aparecia a Europa nos tempos heroicos da mocidade.

“A viagem á Europa em tais condições não poderia deixar de ser para mim, como foi, o eterno impulso dado ao pêndu'lo imaginativo. Pelo sentimento, pela attitude, pelo emprego da vida, acredito ter sido, em meu plano inferior, uma das mais consistentes figuras da nossa política, acredito mesmo que passei nela como o homem de uma só idéa — *persona unius dramatis*, — porquanto a minha fidelidade monárquica pode ser considerada, como a de André Rebouças, ainda um último compromisso, uma gratidão, um episódio da libertação dos escravos. Quanto ás afinidades espontâneas, porém, ás simpatias naturais, ao mo-

vimento interior do espírito, difficilmente se encontrará um pêndulo que descreva um raio de oscilação mais largo do que a minha imaginação e a minha curiosidade. O que é um homem político assim *diletante, viajante*, a quem tudo atrai igualmente, que admira as grandes construções sociais, qualquer que seja o sistema de arquitetura, convencido de que em tudo ha o mesmo espírito, porque o espírito criador é um só? Nós, brasileiros, o mesmo pode dizer-se dos outros povos americanos, pertencemos á America, pelo sedimento novo, flutuante do nosso espírito, e á Europa, por suas camadas estratificadas. Desde que temos a menor cultura começa o predomínio desta sobre aquella. A nossa imaginação não pode deixar de ser europeá, isto é, humana; ela não para na Primeira Missa no Brasil, para continuar daí recompondo as tradições dos selvagens, que guarneciam as nossas praias no momento da descoberta; segue pelas civilizações todas da humanidade, como a dos europeus, com quem temos o mesmo fundo comum de língua, religião, arte, direito e poesia, os mesmos seculos de civilização accumulada, e, portanto, desde que haja um raio de cultura, a mesma imaginação histórica.”

Nada mais verdadeiro e melhor dito. O intellectual, o pensador ou o artista serão por muito tempo exilados no Brasil ou nos outros países da América, mesmo os Estados-Unidos, embora

o patriotismo ou o nacionalismo de cada um deles e raros foram tão sinceros e fecundos quanto de Nabuco. Vivemos com os olhos eternamente alongados sobre o Atlântico, numa incurável nostalgia e cujas raízes parecem mergulhadas no passado milenário de alguns países da Europa ocidental, principalmente, a França. Por isto, sempre causou-me grande estranheza a indiferença de Machado de Assis pelo mundo europeu. Mal compreendo como êste descendente de Atenas pôde viver tão resignadamente no ambiente sem graça e sem fundo do Brasil, onde não o prendia nem o cuidado da coisa pública ou a febre da ação política ou social. Foi mais lógico o caso de Nabuco.

Entretanto, não se deve levar á conta exclusiva de suas afinidades espirituais a atração do Velho Mundo. A sociedade brasileira de seu tempo, sóbria e burguêsa, devia ser, de fato, asfixiante. Seu mundanismo, ávido de conquistas, brilho e glória, quizera cenário maior. Uma alma de Chateaubriand, sem a vaidade irritadiça e o agressivo orgulho do herói dos salões de Madame Récamier. Não poderia insular-se em seu cuidado e em seus pensamentos. “Não pertença, escreveu, ao numero dos solitários, dos fortes que bastam a si mesmos, e podem viver comsigo sós, de arte, de história, de paisagem, de pensamentos.” Queria aparecer, gosar, viver a plenitude das grandes

vidas. Paris e Londres não lhe falavam á imaginação apenas como as cidades silenciosas dos bairros sábios, das bibliotecas e dos museus; tocavam-no pelo lado brilhante e ruidoso do *Bois*, do *Hyde Park* e de *Piccadilly*.

Nascera para a vida exterior. Lembra-me, ás vezes, uma frase de Sainte-Beuve sobre Chateaubriand: um epicurista, com a imaginação católica. Nabuco teria mais do que a imaginação: teria o sentimento católico, porque, fato curioso, este elegante, capaz de preocupar-se com as minúcias da *toilette*, de estudar ao espelho um gesto, uma atitude, vaidoso, contente de si e de sua beleza, sensível a glórias, foi uma alma séria e grave. Sua admiração pelo doce Renan, de quem tanto fala, provém, creio, mais de atitude literária, de encanto natural pelo suave estilo, do que de analogia de temperamentos. Dois espíritos diversos. Renan foi um céptico que cultivava com delícia o jardim da duvida e da malícia. Só acreditava na beleza. Desconfiamos tanto da sinceridade de suas confissões, quanto da fraqueza dos seus juízos literários sobre poetas que lhe ofereciam livros de versos. Mentiras de “pura eutrapelia ou pequenos fogos-fátuos literários, exigidos pela necessidade de uma frase bem equilibrada.”

Nabuco não duvidou jamais de Deus e dos homens. Foi um idéologo, um sonhador, capaz, todavia, de agir, de se dedicar a uma grande obra

social como a abolição. Mais tarde, quasi na velhice, dirá (*Pensées Detachées*), analisando a influência de Renan, que a filosofia deste não era de molde a bastar-lhe á imaginação. Quebrado o encanto literário, o cepticismo de Renan começou a fatigá-lo.

“Desde a Academia, escreveu Nabuco, a literatura e a política alternaram uma com a outra, ocupando a minha curiosidade e governando as minhas ambições.” Na primeira fase da mocidade, o predomínio da política; depois, ao tempo da primeira viagem á Europa, o predomínio da literatura. Novamente, a política, no periodo da campanha abolicionista; ainda uma vez, a literatura, quando supõe encerrada a vida pública, pelo advento do novo regime, e, finalmente, a política exterior, quando, transigindo dignamente com as suas convicções, aceita a representação do Brasil na Inglaterra e nos Estados-Unidos.

Caberia aqui estudar as influências literarias, filosóficas e políticas, que atuaram na formação intelectual de Nabuco. Diz êle que, desde moço, lêra muito, mesmo na época em que se sentia mais homem político do que de letras. Em filosofia, lêra e assimilara Spinoza, Hegel, Kant; em exegese religiosa, Strauss e Renan; em crítica literária, Sainte-Beuve e Taine; em poesia, Lamartine, Hugo, Musset, Heine, e mais tarde, Sheley, Goethe e Banville; em história, o eloquente Ma-

caulay, e, posteriormente, Taine, Mommsen e Ranke. No romance, ficou quasi que exclusivamente em Julio Sandau, "á sombra dos seus castelos antigos, reconstruidos pela moderna burguezia, entre as duas sociedades, a velha e a nova, que êle queria fundir pelo amor..." E mais forte ainda do que a impressão que lhe deixara Sandau, foi a que ele classificou de aristocrata e feminina, dos estudos de Cousin sobre a sociedade do seculo XVII. Dominando todas as inf'uências literárias, a de Chateaubriand e Renan, e, atuando para'elamente, a dos escritores políticos e de direito público, entre outros Bagehot, Burke, Tocqueville, De Maistre e Olivier.

É muito difficil determinar a contribuição das idéas alheias, separando-as entre si, num espirito culto como o de Nabuco e, principalmente, quando se tem — foi este o seu caso — certa inquietação, certa universalidade, que não permitem a fixação dentro de um sistema rígido. Não se adquire a cultura por sucessivas camadas, que se justaponham e que, depois, se possam isolar.

Que vestígios deixou em Nabuco a metafísica de Kant? O determinismo de Taine? O ceticismo e a ironia de Renan? A arte verbosa e quente de Hugo? A estética de Banville? Como descobrir aqui, a'hures, nêste ou naquêle livro, o que pertence a cada um dêles?

Até a idade madura, Nabuco esteve todo voltado para o mundo exterior, para a vida ativa. Só o tentava o aspecto brilhante das cousas. Foi caracteristicamente orador e publicista, dando a esta palavra acepção tão ampla que possa abranger, por exemplo, Burke e Bryce. Não lhe seria possível um momento de abstracção, em que os olhos se voltassem para dentro de si mesmo. Queria agir e ser um valor social. Visavam um fim immediato e concreto as suas idéas. Sómente, mais tarde, quando lhe nasceram os primeiros cabelos brancos e a vida pública lhe parecia encerrada para sempre, foi que se fechou no silêncio e na paz da vida interior para escrever a *Minha Formação* e os *Pensées Detachées*. Nesses dois livros, é mais facil encontrar o sulco das leituras da mocidade e de todo o tempo. Mas antes dêles, Nabuco escreveu outros, agiu, falou, durante dez anos no Congresso e na tribuna popular. Para estudá-lo, comprehendê-lo, o melhor método será o de acompanhar-lhe cuidadosamente as etapas da vida.

O seu primeiro livro coincidiu com a sua primeira viagem á Europa. O terreno, tão largamente semeado, dava os primeiros frutos. A vaidade e a precipitação levam-no a colhê-los. Estão ainda temporões... Foi em versos e em francês sua obra inicial: *Amour et Dieu*. Confesso que

não tive coragem de lê-la. O proprio Nabuco preveniu-nos contra semelhante aventura... Com franqueza e o encanto habituais de suas confissões, revelou-nos os motivos psicológicos que o levaram a escrever versos francêses, como nos disse tambem os motivos por que naufragou na poesia.

O período anterior era de receptividade, de plantio, de assimilação; a impressão, o prazer maior era o de ler; agora vinha a necessidade de produzir, de criar, e dava-se um fato singular, resultante desses anos de leituras francêsas; eu lia muito pouco o portugûes, ainda não começara a ler o inglês e desaprendera o alemão de Maria Stuart e do Wallenstein, com verdadeira magoa do meu velho mestre Goldschmidt. O resultado foi que me senti solicitado, coagido pela espontaneidade própria do pensamento, a escrever em francês...”

Não é singular o caso. O prestígio da língua e da cultura francêsas conquistou antes de Nabuco e conquistará sempre escritores estrangeiros. O abade Galliani, o barão de Resenval, Walpole e, sobre todos, Hamilton e Heine, enriqueceram a literatura francêsa.

Para reagir contra a exagerada influência francêsa será necessária uma base de leituras classicas, o hábito, o comércio dos nossos velhos es-

critores, que formem a primeira camada da cultura, impermeável á perigosa infiltração.

A Nabuco faltou semelhante resistência. Quando não escreve em francês, seu português tem a sintaxe, a construção francesa. “Não revelou nenhum segredo, dizendo que, insensivelmente, a minha frase é uma tradução livre, e que nada seria mais facil do que vertê-la outra vez para o francês do qual ela procede. “O que me admira, acrescenta, é que o mesmo não acontece a todos que têm lido tanto em francês como eu, e cuja vida intelectual tem sido assim em sua parte principal, isto é, em toda a sua função aquisitiva, francesa... Falta-lhe, para produzir a sonoridade da grande prosa portugueza, o mesmo eco interior que reflete e prolonga dentro em mim, em gradações curiosamente mais intimas e mais profundas, á medida que se vão amortecendo, o sussurro indefinivel, por exemplo, duma página de Renan...”

Não sei como condenar Nabuco por semelhante pecado. Basta-me que elle tenha escrito com elegância e graça. Tem harmonia a sua frase, de ritmo largo e um tanto ondulado. Não lhe faltam o belo dizer e os rasgos de talento, notou José Veríssimo, que foram sempre, em todos os assuntos, apanágio seu. As páginas sobre *Mas-sangana* guardam algo daquele sussurro indefinivel que elle encontrara na prosa de Renan. Foi

eloquente, sem lugares comuns e sem declamações.

Sobre seu valor como poeta, Nabuco não teve também ilusões. Não nascera poeta, não encontrara em si “a tecla do verso, cuja resonância interior não se confunde com a de nenhum timbre artificial.” O que o enganava nos seus versos, confessa ainda, parecendo sonoro e elevado, não pertencia á poesia; pertencia á eloquência. Eis aí fenômeno muito vulgar entre os nossos poetas: confundir a oratória com a poesia. Raros terão a consciência de Nabuco para deter-se no primeiro livro. Passou depressa a crise poética de Nabuco. O frio silêncio de Schérer sobre o mérito de *Amour et Dieu* foi mais fecundo ao joven poeta do que a benevolência displicente de Renan, com a sua cortezia e os seus “receios de cometer uma injúria mortal a um homem que teve a intenção de fazer uma gentileza.”

Sua primeira viagem á Europa não se limitou á França. Percorreu a Suissa, Portugal, a Itália e a Inglaterra. Nenhum país lhe falou á alma tanto quanto este último. Ele cultivara sempre o encanto e a admiração pela vida inglêsa. Encontrara a sua patria, o meio em que quizera viver. Descreve a impressão que lhe causou Londres.

“Quando avistei da janela do vagon, por uma tarde de verão, o tapete de relva que cobre o chão

limpo e as colinas macias de Kent, e no dia seguinte, partindo do pequeno *apartment* que me tinham guardado perto de *Grosvenor Garden*, fui descobrindo uma a uma, as fileiras de palácios de *West-End*, atravessando os grandes parques, encontrando em *St. James Street*, *Pall Mall*, *Piccadilly*, a maré cheia da *season*, esta multidão aristocrática que, a pé, a cavalo, em carruagem descoberta, se dirige duas vezes por dia para o *rendez-vous* de *Hyde Park*, e, dias seguidos, penetrei em outras regiões da cidade sem fim, conhecendo a população, a fisionomia inglêsa, toda a raça, caracter, costumes, maneiras — posso dizer que senti a minha imaginação exercida e vencida. A curiosidade de peregrinar estava satisfeita, trocada em desejo de parar ali para sempre.”

Nabuco não era um temperamento artístico que se contentasse com o Louvre e a romaria da Itália. De certo, Ruskin não teria colono mais volúvel em Michley ou em Barmouth, nem a Liga Estética de S. Jorge associado tão vadio. Morreria de aborrecimento se fôra condenado a passar uma hora por dia deante da *Gioconda* ou da *Venus de Milo*. O ceu sombrio de Londres é mais belo do que o de Florença, e a praça da Magdalena vale todas as belezas dormentes de Veneza. “Para renovar a minha curta faculdade de admirar e gosar a obra de arte preciso de longos intervalos

de repouso, para dizer a verdade, de obtusão. Londres era essa penumbra que quadrava admiravelmente á minha fraca pupila estética. . . .”

Dominam-no sempre o gosto do mundo e a “impressão aristocratica” da vida. Em nenhum país, esta impressão pode ser mais forte do que na Inglaterra. A flôr da civilização ocidental seria a élite inglêsa da época vitoriana. Ninguém compreendia melhor do que ela a glória, a nobreza e a dignidade de viver. Francês, latino, pelos aspectos da intelligência e da sensibilidade, Nabuco foi, pelo temperamento de homem de ação, pelas tendências políticas, pelo liberalismo e pelo respeito das tradições e culto do passado, um homem público da Inglaterra. O campo ideal que se imagina para Nabuco é o da política do Reino Unido, uma cadeira, por exemplo, na Camara dos Lords, defendendo com Gladstone o *home-rule*, combatendo o imperialismo de Chamberlain, e, em companhia de Lloyd George, o esmagamento do Transval, ou, então uma embaixada inglêsa, numa côrte do Continente.

A paixão pela Inglaterra não se atenuará jamais. Êle terá sempre como exemplo de organização política a sociedade inglêsa. Mais tarde, quando lhe foi dado conhecer a poderosa e ruidosa democracia norte-americana, o velho culto não sofreu restrições. Antes, apurou-se mais pelo contraste que se lhe impunha entre uma sociedade dis-

ciplinada, polida e culta e uma sociedade, no tumulto da formação, grosseira e áspera, e uma política corrompida pelos *lobbyists* e *rings*. O gênio inglês, supunha Nabuco, com a maioria dos homens do seu tempo, descobrira a forma perfeita de governo. O que importava discutir era a vantagem de sua aplicação a povos e países diversos. O Brasil acreditava, teria continuado a sua obra serena de pacífico e honesto engrandecimento, dentro do regime monárquico. O levante de 15 de Novembro foi um erro e, mais do que um erro, um crime. Partimos violentamente a continuidade histórica de nossa vida. Demos um salto nas trevas. Para nós-outros, que não conhecemos o Império, não tem sentido, no Brasil, a questão de formas de governo. Não se nos apresenta. Não existe. Não ha um dilema. A restauração monárquica é uma utopia e a republica parlamentar, uma ilusão. Ninguém crê que uma ou outra possa constituir a panacéa dos nossos males. Mas, quem conhece a história política do Brasil, evita certos paralelos entre o antigo regime e a República.

De volta da Europa, em 1874, Nabuco passa dois anos no Rio, alheio á política. Em 1876, entra na diplomacia, como adido de legação nos Estados-Unidos. Ninguém no Brasil reuniu melhores predicados para esta carreira do que Nabuco. Possuia o que não deve ser comum entre

os diplomatas: talento, cultura, patriotismo, maneiras, distinção, o gosto da vida mundana, incomparavel sedução pessoal. Não dura muito, entretanto, essa primeira incursão na diplomacia, a que voltará, vinte anos depois, para dar, disse alguém perfidamente, na Europa e na America do Norte, imagem demasiado lisonjeira de nossa intellectualidade... Atraía-o novamente a política. Satisfaz, assim, a ambição de seus pais, que desejariam no Senado do Império o representante da quarta geração dos Nabucos de Araujo. A campanha abolicionista, esquecida ha alguns anos, desde a vitória da lei de 28 de Setembro, ia recommençar com vigor novo. Encerra-se para Nabuco a fase do *dilettantismo*, de *lazzaronismo* intellectual, segundo uma expressão sua. Deseja uma finalidade humana na vida, uma grande obra, uma grande campanha, que lhe mereçam toda a dedicação e todos os sacrificios. Ha uma idéa, uma bandeira: a abolição, á sombra da qual poderá abrigar-se. Em 1878, no mesmo ano do falecimento de seu pai, é eleito deputado por Pernambuco. Começa a década abolicionista, em que se lhe multiplica a paixão de propagandista por toda parte, no Parlamento, no jornalismo, em panfletos, em viagens. Dedica-lhe o melhor da sua intellectual, dos seus esforços e da sua vida. Ao intellectual e ao mundano succede-se o homem de ação.

A CAMPANHA ABOLICIONISTA

Por largo tempo — velha verdade, tantas vezes repetida — resentir-se-á o nosso organismo social dos tristes efeitos da escravidão, sua velha diatese. Quem estuda a psicologia coletiva do Brasil não duvida que as raízes dos nossos males, tão vários e complexos, se embebem ainda na seixa deixada pelo monstruoso regime. Alguns séculos de escravidão foram suficientes para corromper profundamente a vida nacional. Viveram a nossa sociedade, a nossa política e a nossa economia sobre os pôdres alicerces do trabalho escravo. Daí, as suas enormes falhas e os seus tremendos erros, que sómente a ação demorada do tempo poderá corrigir. A escravidão penetrara tão profundamente em nossa vida que foram necessários trinta anos de lutas para extingui-la. Embotara-se a nossa consciência coletiva. Pudemos ser resignadamente a derradeira nação civilizada de escravos. Raras pessoas no Brasil sentiam a infâmia que ela concretizava: mais raras ainda desconfiavam que de sua existência provinham nosso atrazo material e nossa debilidade econômica. Constitúe a escravidão o grande erro contingente do segundo reinado. Toda sua obra de construção pacífica da nossa nacionalidade, a

correção dos seus costumes políticos, as virtudes que imprimiu á nossa vida social e doméstica mal o redimem no julgamento histórico. Não é facil compreender e perdoar a letargia ou a insensibilidade moral dos nossos dirigentes ante o máximo problema do Brasil. Nosso mecanismo politico, em seu jogo aparentemente perfeito, era falso: simples e mal posto verniz de civilização. Bem tarde despertou nosso sentimento anti-escravista. Os mais nobres espíritos, as mais lúcidas inteligências, os mais generosos corações, fechavam-se em fria e impiedosa indiferença. Era o escravo, de fato, um ente humano? Porque duvidar da legitimidade da propriedade escrava? Instituir-a o próprio Deus; defendiam-na os seus representantes na terra; regulavam-na as leis e os códigos. A abolição afigurava-se, desta forma, aos homens de outróra uma idéa mais absurda do que a própria República. A vida da sociedade brasileira emanava do escravo; ruiria, se neste tocassem, todo o edificio. De longe em longe, balbuciava alguma vez tímido protesto que ninguem ouvia. O movimento anti-escravista da Europa, a própria guerra civil dos Estados-Unidos, mal ecoavam longinquamente aos nossos ouvidos. Adormecido em sua rotina, o Brasil imperial lembra a nós-outros, que não o conhecemos senão pelas tradições orais e pela história, uma China honesta e pacífi-

ca, com o seu rei ideólogo e o mandarinato dos seus estadistas.

Constituímos, assim, uma nação realmente absurda. No alto, um Imperador, fingindo, segundo o epigrama de Ferreira Viana, governar um país livre, e um estado-maior de políticos que, sem embargo da ficção parlamentar, viviam de suas graças e seus caprichos; em baixo, a massa informe de analfabetos e escravos, sem consciência dos seus direitos e deveres. A liberdade e a ordem que faziam do Brasil uma excepção na America do Sul, vinham do alto, eram dádivas do rei ao seu povo. Uma aranha dourada, dirá Nabuco, que tirasse do próprio abdomen os fios da teia em que se equilibra e em que, um dia, se enforcará.

Foi a guerra do Paraguai o primeiro toque de alarma. Abrimos os olhos espantados. Na ilusão de nossa grandeza territorial e de nossa entrosagem política, supunhamo-nos um país organizado. Faltava-nos tudo. Nossa incapacidade intrínseca era quasi igual á dos nossos vizinhos. Nações enfermas de Gladstone — ali, o histerismo agudo dos pronunciamentos militares e das revoluções políticas; aqui, a sonolência doentia dos organismos anémicos. Combatemos cinco anos um pequeno país de fanáticos, e, ao cabo de todos os sacrificios, deixamos que as vantagens da vitória ficassem para os nossos aliados... Ao estrei-

to contacto com os povos estrangeiros, sentimos, pela primeira vez, a vergonha da escravidão. Eramos uma nação de escravos, merecedora de todos os ridículos e sarcasmos. A vaidade do Imperador resente-se das humilhações sofridas na sua viagem ao Sul. Vira o desprezo que nos cercava, o opróbrio que atingia o nosso exército de cativos, a derramarem o seu sangue pelo dos senhores que ficavam nos engenhos e fazendas. Abrem-se-lhe os olhos. Partem, então, de sua iniciativa os primeiros passos, ainda medrosos e incertos, em favor dos escravos. Como em 1850, só chegamos á lei de Eusebio de Queiroz e ás suas medidas complementares, relativas ao tráfico dos negros, sob a pressão da Inglaterra e a fiscalização humilhante dos diplomatas britânicos, em 1866, foi á influência indireta do estrangeiro que devemos o nosso primeiro movimento anti-escravagista. A luta contra a escravidão retrata nitidamente os processos políticos e administrativos do antigo regime. Caminhámos com excessiva cautela e excessiva lentidão. Ninguém tinha coragem de alvitrar medidas radicais. Levámos quasi trinta anos, de 1826 a 1854, para extinguir o tráfico dos negros; onze anos, de 1860 a 1871, para chegar á lei de Rio-Branco; dez anos, de 1878 a 1888, para a vitória total. O movimento tende sempre a cessar; parece que o esforço feito cansa e cria o receio de prosseguir. Falta uma ação

continua, uma convergencia de esforços e vontades. Aliás, em nossas lutas de toda espécie, revelamos sempre a mesma psicologia dos nossos antepassados: incapacidade de perseverar, fadiga ou desencanto rápidos, eterna displicência, em que disfarçamos a preguiça e resignação intimas.

Em 1860, escreve Nabuco, a escravidão sofreu as primeiras investidas, "em geral cautelosas e animadas para com ela de todas as deferências possíveis." Anteriormente, contavam-se simples protestos vagos, como os dos deputados Ferreira França, em 1831, com um extravagante projeto de abolição, Silva Guimarães, em 1852, traduzido num projeto de liberdade dos nascituros, Silveira da Mota, em 1857, e a inquietação constante de Montezuma, que Nabuco classifica de nosso primeiro abolicionista, no amplo sentido da palavra. Um movimento mais sério parte de advogados e juristas: Caetano Soares, Perdigão Malheiro, Tavares Bastos e outros. Mas não alcança a esfera do Governo. Sómente em 1866, depois da volta do Imperador da viagem ao Sul, foi que Zacarias levou ao estudo do Conselho de Estado os projetos de Pimenta Bueno, que se diziam inspirados pelo próprio monarca. Desses projetos surgiu, cinco anos depois, a lei de 28 de Setembro.

Não me proponho escrever aqui a história da escravidão. E' muito mais modesto o meu intuito: simples estudo sobre Nabuco e que não ul-

trapasse os limites de um breve ensaio. Entretanto, para compreender sua atitude na campanha abolicionista, precisava lembrar as origens desta. Dispensamo-nos, pois, de acompanhar a custosa elaboração da lei de 28 de Setembro e de analisar as curiosas adesões que a idéa abolicionista vinha conquistando entre os dirigentes como Zacarias, Otoni, Nabuco de Araujo, Sales Torres-Homem, Souza Franco Abaeté e Paranhos, e a opposição conservadora de Eusébio de Queiroz, Itaboraí, Olinda, Bom-Retiro e Muritiba, que desejava adiar a abolição para 1930... Nenhum dos membros do Conselho, como, depois, nenhum membro da Camara e do Senado, pensou na abolição imediata. A lei de Rio Branco, tão moderada, representava verdadeira revolução para muitos espiritos. Conseguida a primeira vitória, cessa a campanha anti-escravagista. Durante sete anos, o país parece satisfeito. Só em 1878 ela recommençará. A nova geração que estreia na vida pública, fôra educada sob o influxo de outras idéas. O Brasil atravessava então uma fase de reformas, que desafiavam a rivalidade dos dois partidos tradicionais. O espirito da abolição vivia no ambiente. Desejavam ardentemente agir os moços, que a Camara liberal de Sinimbú acolhia em 1879. Nenhum outro problema despertava tanto entusiasmo quanto o da redenção da raça negra. Acende-se novamente o incêndio em cujas cha-

mas, desaparecerá não sómente a escravidão como o regime politico, que lhe vivera incautamente á sombra.

Á lei de 1871 seguiu-se immediatamente a questão religiosa, provocada pela attitude dos bispos de Pernambuco e Pará. O país agitava-se entre o sentimento de respeito á Igreja e de lealdade aos poderes constituídos. Pela primeira vez, o Imperador, apesar da amistosa intervenção do Papa fizera fortemente sentir sua ação contra os prelados rebeldes. Passa o problema da abolição para o segundo plano; desde 1875 a questão religiosa monopoliza todas as atenções. Esgotara-se o ministério Rio-Branco, que conseguira a lei de 28 de Setembro e resistira á reação religiosa. Em 1875, resigna o poder, sendo chamado ao governo Caxias, nominalmente, e, na realidade, Cote-gipe. Depois, do período de lutas, a missão de Caxias, diz Nabuco, era a de cicatrizar as feridas abertas, apagando a questão religiosa com a anistia, satisfazendo a dissidência conservadora por uma política nitidamente partidária e consolando os proprietários rurais, atingidos pela lei do ventre livre, com a lei de auxílios á lavoura, e ás energias novas do país, pelo fomento de indústrias, garantias de juros a estradas de ferro, usinas agrícolas, etc. Mas é efêmera a própria situação conservadora, cansada de longo domínio. O Imperador é obrigado a recorrer ao partido liberal que, enfim,

depois de tantos anos de dissidências e lutas intestinas, se organizara e conseguira maioria na Câmara. Chama Sinimbú ao governo, preterindo, segundo Nabuco, velhos chefes liberais, como o conselheiro Nabuco de Araujo. Neste Ministério renasce a campanha abolicionista, agitada simultaneamente na rua, na imprensa e na tribuna parlamentar, por brilhante núcleo de deputados, do qual Nabuco é a figura mais alta e de atuação mais fecunda.

O mesmo Nabuco descreve-nos o estado de espírito do Brasil no momento em que ele entrava na vida política. “Quando a campanha da abolição foi iniciada, restavam ainda quasi dois milhões de escravos, enquanto os seus filhos menores de oito anos e todos que viessem a nascer, apesar de ingênuos, estavam sujeitos até aos vinte e um anos, a um regime praticamente igual ao cativo. Foi este imenso bloco que atacámos em 79, acreditando gastar a nossa vida, sem chegar a entalhá-lo. Ao fim de dez anos, não restava dele senão pó... Tal resultado foi devido a muitas causas. Em primeiro lugar, á época em que foi lançada a idéa. A humanidade estava por demais adiantada para que se pudesse defender em princípio a escravidão, como o haviam feito nos Estados-Unidos. A raça latina não tem dessas coragens. O sentimento de ser a última nação de escravos humilhava a nossa altivez e emulação de país novo. Depois, a fra-

queza e doçura do caracter nacional, a que o escravo tinha comunicado a sua bondade, e a escravidão o seu relaxamento"... Noutro tópico: "A causa abolicionista exercia a sua fascinação sobre a mocidade, a imprensa, a democracia; era um *imperativo categórico* para os magistrados e os padres; tinha afinidades profundas com o mundo operário e o exército, recrutado de preferência entre os homens de côr; operava como um dissolvente, sobre a massa dos partidos políticos, cuja rivalidade incitava como a honra que podia conferir aos estadistas que a empreendessem, e á própria dinastia inspirava, de modo espontâneo, o sacrificio indispensavel para o successo".

Nenhum desses motivos de ordem geral, que explicam o triunfo da idéa abolicionista, exclúe o mérito da ação de Nabuco e seus companheiros. Estava preparado o terreno para receber a abolição, mas não se faria esta senão pela tenacidade dos abolicionistas. Do Trono, do Governo, não era possivel esperar um gesto espontâneo. Nada lhes abalava a timidez congênita e o velho espírito conservador. O movimento anti-escravista teria de partir, como partiu, da rua, das conferências, dos panfletos, do Parlamento, para envolver e arrastar comsigo as camadas dirigentes e a piedade feminina de uma princesa. Se Nabuco tivesse sido um céptico, simples mundano ou simples intelectual, preocupado apenas em colher na vida exte-

rior e na vida do pensamento, os prazeres que elas podem oferecer, continuaria na carreira diplomática ou se arregimentaria num dos partidos políticos do Imperio, á sombra do prestígio de seu pai, para o acesso rápido a uma cadeira de ministro, ao Senado e á propria presidencia do Conselho. Mas, havia nele um grande fundo de filantropia e o intenso desejo de brilhar e legar o seu nome a uma obra social e humanitaria. A campanha abolicionista reunia todos os atractivos: sómente nela, poderia dar a medida do seu talento e capacidade. Sacrificava-lhe todos os cuidados, descendo até o tumulto das ruas e ás asperezas da política, tão pouco atraente para o seu temperamento aristocrático e á finura natural dos seus hábitos.

— Em grupos diversos, classificou Nabuco os factores que atuaram na abolição: “primeiro, a ação motora dos espíritos que criaram a opinião pela idéa, pela palavra, pelo sentimento, que a faziam valer por meio do Parlamento, dos *meetings*, da imprensa, do ensino superior, do púlpito e dos tribunais; segundo, a ação coerciva dos que se propunham destruir materialmente o formidavel aparelho da escravidão, arrebatando os escravos ao poder dos senhores; terceiro, a ação complementar dos proprietarios que, á medida que o movimento se precipitava, lhe diminuiam a resistênciã, libertando em massa as suas *fabricas*: quarto, a ação

política dos estadistas, representando as concessões do Governo: quinto, a ação dinástica.”

Quem fez mais? Quem fez menos? A quem caberão os principais louros da vitória?

É realmente difícil determinar num movimento, tão complexo quanto foi a abolição, a parte certa de cada fator. Nabuco, generosamente, distribúe as honras do triunfo. Todavia, parece-me que a devemos ao primeiro e ao segundo grupo. Foram os propagandistas que a fizeram. Para lembrar uma de suas imagens, o ribeiro humilde que brotara, talvez, de alguns olhos piedosos, cresceu, avolumou-se, alagando o país. Não houve diques e barragens que pudesse contê-lo. Nabuco pertenceu ao segundo grupo, como, ao primeiro, José do Patrocínio. A gratidão popular e o sentimento geral do país reconheceram nos dois os grandes chefes do movimento. Encarnam as duas correntes paralelas, concorrendo com eficácia idêntica para o resultado final. José do Patrocínio, o agitador formidável, Nabuco, o pensador, o doutrinário, que conserva, em meio da refrega, a linha de *gentleman*. Não se limitou a ação de Nabuco ao Parlamento, embora seja este seu campo principal; na imprensa, em conferências, em folhetos, em livros, agita o grande problema. Não lhe escapou nenhum aspecto da questão. Esgotou-a, dela colhendo todos os argumentos possíveis de ordem sentimental, de ordem jurídica e de or-

dem econômica. Vai á Inglaterra procurar a solidariedade dos anti-escravistas, como vai a Roma buscar o apoio do Papa. Iria a toda a parte, onde pudesse encontrar uma sombra de piedade humana ou um incentivo á luta.

Seu pequeno livro — *O Abolicionismo*, — pode ficar com a síntese de todas as idéas e argumentos com que combateu a escravidão. José Veríssimo classificou-o como o melhor produto intellectual da campanha abolicionista. E' realmente completo. Ainda hoje toca-nos a sua eloquência. Nada esqueceu contra a escravidão. Mostra-lhe os horrores todos; os crimes das *fábricas*, a fria impiedade das feiras de escravos e das praças judiarias, como a de Valença, anunciada pe'os jornais: Agostinho, morfético, 500\$000; Militão, doido, 100\$000... Discute-lhe a influência nefasta na vida do país: literária, pela corrupção da língua, social, pelo relaxamento dos costumes, na promiscuidade das senzalas e pelo amolecimento do caráter, política e econômica, esta mais profunda e perigosa de todas. O escravo criou os latifúndios, cultivou a indolência dos senhores, a antipatia á máquina e ao progresso industrial, e a degradação do trabalho. Era incompatível com o trabalho livre, com o salário, com o imigrante estrangeiro. "Onde quer que seja estudada, a escravidão passou sobre o território e os povos que a acolheram como um sopro de destruição". O seu

venenoso contacto aviltava tudo. O filho do fazendeiro, educado na ociosidade e na prevenção contra o trabalho rural, emigrava para as capitais, para as escolas superiores, para o bacharelismo e a burocracia. Os engenhos do Norte e as fazendas do Sul, entregues ao abandono, não conseguiam sair da rotina e dos velhos processos coloniais. Em troca, o luxo dissolvente das cidades crescia, sugando a antiga riqueza do país. Como deviam doer no nosso orgulho as palavras de Darwin: “no dia 10 de agosto, deixei para sempre as praias do Brasil. Espero em Deus nunca mais visitar um país de escravos...”

E' na Câmara, entretanto, que mais importa estudar a figura de Nabuco. Foi esta sua grande arena. Nasceria político e orador. Os seus discursos parlamentares, lidos hoje, perdem grande parte do mérito. São paginas mortas que só uma grande eloquência igual á sua poderiam reviver por alguns minutos. Todos que o conheceram e o ouviram falar recordam com entusiasmo o éxito das suas arengas. Ele tinha os requisitos de orador: a beleza física, a elegância, os gestos sóbrios, a voz harmoniosa e o calor da sinceridade e da paixão. Ninguém o ouvia indiferente. Entusiasmava. Mais tarde na velhice, discorrendo nas Universidades americanas sobre temas literários, era ainda notavel o efeto da sua oratória.

Nabuco foi reconhecido deputado por Pernambuco na sessão de 10 de Janeiro de 1879, na mesma legislatura em que Rui Barbosa começou sua gloriosa carreira parlamentar. Não lhe custara grandes esforços pessoais essa primeira eleição, que tinha ficado assegurada pelo pai em acordo com Vila-Bela, então, poderoso chefe político de Pernambuco, e com Adolfo Barros, presidente da Província. A 19 de Fevereiro, faz sua estréa. É um longo discurso sobre a questão religiosa, longo, conceituoso e doutrinário. Declara-se anticlerical, e defende a separação da Igreja. "A democracia não é oposta á Igreja, mas a Igreja é oposta á democracia". Apoia-o Rui Barbosa e contesta-o Felicio dos Santos. Na sessão de 22 de Março, discutindo o orçamento da Agricultura, fala pela primeira vez sobre a questão abolicionista. Ainda não deseja a imediata emancipação. "Sou daqueles que pensam que a escravidão, depois da lei da emancipação, depois que na propriedade agrícola o ingênuo está ao lado do escravo, é um fato que é preciso modificar, e que depende exatamente da iniciativa do Governo apresentar as idéas que apressem o dia da liberdade".

Daí em diante seu nome figura quasi diariamente nos Anais da Câmara. Fala sobre tudo, com a abundância de facil improvisador. Sobre o *income tax* e a reforma constitucional, como sobre a eleição direta, o orçamento da Guerra, o da

Agricultura e a política internacional. “Foi um ano de atividade e expansão na minha vida, escreve na *Minha Formação*, este de 1879, em que fiz a minha estréa parlamentar. Posso dizer que ocupei a tribuna todos os dias, tomando parte em todos os debates, em todas as questões... O favor com que era acolhido, os ap'ausos da Camara e das galerias, a atenção que me prestavam eram para embriagar facilmente um estreante...” Mas a é a abolição o motivo constante dos seus discursos; discutindo o assunto, aparentemente mais estranho ao problema, encontra meios de estudá-lo sob novo aspecto. Não lhe faltam argumentos e nem se lhe fatiga a eloquência. Nota-se-lhe em todos os numerosos discursos certa vibração que contagiava os próprios colegas e provocava as manifestações dos assistentes. Ha sempre nêles a nota final de aplausos e palmas nos recintos e galerias. Entretanto, não era um orador popular, de turva e palavrosa eloquência. Conservou toda a vida a attitude elegante e estudada de um parlamentar inglês, embora, muitas vezes, a incorreção e a falta de harmonia da sua frase.

No ano immediato, 1880, é ainda mais intensa a campanha abolicionista. Conquistara novos adeptos. Nabuco tem a mesma assiduidade na tribuna. Ao gabinete Sinimbú succedera o de Saraiva. Nabuco, que se reparara do primeiro, exigia do segundo perfilhasse a idéa abolicionista.

Não lhe bastam as declarações vagas dos programas ministeriais: “são precisas medidas nas quais o mundo inteiro possa ver a prova da sinceridade política”. Na legislatura seguinte, Nabuco não volta á Câmara; restringe-se-lhe a ação ás conferências públicas, aos folhetos, á propaganda das ruas. Só em 1887, consegue reentrar no Parlamento, na celebre eleição em que derrotou o ministro do Império, do Gabinete Cotegipe, Nascimento Portela, sendo eleito no primeiro escrutínio por 1409 votos sobre 2691 eleitores presentes. E’ o derradeiro ano da escravidão. A abolição é uma idéa vencedora por toda a parte e em todas as consciências. Nabuco chega á Câmara precedido de largo renome e em pleno vigor do seu talento. Sua palavra, sua eloquência, são mais poderosas do que antes. E’ um implacavel lutador que quer vencer e não tem mais paciência para esperar. Seu primeiro discurso nesta sessão, pronunciou-o a 7 de Outubro sobre o orçamento da guerra. Combate fortemente o ministério Cotegipe. Pela primeira vez, deparam-se-nos palavras agressivas e violentas na sua oratória. “Considero o atual gabinete ao nivel mais baixo a que tem chegado o Governo do Brasil. Este ministério representa duas deficiências morais: perante a força militar, representa a impotência, perante a America livre, o que pode haver de peor na terra — a escravidão”.

Depois de Cotegipe, sobe ao poder João Alfredo. A 7 de Maio, recebendo o novo ministério, Nabuco pronuncia longo e estusiástico discurso. A 8, o ministro Rodrigo Silva lê á Camara o projeto do governo, propondo a immediata abolição. É um dia verdadeiramente solene, o grande dia dos abolicionistas. Cámara repleta; galerias, tribunas, recinto. Nabuco pede a nomeação de uma comissão especial para dar parecer sobre o projeto. Atendido o requerimento, a comissão redige o parecer, de que é relator Duarte de Azevedo. Nabuco discursa, verificando-se, nesta ocasião, áspero incidente com Andrade Figueira, o mais intransigente e corajoso defensor da escravidão. Vale a pena lembrá-lo. “Esta lei, diz Nabuco, não pôde ser votada hoje, mas por uma interpretação razoavel do nosso regimento, á qual, estou certo, não poderia opor-se o coração de bronze de Andrade Figueira...” Aplausos, palmas nas galerias. Andrade Figueira, irritado, afrontando a animosidade ambiente, pede a palavra para protestar contra a intervenção no debate de pessoas estranhas, que “convertem a augusta majestade da Cámara em circo de cavalinhos...” Não sabe, continua ainda mais insultuoso, se tem coração de bronze; se o tem, prefere que seja de bronze em vez de lama... Nabuco replica, dizendo, “não levantar a injúria donde ele caiu, do tapêto

da casa". Que lhe importa á magnitude de vencedor a irritação dos vencidos?

A 8 de Maio, a lei é finalmente aprovada em votação nominal por 93 contra 9 votos. Terminara a campanha. Não cessa, contudo, a atividade parlamentar de Nabuco. Preocupam-no, agora, as questões econômicas e, principalmente, a federação do Império.

O movimento republicano, crescera, e ameaçava de perto o velho trono. Para Joaquim Nabuco, como para Rui Barbosa, sómente a federação das provincias poderia salvá-lo. Mais do que nunca, é um monarquista convencido, a quem a Republica enche de apreensões. Falando a 2 de Junho sobre a interpretação de Cesário Alvim a João Alfredo, declara: "Acredito na monarquia; acredito que ela é neste momento e nas circunstâncias do nosso país e do Continente, a fórmula de governo que devemos manter para não sermos lançados nas aventuras perigosas e difíceis em que foram lançados outros países do Continente". Dias depois, justifica um projeto, mandando que os eleitores da proxima legislatura confirmem aos deputados poderes especiais para reformarem a Constituição, no sentido de converter o Brasil numa federação monárquica.

O projeto não é aceito. A monarquia tem os dias contados. Em 11 de Junho, diz no seu último discurso parlamentar, respondendo a Ouro-

Preto, que rasgara a “bandeira federal”: “a Monarquia só pôde existir por meio de reformas federais: Não compreendo porque o partido liberal faz renúncia da federação”. E concluindo, invoca o patriotismo do Presidente do Conselho para que o seu Gabinete não seja o último do Imperio. A energia de Ouro-Preto, prefere, entretanto, outros processos de ação decidida e franca. Seu Gabinete será realmente o último, segundo a previsão de Nabuco.

A 15 de Novembro mudou a cena. Já não ha lugar para Joaquim Nabuco. Começa a nova fase de sua vida. A política, se não lhe deixara saudades, não lhe legara amarguras nem resentimentos. “A cena política foi tambem para mim um puro encantamento... Sob a aparência de partidos, ministérios, Câmaras, de todo o sistema a que presidia com as suas longas barbas níveas o velho de S. Cristovão, o gênio brasileiro tinha encarnado e disfarçado o drama de lágrimas e esperanças que se estava representando no inconciente nacional, e á geração do meu tempo coube penetrar no vasto simulacro, no momento em que o sinal, o toque redentor, ia ser dado, e todo êle desabar para aparecer em seu lugar a realidade humana, de repente, chamada á vida, restituída á liberdade e ao movimento... Por isto, não trouxe da política nenhuma decepção, nenhuma amargura, ne-

nhum resentimento... Atravessei por ela durante a metamorfose”.

De 1889 a 1900 decorreu o período de recolhimento, estudo e livros. Também nesta época funda, com Lúcio de Mendonça e Machado de Assis, a Academia Brasileira de Letras. “A formação da Academia, diz no formoso discurso de inauguração, é a afirmação de que, literária como politicamente, somos uma nação que tem o seu destino, seu caracter distinto e só pôde ser dirigida por si mesma, desenvolvendo sua originalidade com os seus recursos próprios, só querendo, só aspirando á gloria que possa vir de seu gênio.

Resta-me estudar o escritor: publicista e historiador político em *Um Estadista do Império* e *Balmaceda*, filósofo e moralista nos *Pensées Détachées*.

O HISTORIADOR

Compreende a obra do historiador e publicista de Joaquim Nabuco *Um Estadista do Império*, *Balmaceda*, *A Intervenção*, além de conferências, polêmicas, artigos esparsos de jornais e revistas, hoje, de difícil consulta. Bastam, entretanto, aqueles livros para termos uma impressão completa de tal aspecto de sua atividade intelectual.

Não sei bem se, na técnica literária, caberá a Nabuco o nome de historiador. E' preciso alargar muito o campo da história para que abranja escritos políticos da especie dos seus. Não foi narrador de fatos, objetivo e impessoal, á maneira, por exemplo de Fustel de Coulanges, nem filósofo, doutrinário, construtor de sistemas, como Taine e Mommsen. Lembra-me, ás vezes, Ma-caulay, pela eloquência de orador e pelo reflexo das proprias paixões políticas, que trouxe para os livros. Mas, sobretudo, é Burke que êle evoca. Reli *Balmaceda* e *Um Estadista do Império*, quando mal fechára as *Reflexões sobre a Revolução Francêsa*. Pareceu-me bem viva a analogia entre o grande escritor inglês e o publicista brasileiro. Como Burke, foi Nabuco um escritor político, muito mais sociólogo do que historiador. O que procuram nos fatos do passado, é a lição para o momento, o imediato proveito a colher-se. Escrever, afigura-se-lhes uma forma de ação política, um meio de intervirem no debate da hora presente. Não se perdem em abstrações, nas malhas largas dos sistemas filosóficos. A historia é um aspecto da política; vale sómente pela utilidade social que resulte de sua experiência.

Para um homem de ação, como Joaquim Nabuco, seria impossivel o afastamento total da vida pública. Cáida a Monarquia e encerrada a sua carreira parlamentar, refugia-se no estudo da nos-

sa história política e da história política dos países sul-americanos como numa forma nova de servir á causa pública. Ele mesmo se definira: “eu sou um liberal, não no sentido passageiro, político, da expressão, mas no sentido humano, eterno, e como liberal, a aspiração sintética da minha vida íntima tinha de ser a de me não desassociar, qualquer que fosse a sua forma de governo, dos destinos do meu país.” Em outro tópico de *Minha Formação*: “a história é, com efeito, o único campo em que me seria dado ainda cultivar a política, porque nela não teria perigo de faltar á indulgência, que é a caridade do espírito, nem á tolerância, que é a forma de justiça a que posso atingir”. Contra a anarquia dos primeiros anos da República, a evocação da ordem e tranquilidade do Império poderia ser eficaz reativo; contra o despotismo militar de Floriano, poderia ser fecundo o exemplo de Balmaceda... A’ semelhança de Burke, era Nabuco um homem de Estado. Provinham de origens comuns, tinham bebido na mesma fonte pura do liberalismo inglês e serviam ao mesmo ideal de ordem e justiça. A organização política da Inglaterra afigura-se-lhes o modelo definitivo, a infalível medida para julgar os outros países.

Burke não compreendia a Revolução Francêsa. Seu claro senso britânico não perdoava o anarquismo doutrinário dos discípulos de Rousseau, o culto ridículo da deusa Razão, uma democracia

que se purifica no sangue humano. Seus sentimentos de inglês liberal revoltavam-se com o triunfo da plebe ignara, dos demagogos vermelhos, dos *sans culottes*, que não hesitam ante violências e crimes, que executam o rei, confiscam propriedades e profanam a religião. Nabuco, por sua vez, não compreendia a ditadura de Balmaceda, o horror das revoltas e pronunciamentos, que dilaceram a América do Sul, e que nos foram o presente de núpcias da República. Porque trocámos a ordem antiga pelo tumulto de hoje? Será necessário, diz algures, entre amargo e irônico, criar nas Universidades do Continente a cadeira das revoluções comparadas?

Ainda um ponto de semelhança entre Burke e Nabuco: o gosto dos aforismos e pensamentos políticos. Teria de percorrer toda a obra de Nabuco quem desejasse citar os pensamentos, tantas vezes verdadeiros aforismos de sabedoria política, que nela enxameiam. No momento, recordo alguns, senão originaes, ao menos justos e felizes: "A fatalidade das revoluções é que sem os exaltados não é possível fazê-las, e com êles é impossível governar." "Ao passo que os homens diminuem, a ambição cresce; em uma sociedade onde todas as partes do organismo têm vida própria e aderem apertadamente entre si, por um princípio de unidade moral ainda intácto, a ambição pessoal nunca toma as proporções que nas épocas de dissolução fazem dela

a ameaça constante e, às vezes também, a única esperança da sociedade em ruínas”. “A incoerência em política é quasi uma censura inépta, porque o que se chama incoerência dos homens é em geral o próprio serpear da política, a qual é um ziguezague não uma reta, e onde, muitas vezes é impossivel dar um passo sem tactear, sem avançar, sem voltar atrás do ponto de partida, conseguir o que se deseja sem parecer sujeitar-se á contradição que a opinião espera dos partidos e os partidos impõem aos seus chefes”. Em *Balmaceda* essas duas lições amargas que nunca deveríamos esquecer. “A tendência do governo militar é o militarismo. Não póde haver despotismo naval. Tem havido até hoje todas as espécies de tirania, mas nunca se viu um tirano embarcado. Do mar, ainda não se governou a terra”. “No governo moderno, um tirano á moda da Renascença seria um alienado, como seria um imbecil, o que, por falta de dinheiro, confiscasse as propriedades. A’s antigas proscricções correspondem hoje os golpes de Estado; á confiscação, as largas emissões de papel moeda...” Como êstes, muitos outros. Nabuco herdára um pouco de seu pai o hábito das sentenças, que resumem, quasi sempre numa imagem ou metáfora, a sabedoria das frases longas e complexas. Mais tarde, o livro de sua vida interior será um livro de pensamentos,

E' facil compreender a simpatia com que em *Um Estadista do Império* fala Nabuco sobre o antigo regime. A Monarquia brasileira realizara no seu julgamento um tipo político quasi perfeito. Na desordem do continente sul-americano, dividido entre caudilhos e ditadores, fomos durante mais de meio século um país organizado. A República partiu a serena mo'dura. Conhecemos então a praga dos *pronunciamentos* e da guerra civil. Em nossa sociedade pacífica e quasi patriarcal, irrompeu a febre do luxo, das riquezas, dos negócios. Irrita-se a sensibilidade moral de Nabuco. Maldito regime que produz na América do Sul semelhantes frutos! Não pode amá-lo e não pode servi-lo. Se, por ventura, erguesse num altivo protesto, sua voz eloquente e generosa, quem na escutaria? Só ha lugar, para os gritos, as blasfêmias, as diatribes e as injúrias... Qualquer de nós póde discordar de Nabuco e ver a monarquia brasileira e a resistênciã de Balmaceda sob outros aspectos. Os fenômenos políticos, como todos os fenomenos sociais, refletem diversamente em temperamentos diversos. O que não se conseguiria negar é o raro merito dos seus livros. Sem ser um grande artista ou mesmo impecavel escritor como Rui Barbosa ou Machado de Assis, nem um grande doutrinário, Nabuco ficou em nossas letras, como um prosador admiravel de cla-

reza e elegância e um pensador honesto, servido por alta inteligência e sólida cultura.

Um Estadista do Império é um dos grandes livros da nossa bibliografia.

Estudando a figura do senador Nabuco de Araujo, Joaquim Nabuco deixou-nos em seu notavel livro a história política do segundo Império, desde a minoridade até 1870, ou ao inicio da campanha abolicionista. É uma larga perspectiva sobre a vida pública, os fatos e os homens do antigo regime. Analisa e discute os problemas de então; o tráfico dos negros, a lei do ventre livre, a guerra do Paraguai, a política interior e a política financeira, as lutas intestinas dos partidos, a questão religiosa de 1873, a campanha abolicionista, as reformas liberais, e a lenta infiltração das idéas republicanas. Faz reviver os fatos e os homens.

Poder-se-ia extrair de sua obra uma galeria de retratos dos estadistas do Império, quasi todas curiosas figuras, de relevo moral, e algumas de grande mérito intelectual. Compraz-se Nabuco nesses rápidos perfís. Esboça-os aqui; retoma-os e amplia-os além; compara-os entre si; modifica-os; retoca-os. Cito alguns dêles.

De Cotegipe: "Wanderley era um político, homem do mundo e um orador, homem de espírito. Tudo nêle era talento, agudeza, espírito; não devia nada aos livros. Seu maravilhoso talento natural tratava a política como uma meada enredada

que fosse preciso deslindar só com a delicadeza dos dedos. Sua bagagem intelectual era tão pequena quanto possível; não se carregava de livros — *omnia mea mecum porto*, poderia êle dizer em qua'quer debate que se levantasse. Um espírito assim desdenhava tudo que em política pudesse parecer pensamento puro, teoria ou ciência; de fato, êle só respeitava no estadista a experiência e o sucesso; para a política era preciso sómente um bom senso apurado, pouca cousa mais, senão menos, do que para dirigir qualquer grande estabelecimento". Retomando o modelo, acrescenta: "Wanderley produziu nos homens de sua época a impressão de ser o mais inteligente de todos, o que não quer dizer que tivesse a intensidade mental de outros; por mais inteligente, deve-se entender o espírito que percebia melhor e o mais depressa o ponto sensível ao maior número e sabia tirar partido deste avanço que levava aos demais. Ao passo que o discurso dos outros era feito com uma tonelada de erudição e talvez, quando havia, uma onça de espírito, o dêle era feito com uma tonelada de espírito e, quando havia, uma onça de erudição".

De Ferraz: "Ferraz era na tribuna uma espécie de gladiador antigo, armado da rêde que devia lançar sobre o adversário, e do tridente com que procurava atravessar-lhe a armadura. Ao contrario de Paraná, possuia uma vasta erudição

e uma competência administrativa excepcional. Talvez de todos os homens de Estado da Monarquia, tenha sido o único apto para ocupar qualquer das pastas com a mesma proficiência, e, mesmo, se as circunstâncias o obrigassem a tanto, todas a um tempo. A sua atividade era igual á sua capacidade.”

Sobre a austera figura de Olinda: “Olinda não podia ser chefe dos chefes, nem servir com o Imperador senão pouco tempo; faltava-lhe a flexibilidade precisa para ceder. Ele tinha em tudo idéas próprias, sentimentos, ou, antes, preconceitos, que ninguém podia modificar. Da sua situação de regente, fica-lhe o orgulho natural de ser o primeiro cidadão abaixo do Imperador, uma espécie de Vice-Imperador permanente...”

Sobre Paraná “com uma inteligência naturalmente pronta e perspicaz, Paraná era dotado de raro tino político, de uma disposição prática e positiva que o fazia observar friamente de homens, acumular as pequenas observações cada dia, de preferência a procurar idéas gerais, principios sintéticos de política... Havia nêle um certo desdém pela natureza em geral dos políticos; era um conhecedor de caracteres, e, por isto mesmo, não tomava os homens pelo que eles mesmos pretendiam valer, mas sempre com grande desconto.”

Sobre Zacarias, talvez a mais curiosa figura da política do Império, com sua inteireza moral,

sua intransigencia, seu lúcido talento, sua cultura, sua *distância* orgulhosa, sua implacável mordacidade, seu impenitente sarcasmo, fala Nabuco diversas vezes. É um modelo excelente para um artista e um psicólogo. Figura forte, cheia de arestas e aspectos interessantes. Todas as vezes que a encontra, Nabuco parece descobrir novo homem. O primeiro esboço está incompleto; torna-se necessário retomá-lo e retocá-lo.

“Zacarias era um espírito de combate, indiferente á idéa, excepto aos dogmas e preceitos da Igreja, da qual mais tarde se fará no Senado o atleta; ríspido e escarnekedor no debate, não poupando a menor claudicação, mesmo do amigo ou partidário, fosse ela num artigo da Constituição ou na pronúncia de alguma palavra estrangeira... Chamando a tudo e a todos á conta, com a regra de pedagogo constitucional, êle foi o mais implacável e, também, o mais autorizado censor que a nossa tribuna parlamentar conheceu... Não havia nêle traço de sentimentalismo; nenhuma afeição, nenhuma fraqueza, nenhuma condescendência íntima projetavam sua sombra sobre as palavras, os atos, os pensamentos mesmo do político”. Mais além: “E’ neste Gabinete que se deve estudar a fisionomia política de Zacarias, o seu momento, porque é nêle que o estadista se mostra em seu completo desenvolvimento. Antes, é um espírito flutuante; depois, quando lhe vêm, ao mesmo tem-

po, a saciedade e o despeito, será um belicoso, que toca em tudo implacavelmente, em sua própria glória, mas sem revolta interior, porque com a saciedade, não ha espirito por mais irrequieto que se torne revolto, não ha resentimento que possa fazer explosão — o que não impede que, em política, a mais dissolvente de todas as ações seja a desse tédio incontentavel que a saciedade produz, sobretudo, aliada ao gênio demolidor, á crítica irreprimivel, á satisfação de abater, á inhabilidade para organizar”. Ainda uma vez: “O seu talento de orador parlamentar, emancipando-se com a idade e a experiênciã e impondo-se com o prestígio da posição, tinha-se tornado incomparavel... Independente pela fortuna, aristocrata por reclusão de hábitos e altivez de maneiras, o prazer de Zacarias na vida parecia resumir-se em preparar todas as noites os golpes certos, com que havia no dia seguinte de tirar sangue ao adversário. Era-lhe preciso uma sessão diária para esgotar os epigramas, as alusões ferinas, os quinaus humilhantes que levava na algibeira... Uma palavra assim, penetrante, vitriólica, desdenhosa, dissolvia todas as vaidades, e, naturalmente, exasperava os adversários, como Cristiano Ottoni, que possuia, em escala tambem excepcional, o dom do vitupério. Durante os dez ultimos anos de vida, de 67 a 77, Zacarias exerce no Senado uma verdadeira ditadura parlamentar... Ele é um censor

romano que exerce, sem opposição de ninguem, a vigilância dos costumes políticos, até nos mínimos pormenores, como o comprimento das sobrecasacas dos senadores, a postura ministerial, a pronúncia das palavras inglêsas”.

Sobre o visconde de Rio Branco: “Ao contrário de todos os outros presidentes de Conselho, Rio Branco possuía o espírito do cargo, a afinidade natural, a especialidade daquela função em nosso sistema político. Todos os outros foram *dilettantes*; só êle foi o profissional”. Em outra passagem. “No conjunto e na forma em que este conjunto foi animado, êle é o primeiro dos nossos políticos; êle é o equilibrado, o feliz, o completo, o olímpico... Foi a mais lúcida consciência monárquica do reinado...”

Este formoso perfil de Silveira Martins: “Um homem novo começava a aparecer na política e revelava, desde os seus primeiros atos, uma independência, uma força, uma audácia, como, de certo, ainda não se tinha visto, batendo ás suas portas em nome de um direito até então desconhecido — o do povo. Era Silveira Martins. A figura do tribuno, como depois a do parlamentar, era talhada em formas colossais; não havia nêle nada gracioso, de modesto, de humilde, de pequeno; tudo era vasto, largo, soberbo, dominador... Era uma figura fundida no molde em que a ima-

ginação profética vasava as suas criações. Era o Sansão do Imperio”.

A primeira impressão que nos causa *Um Estadista do Imperio* é que a piedade filial de Nabuco exagerou o mérito do senador Nabuco de Araujo e que as suas simpatias monárquicas emprestavam ás lutas políticas do Império um valor que elas não tiveram.

O senador Nabuco foi, creio, uma figura de segundo plano entre os estadistas do seu tempo. Não parece que possa ser colocado, pela projecção de sua personalidade e eficiência de sua ação, ao nível de Zacarias, Olinda, Paraná, Cotegipe e Rio-Branco. Uma intelligência lucida e sensata, um jurista eminente, sem requisitos de estadista ou condutor de homens. Seus discursos parlamentares e seus pareceres no Conselho de Estado revelam, sobretudo, um advogado consciencioso, um tanto formalista, abusando dos aforismos, dos sorites, das velhas figuras de retórica. Como jurisconsulto, não teve o renome de Teixeira de Freitas. A' colaboração que Nabuco lhe atribue no regulamento 737 — o capitulo das Nulidades — se deve, segundo os juristas, a parte mais vulneravel desta lei, tida por modelar no fundo e na forma.

A vida política do segundo Império não teve tambem o relevo que Nabuco lhe emprestou. . . Da própria leitura do seu livro, poder-se-ia tirar con-

clusão inversa da sua: a agitação política do tempo da monarquia equivale á da República. De ordinário, simples jôgo de ambições, despeitos e vaidades pessoais. Não na iluminam correntes doutrinárias ou largas idéas construtoras. Os homens públicos teriam sentimento mais vivo de pudor do que os de hoje, o que se póde explicar como efeito do regime, da influência reflexa da austeridade pessoal do Imperador e das condições da sociedade de então. A vida doméstica, honesta e calma, os velhos hábitos de modéstia e compostura de nossa sociedade reagiam, naturalmente, contra as tendências, desenfreadas mais tarde, do mundo político. Havia certa hierarquia social, classes distintas, uma pequena aristocracia do campo, enraizada na terra, vaga preocupação de medida e distância entre os homens e as cousas. O *arrivismo*, a ânsia, o desespero, de subir a todo transe, o esmagamento de todas as distinções naturais de carater, talento, cultura, o culto do dinheiro, tudo isto que envenena e corrompe a vida brasileira em suas mais diversas manifestações, na literatura como na política, nas altas esferas dos dirigentes, como no recesso da vida doméstica, ter-se-ia desenvolvido com a República.

No resto, a nossa educação política de outrora poderia julgar-se pela de hoje. Não tivemos jamais partidos com idéas e programas definidos. Nossas lutas políticas fizeram-se sempre

em torno de homens, figuras efêmeras e quasi sempre mediocres, que a enchente da maré política traz á tona para que, no dia immediato, a vassante novamente os trague. Para a realização da democracia brasileira, faltou no Império, como falta ao regime actual, a base da opinião pública, esclarecida e conciente, atuando num Parlamento, que nascesse de eleições verdadeiras. Copiámos exteriormente as formas políticas da Inglaterra (mais tarde, os Estados Unidos servirão de modelos), mas não podíamos improvisar a cultura cívica do povo. Na essência, nosso regime representativo era uma ficção. Só havia um poder efectivo: o do Imperador. Poderia este procurar onde bem entendesse seus ministros e conselheiros. Nada o forçaria a escolher seu gabinete entre os representantes das maiorias parlamentares, aos quais, em regra, faltava significação eleitoral, aos traduzindo, como na Inglaterra, a corrente dominante no país, superior aos possiveis caprichos da Corôa. Seu poder não tinha limites impostos pelas tradições liberaes da nação, pelos hábitos de *self-government* e pelas classes sociais, concientes dos seus deveres e coisas dos seus direitos. O contrafreio único que o Imperador poderia encontrar, e o encontrou algumas vezes, era a integridade moral e a independência económica de alguns homens que o cercavam. Mas esta resistência isolada, facilmente, êle a vencia.

Tem razão Joaquim Nabuco quando escreve que o Imperador restringia a propria autoridade, mantendo-se voluntariamente, durante todo o reinado, numa atitude de rei constitucional. “Evitava intervir nas lutas partidarias e na administração pública. Preferia para si, diz Nabuco, “o papel de moderador e crítico”. Não tinha gosto pela política e desconfiava de sua capacidade administrativa. “A verdade é que o Imperador nunca quis fazer dos seus ministros, instrumentos; para isto, era preciso que êle quisesse governar por si mesmo, o que não poderia fazer. Falta-vam-lhe, para quasi todos os ramos da administração, as qualidades especiais de administrador. O Imperador exercia assim uma espécie de censura e superintendência geral; era o crítico do seu governo, mas para governar êle mesmo, ser-lhe-ia preciso a faculdade, que não têm os críticos, de fazer obras como as que analisam.”

Entretanto, êle sabia, e sabiam todos os políticos, que o Brasil se resumia no paço de S. Cristovão. A ordem e a liberdade, de que gozava o país, vinham dêle. Poderia ter sido tudo o que aspirasse: um déspota, um tirano. Não lhe oporia nenhuma resistência a nação inculta de analfabetos e escravos, sem vida cívica, derramada em vasta extensão territorial, mal comunicando-se entre as suas diversas regiões. Mais tarde, na República, e em superiores condições culturais e econômicas, os che-

fes temporários do executivo puderam realizar impunemente a dura tirania do Catete. O regime não era realmente representativo, como supunha Nabuco. Não se fazia a política no Parlamento, nos comícios e na imprensa. Se não existiam mudas ministeriais ocultas em S. Cristovam, aúlicos e protegidos, era porque ao Imperador repugnavam esses velhos processos. Por temperamento e indolência natural, um pouco também de indústria, D. Pedro II alheava-se da direção política do país; falava-lhe á vaidade aparecer ao estrangeiro como um tipo de rei liberal e filósofo, um Marco Aurélio, que, em verdade, seria apenas um Luiz Felipe, tranquilo e bonachão.

A carreira dos homens públicos e o funcionamento da entrosagem constitucional dependiam, em ultima estância, da sua vontade. O seu famoso lapis azul fecharia as portas das ambições nascentes ou dificultaria seriamente a ascensão natural dos iniciados. O próprio Nabuco escreveu: "Antes de tudo, o reinado é do Imperador. De certo, êle não governa diretamente por si mesmo. Cinge-se á Constituição e ás formas do sistema parlamentar; mas como só êle é o árbitro da vez de cada partido e de cada estadista, e como está em suas mãos o fazer e desfazer ministérios, o poder é praticamente dêle. A investidura dos gabinetes era curta e a título precário — enquanto agradassem ao monarca; em tais condições, só

havia um meio de governar — a conformidade com êle. Algum ministro poderia estar pronto a deixar o poder, apenas empossado; o Gabinete, porém, tinha tenacidade e o partido lhe impunha complacência á vontade imperial, por amor dos lugares, do patronato. Insensivelmente, os ministérios assentiam assim no papel que o Imperador distribuía a cada um no seu reinado. Romper com êle foi por muito tempo impossível em política. O Senado, o Conselho de Estado viviam do seu favor, da sua graça. Nenhum chefe queria ser incompatível. A tradição, a continuidade do Governo está com êle. Como os Gabinetes demoram pouco e êle é permanente, só êle é capaz da política que demande tempo. Só êle pode esperar, contemporizar, continuar, adiar, semear para colher mais tarde em tempo certo.”

A ninguém é permitido fazer-lhe sombra, crescer ao seu lado com raízes independentes. Sua integridade moral não o isentava de pequenos defeitos da vaidade humana. Bernardo de Vasconcellos nunca foi ministro. Olinda e Paraná, com a tradição dos grandes nomes e do longo prestígio, que vinha desde a minoridade, eram surdamente combatidos e negados. A Zacarias e José de Alencar não foram perdoadas jamais certas atitudes de independência e altivez. A trindade “saquarema”, o grupo político mais forte e mais coeso do Império, sentiu toda a vida a meia-hostili-

dade do Paço. “Só havia um meio, diz Nabuco, de atenuar o poder pessoal do Imperador — fazer surgir deante da Corôa onipotente, Câmaras independentes. Seriam possíveis eleições reais num país como o Brasil? Ainda hoje, não é o grande sonho irrealizado dos ideólogos da democracia liberal a “verdade das urnas”? Qual foi a consequência imediata da lei Saraiva? “O país real”, com este primeiro ensaio de verdade eleitoral, ficou tão anarquizado quanto corrompido; o Parlamento veio representar a doença geral das localidades, a fome de emprego e influência, a dependência para com o Governo. Era sempre o Governo, senão o de hoje, o de amanhã, e só o Governo que podia fazer a eleição”.

As lutas parlamentares do Império resumiam-se em grande parte, a um torneio de palavras, ou vã solenidade retórica. Vivíamos no culto da loquacidade parlamentar, muito pouco adequada para construir qualquer cousa. Dir-se-ia que a capacidade dos nossos homens públicos se esgotava nos debates da tribuna, nos longos discursos de efeito, nas interpelações e nas respostas ás falas do trono. A política, observa Nabuco, “era mais forte do que todas as preocupações, envolvia, estragava, enferrujava todas as molas do serviço público.” Os problemas sociais, as questões administrativas passavam para o segundo plano. Não podia haver continuidade de administração com

ministérios efêmeros e Câmaras dissolvidas. Durante o segundo Império, 18 vezes a Câmara deixou de cumprir a sua função principal: a votação das leis orçamentárias. A timidez, a rotina dos homens do Império refletiam a timidez do Imperador. Modelava-se a vida brasileira pela da Côrte; a influência desta era extraordinária, fazendo-se sentir no próprio ambiente doméstico do país. Moralmente, D. Pedro II foi uma grande figura. Sua honestidade e sua integridade eram exemplares, sem embargo de pequenos senões, que seria possível descobrir-lhe. Intelectualmente, perfeita mediocridade. Se tivesse a inteligência e a vontade á altura do character, seria realmente uma personalidade marcante do seu tempo. Se á honestidade com que durante meio século, presidiu aos destinos de um grande país inculto, aliasse a capacidade de estadista, poderia ter aberto á nossa vida mais largos rumos. O Brasil foi em suas mãos cêra plástica que modelaria ao seu arbítrio exclusivo... Modelou-o á própria imagem. Falavam-lhe inteligência e cultura, capazes de compreender a complexidade dos fenômenos nacionais, e vontade forte, capaz de traduzir as idéas em atos.

Era-lhe vulgar a inteligência, e deficientes e mal assimiladas as leituras. Curioso de literatura, não tinha sensibilidade e gosto artísticos. Assinava versos abaixo de medíocres. Atraído pela filosofia e pelas ciências, não passaria em uma ou

em outras de mau estudante. Lembro-me da surpresa com que li, ha alguns anos, as anotações infantis e, ás vezes, ridículas, que o Imperador escrevera á margem dos livros legados á Biblioteca Nacional. Seu espirito não tinha a necessária agudeza para penetrar um sistema filosófico, comprehendendo-o e assimilando-o. Suas idéas religiosas são típicas da confusão intima do pensamento. Católico e apóstolico romano, como se proclamava, supunha-se também *darwinista*, julgando possível conciliar, num ecletismo de bom estudante, a rígida doutrina da revelação com alguns princípios do evolucionismo biológico. Viveu sempre alheio aos problemas sociais e políticos. Não o interessavam as questões essenciais para um estadista. Nada entendia de finanças, de economia política e de direito público. Comprazia-se no cultivo dos poetas latinos e em curiosidades ciêntificas de almanaques.

No domínio da vontade, foi, antes, um tímido. Dificilmente, sabia querer e impôr-se. A escravidão repugnava-lhe aos sentimentos de piedade humana e lhe maculava o renome de rei liberal. Contudo, foi incapaz de um gesto franco e decisivo para atenuá-la ou extinguí-la. E' admiravel a indiferença com que assiste á propaganda republicana, que desde 1870 lhe mina o trono. Parece um abúlico. Nenhuma grande virtude, pois, salvo as de ordem moral, possuiu de estadista ou chefe.

Os homens, que o cercavam, valiam, sob este aspecto, mais do que êle. Intimamente, observa Nabuco, faltava-lhe o gosto do mando; não amava a realeza. Era um ideólogo. Não houve no mundo côrte mais burgueza do que a de S. Cristovão, e vida de rei mais modesta e retraida do que a de Pedro II. Julgava illusoriamente que poderia conservar uma realeza sem *distância* e sem fausto. O seu reinado, segundo a feliz observação de Nabuco, não procurava apoiar-se em nenhuma das três grandes bases da monarquia: o exército, o clero e a propriedade rural. Descontentava todos. Ao exército, por sua antipatia natural contra toda espécie de militarismo; ao clero, por seu *regalismo*, traduzido na perseguição aos bispos, na questão de 1873 e por suas constantes atitudes anti-clericais; aos proprietários rurais, pela colaboração que lhe atribuíam nas leis de 28 de Setembro e 13 de Maio. Daí, a explicação do aparente mistério, que foi a queda da monarquia, mistério que Nabuco não quis decifrar.

O Império não criara raízes e não se identificara com o sentimento nacional. As nações vivem sempre, através de todas as divergências e sutilezas, da luta eterna entre as duas grandes correntes: a conservadora, que deseja manter as tradições e não quer partir os élos do passado, e a liberal, reformadora, progressista, que se supõe sem preconceitos, quer caminhar, seguir além. O

Império contrariava ambas. A' conservadora, parecia muito liberal; á liberal, muito retrógrada. A República viria fatalmente. Realizara-se a missão da monarquia. Fizera sua obra, sua coluna perfeita, segundo a imagem de Nabuco. "Cada reinado, contando a regência da Princesa, como um embrião de reinado, é uma nova coroação final: o primeiro, o do Estado; o segundo, o da Nação; o terceiro, o do povo... A coluna assim está perfeita e igual: a base, o fuste e o capitel." Entretanto, explica-se o atentado histórico dos que desejaram acrescentar "um painel áquele tríptico." O país assistiu indiferente á queda do trono, não obstante a veneração pessoal que merecia o Imperador, tanto pela natureza do nosso character colectivo, resignado e morno, quanto por culpas do próprio Império. Gastara-se naturalmente pelo uso, pelo atrito quotidiano. Bastou um simples levante de quarteis para derrubá-lo. De nenhum braço partiu um gesto de revolta, de nenhuma garganta, um grito de protesto. O reinado criara, sobretudo, formalistas que, como Eusébio de Queiroz e Saraiva, poderiam contemplar de olhos enxutos o último traço de fumo que o *Alagôas* deixava no horizonte brasileiro.

O orgulho, a suscetibilidade, a nobreza e a gratidão que prendiam Nabuco ao Trono, fecham-lhe a 15 de Novembro, a carreira política. Refugiase então na sua Tebaida, "onde poderia andar cen-

tenas de milhas, sem se lhe deparar o refúgio de outro penitente". E' deste solilóquio que nascem seus livros: *Um Estadista do Império*, *Balmaceda* e *A Intervenção*, a maior parte dos *Pensées Détachées*, e esta pequena obra prima — *Minha Formação*, paginas de saudades, modelos de graça, finura e elegância, claro espelho onde se reflete o melhor da intelligência, da nobreza e da bondade de Nabuco.

Balmaceda, mais ainda do que *Um Estadista do Império*, é o livro de um pensador político. Diz Nabuco, no prefácio, que se trata do simples resumo da obra de Julio Banados y Spinoza sobre a revolução chilena, chegando, entretanto, a conclusões diversas das expostas pelo autor.

Banados, amigo íntimo e lugar-tenente de Balmaceda, estudando as origens e as consequências da luta entre o Presidente e o Congresso chilenos, fez naturalmente a defesa do seu antigo chefe. Este próprio, ao morrer, lhe recomendára: "escreva da administração que fizemos juntos a história verdadeira". Banados não desconfia que nada ha mais precário do que a verdade da história. As culpas da revolução, da verdadeira guerra civil que, por algum tempo, dividiu e empobreceu o Chile, êle as atribue ao Congresso. Balmaceda encarna o princípio da ordem e da autoridade, que até então fizera do Chile, a única

República realmente organizada da América do Sul. O Congresso colocara-se fóra da lei. Acompanhando-lhe e analisando-lhe o trabalho, diversamente conclúe Nabuco. O Congresso é o mais alto e o mais legítimo dos poderes públicos; traduz e representa imediata e directamente a nação. Não pode, pois, haver parlamentos revolucionarios, — teoria um tanto falsa e perigosa, porquanto o character da legalidade ou da ilegalidade se origina da obediência ou desobediência á Constituição e ás leis, suscetíveis de violação por qualquer ramo do poder público. Balmaceda aparece a Nabuco como uma tentativa, infelizmente frustra, de caudilhismo e ditadura.

Todas as simpatias lógicas do temperamento e da educação política de Nabuco se voltam para o Congresso e para a causa que êste defende. O Congresso concretiza as aspirações liberais da República, as tradições do parlamentarismo, o pensamento da alta sociedade, da forte aristocracia rural do país, que “tem alguma cousa do espírito nacional da aristocracia inglêsa, mantendo-se em contacto, em comunhão de interesses com as camadas populares, e procurando cada vez mais apoiar-se nelas”. Balmaceda representa o espírito revolucionário e demagógico; foi um sintoma da endemia típica da America do Sul: o caudilhismo. Procurava apoiar-se nos elementos anárquicos das ruas e nas ambições do exército, ao qual aumen-

tava o soldo e prometia vantagens extraordinárias, “introduzindo, dest’arte, no esplêndido organismo chileno, o germen do militarismo político, que torna os exércitos impróprios para a guerra estrangeira, indiferentes á glória militar, convertendo-se num partido armado a soldo do Governo”.

E’ farto de reflexões e ensinamentos esse livro de Nabuco. Mais vivamente ainda, êle lembra Burke, que acompanhava o desenvolvimento da Revolução Francêsa, para extrair dos seus erros e crimes, uma espécie de catecismo de deveres cívicos destinado aos inglêses. Estudando a revolução chilena, Nabuco tem em mira o Brasil. Por mais que o tivesse negado, seu íntimo desejo é mostrar os perigos da ditadura militar, que então nos esmagava e que já nos dividira numa guerra civil. A analogia entre Balmaceda e Floriano é muito estreita, apesar da diferença entre os dois, — Balmaceda, viajado, culto, quasi livresco, Floriano, inculto e rude, — para não se impôr ao espírito de Nabuco. Julgavam-se um e outro representantes da ordem e autoridade constituída. Em sacrifício destas seriam perdoáveis todas as violências e todos os crimes. Apoiavam-se ambos no espírito de classe do exército, nas baixas camadas populares, no jacobinismo feroz das ruas, e têm ambos a marinha contra si. Equivalem-se os atentados contra a propriedade e as pessoas e os fuzilamentos secretos. Aqui, além, a linguagem

dos defensores do Governo guarda o mesmo tom; ha o mesmo ódio desvairado contra o adversário, a perseguição ao estrangeiro, a arrogância ridícula, a guerra social, pregada diariamente na imprensa, o despeito contra todas as superioridades naturais, os processos de suborno e corrupção, o desdem frio com que se aviltam as leis e as praticas da administração.

As primeiras violências cometidas trazem outras, o primeiro crime leva ao segundo e ao terceiro. Depois, sómente sobre violencias e crimes, póde o Governo subsistir. E' o regime do Terror. "O que constitúe a tirania, doutrina Joaquim Nabuco, é justamente a obrigação em que o Governo se coloca de defender a sua autoridade a todo custo". A revolta do Congresso do Chile como a revolta da Armada no Brasil representavam a reação da maioria das sociedades chilena e brasileira contra a tirania das ditaduras. A sociedade chilena encontrou maiores forças de resistência do que a nossa. "Ha mais energia moral na estreita facha compreendida entre a Cordilheira e o Pacífico do que em todo o resto da America do Sul. Os dois maiores esforços que a America do Sul desenvolveu neste meio seculo são: a resistência paraguaia e a revolução chilena". Balma-ceda foi vencido. Floriano venceu. "E' natural, escreve ainda Nabuco, a hipertrofia do poder nas sociedades, onde êle não encontra nada que possa

limitar. O Brasil era uma destas; no Chile, pelo contrário, a sociedade pôde conter o Governo dentro de certos limites extremos. Se tivemos a liberdade na Monarquia, foi só porque o poder se continha a si mesmo. Isto é devido á elevada consciência nacional que, por herança, educação, seleção histórica, os soberanos modernos quasi todos encarnam... Entre nós, declarada a ditadura, haveria, de um lado, o despotismo militar, do outro, a passividade, a inércia do país. Se a ditadura assumisse o tipo sul-americano, a sociedade brasileira, criada na paz e moleza da escravidão doméstica, enervada por sua ausencia total de perigos em mais de cincoenta anos, habituada á atenção que o Imperador sempre mostrou a todos, muito maior do que a que recebia, faria renúncia da sua liberdade, dos seus interesses. das suas propriedades, como nos últimos tempos do Império, a velha sociedade romana abandonava os seus palácios dourados da cidade, as suas "vilas" de mármore, todo o seu sibaritismo refinado para se apresentar, como escravos suplicantes, diante dos chefes bárbaros."

Balmaceda, vencido, foi um réprobo, livrando-se das vinganças e humilhações que o ameaçavam pelo suicídio. Vencedor, ficaria naturalmente como a encarnação da resistência legal, o consolidador da Republica chilena, perpetuada a

sua memória num grande e complicado monumento da praça principal de Santiago...

Nós saímos do militarismo por outro meio. A reação dos sentimentos civis foi, entre nós, mais tardia e lenta do que no Chile. Mas venceu afinal, embora viessemos a conhecer novos governos militares. A vida política do Brasil pôde alargar-se até acolher em seu seio homens da distinção de Joaquim Nabuco. Através das formas passageiras do Governo, vive a nação, que vale o sacrifício de todas as intransigências partidárias e todas as convicções políticas. "Para os homens do Império, verdadeiramente fundadores, um terremoto poderia subverter as instituições, mas o Brasil resistiria sempre, e á sua voz seria preciso acudir, qualquer que fosse o vendaval em torno, e quanto mais ferido, mais mutilado, mais exausto, maior o dever de não o abandonar... Eles nunca estabeleceram o dilema entre a Monarquia e a pátria porque a pátria não poderia ter rival..."

Não poderia ter igualmente para Joaquim Nabuco. Acudiu-lhe á voz. "Reconciliando-se com os nobres destinos de sua patria, religiosamente envolveu a sua fé monárquica na mortalha de púrpura em que repoisam as grandes dinastias fundadoras," e aceitou servir ao Brasil na representação diplomática.

OS ÚLTIMOS LIVROS E OS ÚLTIMOS ANOS

É difícil de ser julgada a ação de um diplomata por quem não conheça os segredos das chancelarias. Ela exerce-se muito mais nos bastidores do que nos palcos. Todavia, a grande figura de Nabuco saiu dos mistérios das legações que, tantas vezes, aqui no Brasil como por toda parte, disfarçam a inércia e a inanidade douradas, para projetar-se em plena luz. Êle foi realmente um grande diplomata. A *élite* brasileira orgulhava-se da projeção pessoal que conseguira na Inglaterra e nos Estados-Unidos. Raros diplomatas estrangeiros teriam tido melhor situação que Nabuco na America do Norte, mesmo porque não existem na "carreira" de qualquer país muitos homens com as virtudes especiais do antigo embaixador brasileiro. Á sua ação devemos em grande parte o desenvolvimento das nossas relações políticas e econômicas com a América do Norte ou esta inteligente e fecunda política de aproximação entre o Brasil e a grande República, que tudo indica e aconselha: os nossos interesses de toda espécie a nossa propria atitude de isolamento natural na América do Sul, entre nações ligadas pela comunhão de origens e língua.

Não se limitou, entretanto, aos trabalhos da embaixada. Êle era nos Estados-Unidos o repre-

sentante natural da intelectualidade brasileira e, mais do que desta, da intelectualidade latina. Procurou honrar por toda parte a inteligência e a cultura de seu país e de sua raça. Nos *Discursos e Conferências*, traduzidos para o português pelo sr. Arthur Bomilcar, encontramos o Nabuco de sempre, bipartindo-se entre as preocupações das cousas de sua terra e a ideologia humanitária dos seus sonhos. Camões, sobre quem, na mocidade, escrevera um livro — mais uma apologia entusiasta de que um estudo crítico, diz José Verissimo — merece ainda comovida admiração. O grande épico aparece-lhe como a encarnação da pátria distante. Fazê-lo compreendido e estimado, é fazer compreendido e estimado o proprio Brasil. Em seu poema eterno e em seu incomparavel lirismo vive o gênio da nossa raça. O Brasil e os *Lusíadas* são as duas obras imortais, que justificam o destino histórico de Portugal.

O que caracteriza Nabuco, nesta etapa derradeira de sua atividade intelectual, é a ideologia que o leva a sonhar com a paz universal e a solidariedade entre as nações do Continente, aliada a um sentimento de patriotismo quasi romântico. O amor da pátria, observa, em verdade, um dos seus biógrafos, não diminue de intensidade com a extensão que tomara o seu sentimento racial. É mais do que nunca, como gostava de proclamar-se, um escravo da gléba; entretanto, a corrente que

o liga á patria se lhe prende antes ao coração do que ao espírito. Elevara-se-lhe a intelligência até o culto da humanidade. É um ideólogo, á maneira, por exemplo, de W. Wilson, o que não destróe em ambos a capacidade de ação no domínio prático. Foi justamente este fundo de sonhador, esta riqueza natural da vida interior, que impediu o espírito de Nabuco de atrofiar-se no êxito facil da vida mundana. Passada a fase da vaidade, encontra em si mesmo forças necessárias que o amparam no mundo do pensamento. Como de Fradique Mendes dizia Ramalho Ortigão, fecha as portas ao mundo, não para ler Sófocles em original, mas para cristalizar em pequenas sentenças as proprias idéas. Escreve então êste livro interessante: *Pensées Détachées*.

Não ha contraprova mais perigosa para um escritor do que semelhante gênero literário. Ameaçam-no a todo o momento a trivialidade e o ridículo. E' preciso dizer cousas novas ou velhas cousas, sob nova roupagem, possuir o segredo da clareza e da síntese. Nabuco venceu a maior parte das dificuldades. Tem sempre agudeza o seu pensamento e nitidez e elegância a sua frase. Muito mais do que *Um Estadista do Império* e *Balmaceda* é os *Pensées Détachées*, no Brasil, um livro para vinte leitores, estranhos aos nossos hábitos de que os antigos criticos chamavam "literatura facil". Não nos preocupam as questões

abstratas de religião e filosofia, de que êle trata, e não pode interessar á maioria dos que fossem capazes de lê-lo, o perfume místico do estílo. Daí o silêncio e a indiferença com que foi recebido. Nabuco, que confessara sempre a própria crença, chega no derradeiro período da vida ao misticismo. É uma alma profundamente religiosa, que crê sem a tortura e a ância de perfeição de Pascal. A fé, escreve na *Minha Formação*, foi-lhe o ramo da vida renascente. Encontrou na contemplação de Deus a tranquilidade da alma, a bondade e a doçura que lhe iluminam a vida. Não sorriria o maior dos cépticos da piedade de Nabuco. Não lhe foi a religião, como para tantos dos católicos, simples atitude sem consequências morais. Embestia-se-lhe no coração e na conciência, e por isto mesmo colheu nela a necessária força moral, apoio íntimo e uma regra de proceder.

Grande parte dos *Pensées Détachées* provem da essência mística da crença. Trata-se da obra de um pensador católico, mas meditativo do que combativo. Pascal deve ter-lhe produzido forte impressão. Ambos sentem Deus mais pelo afeto do que pela razão. Para convencer-se de sua existência, não precisam de argumentos ontológicos. Não se confunde este com qualquer conceito da razão abstrata, que se demonstra por meio de teoremas e axiomas, em suma, o arsenal da velha metafísica. Não acredita Nabuco no conflito

entre as ciências e as religiões. Vivem paralelamente, satisfazendo necessidades diversas da vida. Entre umas e outras existe a mesma relação que entre as primeiras e as filosofias. As ciências explicam os fatos imediatos, de natureza concreta, que caem sob a experiência e afetam os sentidos; as filosofias e as religiões indagam as causas primárias das cousas, suas origens e destinos. Equivalem-se, pois, como atitudes diversas perante os mesmos insondáveis mistérios. Os seus valores recíprocos só podem ser medidos pelo grau de utilidade moral que representam para cada indivíduo. “A ciência (*Pensées*) é verdadeiramente o espelho do infinito, mas um espelho partido em mil pedaços que só a religião pode reunir”. “Crer é dar-se inteiramente.” “Toda idéa é um espelho de Deus para quem póde polí-la ao infinito.” Não admite igualmente o automatismo da criação e o determinismo que encadeia as ações humanas. O homem, feito á imagem de Deus, é, moralmente, um ser livre e conciente. “O primeiro problema que deparou ao homem foi este: sou um simples animal, um títere, ou um ente responsavel? Êle o resolveu no sentido da dignidade pessoal. Foi por esta forma que se sentiu livre. A religião e o livre arbítrio são sentimentos gêmeos.” Mais além: “a responsabilidade moral é o meio único de libertação.” O positivismo com seu estreito dogmatismo, as fórmulas rígidas, as leis apriorís-

ticas, a pretensão de *fiat* definitivo, causa-lhe sincera aversão. Não é bem uma religião e não pode ser uma filosofia. Ele define-o: “um *modus vivendi* intelectual, uma espécie de oportunismo filosófico”. Tal definição, aplicável não só ao comtismo como a todos os sistemas agnósticos, é certamente, injusta. Mas não seria este o momento de debater o grave assunto.

Como todos os ideólogos, foi Nabuco um optimista. Viu a vida, não só na velhice mas em todas as idades, “através dos vidros de Epiteto, do puro cristal sem refração.” Não conheceu o sofrimento, que é, de ordinário, uma redenção para o artista e para o pensador. Por isto mesmo, é admirável que dentro da bonança eterna da sua vida, quasi uma dôce viagem á Citera, pudesse ter escrito livros graves, resistindo á indolência natural da saciedade. Fico a pensar, ás vezes, no que seria Nabuco, se tivesse encontrado na vida uma destas montanhas abruptas em que nós outros rasgamos, a miude, as proprias carnes... Perderia, acaso, a bondade, que é o seu traço característico? Extravasaria a sua dôr e desespero? Desconfio que nada deixaria de si. Flôr de civilização, foi talhado para as vidas fartas e bonançasas. No entanto, êle próprio sentiu o tédio da felicidade. Impressionaram certas frases suas: “conheço consolações para os infelizes; não as encontrei jámais para os felizes...” “Existem climas doces, ri-

sonhos, temperados, como existem asperos, frios e ventosos; os caracteres são com os climas. As raças mais fortes são as que têm de lutar contra o clima, e os caracteres mais fortes os que tem de lutar contra a vida. Mas a doçura do clima como a da sorte devem ser recebidas como dádiva gratuita de Deus. Não pode ser obtida esta colheita, senão pela generosidade da Natureza.”

Na segunda parte dos *Pensées*, preocupa-se Nabuco com as questões de arte e literatura. Expõe e discute com os próprios gostos e tendências literárias e a própria fina sensibilidade artística. Nenhum gênero literário lhe inspira tamanha aversão quanto a crítica. Não compreende o prazer de analisar, penetrar o pensamento alheio, descobrir os temperamentos diversos, de certos espíritos curiosos, inclinados á melancolia e á divagação. Julga os críticos através dos preconceitos da maior parte dos autores, que se supõem os únicos criadores, como se criação literária não tivesse maneiras diversas de realizar-se. “Os críticos são os *blasés* do espírito; nada mais falso do que o ar de frescura e mocidade que êles se atribuem, como se a literatura pudesse dar-lhes ainda sensações verdadeiras...” “O crítico que nos explica a obra de arte pelo meio que a produziu é como o profeta que não poderia anunciar senão acontecimentos sobre-vindos”. “Não se devem invejar os críticos que procuram sensações novas, isto é, que tudo querem

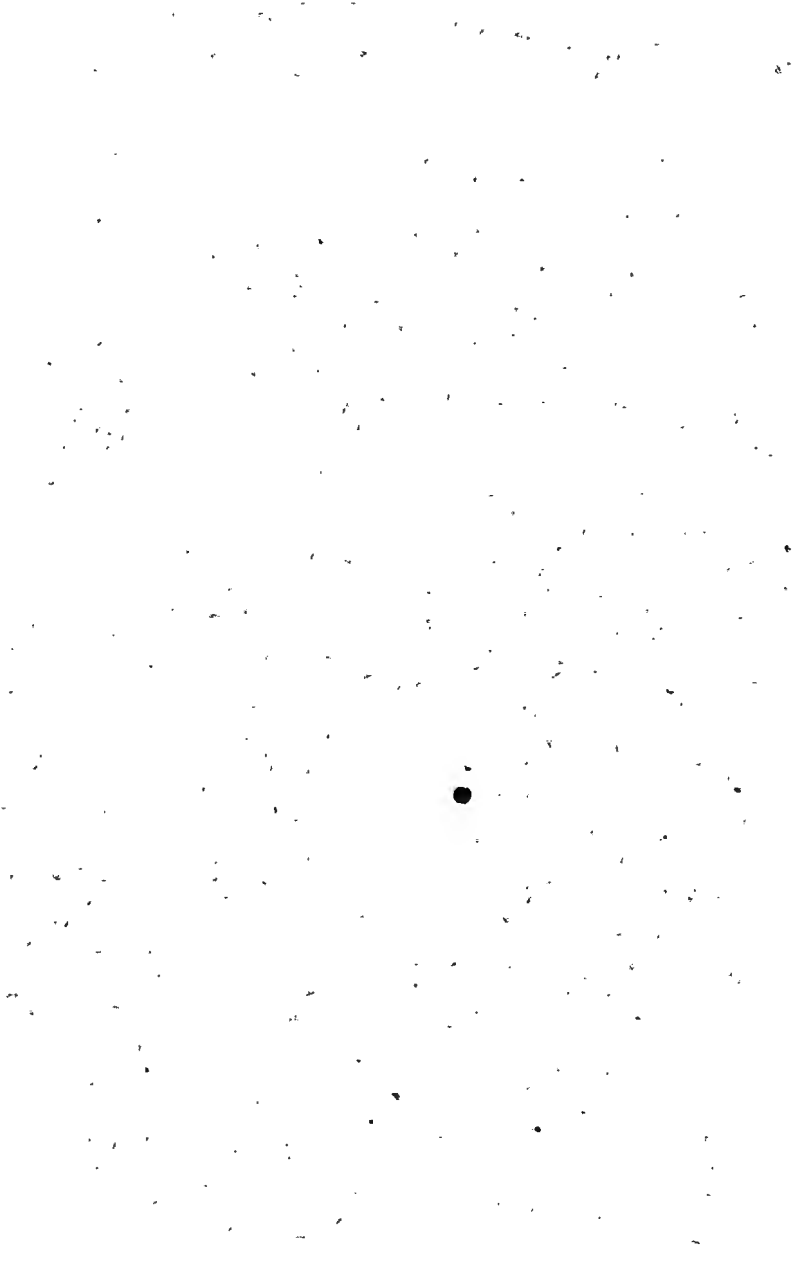
vêr a uma luz nova. Eles se consomem a si mesmos.” “Os críticos são as aranhas das letras: só se póde admirar a maravilha das teias que suspendem de idéa a idéa para imobilizar as moscas... Pertencem á ordem dos carnívoros, e o seu instinto fica inferior ao da abelha que prefere fabricar o seu mel...”

Percorro atentamente os *Pensées*. De folha em folha, depara-se-me um pensamento digno de citação. Consiste a dificuldade na escolha. Porque êste? Porque não aquêle? Afinal, teria de produzir o livro quasi todo... Quando foi publicado, Faguet attribuiu-o a algum grande escritor contemporâneo da França, que se tivesse disfarçado sob o pseudonimo, um tanto rebarbativo para os ouvidos francêses, de Joaquim Nabuco. O douto e exigente crítico descobrira no formoso volume a riqueza de idéas de quem muito meditara sobre a *Imitação de Cristo* e sobre Pascal, e a eloquência de um habituado de Chateaubriand e de um velho admirador de Renan. Eis o mais alto dos elogios que Nabuco podia receber.

Nas condições culturais da América do Sul não pode ser abundante a florescência de espíritos do quilate do seu. Afigúra-se-nos como Machado de Assis, um produto de civilizações multi-seculares e requintadas. Eu devia-lhe as homenagens de um velho culto. Foi a “*Minha Formação*” o livro querido da minha adolescência, vivi-

da também num engenho de açúcar de Pernambuco, como *Massangana*, e aos quais a usina moderna com sua maquinaria e sua vida grosseira de fábrica quebrou para sempre o doce encanto. Creio que me deu a primeira sensação de beleza literária. Nasceu naquêle dia distante a minha admiração talvez um tanto invejosa. Que formoso destino! Trabalhar, escrever, viajar, conhecer o êxito e a gloria... Mais tarde, conheci-lhe os outros livros, meditei-os, estudei-lhe a vida e a grande obra humanitária que se coroou em 13 de Maio de 1888. É possível que minha admiração antiga, por mais conciente, se tenha restringido em muitos pontos. Mas estimei Nabuco principalmente pelo que me fez sonhar na mocidade e por tudo que me parecia nobre e digno, e que êle realizou. Por isto, mesmo ás gerações de hoje, educadas em outras idéas e outra sensibilidade, a figura harmoniosa de Nabuco inspira a mais sincera simpatia.

EUCLIDES DA CUNHA



EUCLIDES DA CUNHA

OS SERTÕES

São os *Sertões* um livro magistral que bem mereceu o êxito alcançado. Do seu autor pode afirmar-se que foi historiador, sociólogo, pensador e, ainda mais, grande escritor ou, vale dizer, alguém que tinha expressão própria, forte e inconfundível. Falando sobre Antéro do Quental, Michelet, creio, disse algures que se havia em Portugal dois ou três homens do valor do poeta das *Odes Modernas*, Portugal era uma nacionalidade viva. Quem quizesse aplicar a frase ao Brasil poderia dizer que se na literatura brasileira existem dois ou três livros equivalentes aos *Sertões*, ha, em verdade, uma literatura brasileira. Em nosso meio, ainda de tão incipiente cultura, o aparecimento de um Rui Barbosa, de um Machado de Assis, de um Joaquim Nabuco, de um Euclides da Cunha, constitúe afirmação da inteligência e da capacidade nacionaes.

A primeira leitura dos *Sertões* deu-me a impressão de um estilo colorido, pomposo, cheio de

onomatopéas, rebuscado, algumas vezes obscuro, e dela guardara, sobretudo, a lembrança de frases magistraes e de alguém que sobre os erros da nossa nacionalidade soubera dizer cruéis verdades. Repeti-lhe a leitura mais tarde, anotando os tópicos que mais vivamente me impressionaram. Sugerem-me os *Sertões* a mim, como, de certo, a todos os que o lêem atentamente, cousas, multidões de idéas, ou, em uma frase — obriga-me a pensar — o que lhe constitue o grande, o raro, o extraordinario merito.

Euclides da Cunha revelou nos *Sertões* idéas e cultura; a sua formosa intelligência não adormeceu confiada nas próprias forças. Deixou que o pensamento se lhe amadurecesse na meditação e na leitura das obras alheias, sem por isto perder a originalidade. Escreveu, desta forma, um livro grave, onde se agitam alguns problemas capitais da nossa vida política e social.

Que é a terra? Que é o homem do Brasil? Que foi Canudos, crime coletivo, que já se afigura á geração a que pertenco um fato histórico perdido nas brumas do passado. Creio que para a análise, embora ligeira, dos *Sertões*, seria util estudá-lo sistematicamente, sob o tríplice aspecto de obra de estilista, de sociólogo e de historiador. Ha nêles tantas e tão complexas questões em tão íntima conexão (um pouco prejudicial á harmonia do conjunto) que se torna necessário, a quem o

lê, caminhar cuidadosamente, para não perder-se no complicado labirinto.

O ESTILO

Euclides da Cunha parece-nos preliminarmente um espírito inquieto, que muito leu e muito pensou e que, depois, num livro único, quiz vasar tudo que lêra e pensara. O seu livro principal é, desta fôrma, um pouco de tudo; desde problemas de geologia até sociologia, de tudo trata, tudo agita. Naturalmente, ao estilo deve grande parte do seu êxito. Pomposo, difícil, de extraordinária riqueza verbal, tinha as qualidades de brilho tão apreciados pelo gosto literário da sua época. Os outros aspectos eram menos acessíveis á maioria dos leitores.

De mim — traduzo apenas impressões pessoais — não no estimo. Não me atreveria a condená-lo, porque o julgo manifestação lógica do seu character ou índice de sua organização psíquica. Faço-lhe restrições ou não o aprovo totalmente. Cada qual tem, naturalmente, o seu ideal intimo, o seu critério á beleza. Preferindo o estilo de Rui Barbosa, com a sua rara plasticidade, e, sobretudo, o equilibrio sereno da expressão de Machado de Assis, compreendo, entretanto, a elo-

quência, um pouco enfática, de Euclides da Cunha. Deve ter pertencido á categoria dos escritores, nos quais, segundo os psicólogos, predominam os elementos de fator interno ou character inato, traduzido pela espontaneidade ou originalidade da expressão. Basta, pois, ter sido sincero, para redimir-se de possíveis pecados. Seria pueril pensar nos *Sertões*, sem o abuso dos termos técnicos, dos arcaísmos inúteis, que lhe dão, tantas vezes, o falso aspecto de malabarismo e de confusão de idéas. O melhor estilo seria a supressão do estilo, se tal supressão não equivallesse á da própria personalidade literária. Devem existir na arte de escrever, outras regras, além da concisão e da clareza; o critério do estilo mecânico e utilitário de Spencer é demasiadamente estreito, ao menos, para as obras literárias. Outros requisitos são-lhe necessários: a medida, a harmonia, o ritmo, em suma, coisas que mal se definem e que mais do que sensações, são percepções, e que constituem, sem metáfora, a alma das palavras e sua maneira de suggestionar e comover.

Euclides da Cunha encontra, com rara felicidade, as frases cortantes, que lhe modelam fortemente o pensamento e se nos gravam para sempre na memória. Bastaria para o immortalizar, como estilista, qualquer das páginas celebres dos *Sertões*, o perfil do sertanejo nortista, por exemplo. São alguns períodos de extraordinária força. É

difícil citar um trecho qualquer, porque seria preciso citá-los todos.

O sertanejo, cançado e indolente desengonçado e triste, transforma-se ao primeiro obstáculo que encontra.

“Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os hombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrige-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa e instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréo canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titan acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias”.

Segue o cavalo, lentamente, catinga a fóra, acompanhando o “passo tardo da boiada”, rédeas frouxas, pernas caídas, tronco pendente e oscilante, imagem da inércia. Tresmalha uma rez. Transmuta-se o cavaleiro. Do “Hercules-Quasímodo”, surge o tártaro audaz.

“Colado ao dorso do cavalo, confundindo-se com êle, graças á pressão dos jarretes firmes, realiza a criação bizarra de um centauro bronco: emergindo inopinadamente nas clareiras; saltando valos e ipueiras; rompendo, célere, pelos espinheiraes mordentes; precipitando-se, a toda brida, no largo dos tabuleiros.”

Outras vezes, não é uma rez apenas que *levanta*; é o rebanho todo: o estouro da boiada. Vale a pena lembrar a famosa passagem.

“De súbito, porém, ondula um frêmito, sulcando, num estremeção repentino, aqueles centenaes de dorsos luzidios. Ha uma parada instantânea. Entrebatem-se, enredam-se e alteiam-se, fisgando vivamente o espaço, e inclinam-se, e embaralham-se milhares de chifres. Vibra uma trepidação no solo; e a boiada *estoura*... A boiada arranca. Nada explica, ás vezes, o acontecimento, aliás, vulgar, que é o desespero dos campeiros. Origina-o o incidente mais trivial: o súbito vôo rasteiro de uma araquan ou a corrida de um mocó esquivo. Uma rez se espanta, e o contágio, numa descarga nervosa subitânea, transfunde o espanto sobre o rebanho inteiro. É um solavanco único, assombroso, atirando de pancada, por diante, revoltos, misturando-se embolados, em vertiginosos disparos, aqueles massiços corpos, tão normalmente tardos e morosos. E lá se vão; não ha mais contê-los ou alcançá-los. Acamam-se as caatingas, arvores dobradas, partidas, estalando em laca e gravêtos; desbordam de repente as baixadas num marulho de chifres; estrepitam, britando e esfarelado as pedras, torrentes de cascos pelos tombadores; rola surdamente pelos tabuleiros, ruído soturno e longo de trovão longínquo...”

Euclides quiz manter em todo o livro esta linguagem ardente, grandiosa e enfática. Raramente procura descer o diapasão. Por isto mesmo, toma um aspecto gongórico e difícil, que acaba por tornar-se monótono e fatigante. O estilo ideal deve ser o que se amolde a todas as nuances do pensamento, a gama completa dos grandes artistas da palavra. Nêste sentido, Rui Barbosa é, entre nós, um exemplo sempre digno de citação. Tomo dêle um tema idêntico ao de Euclides da Cunha para facilitar a comparação entre as suas maneiras: "o estouro da boiada". Ha em ambos a mesma riqueza de palavras, o mesmo poder evocativo. Tumulto e eloquência em Euclides; medida e equilíbrio, que não excluem vigor, em Rui Barbosa.

"Vai o gado sua estrada mansamente, róta segura e limpa, chã e larga, batida e tranquila, ao tom monótono dos *eias!* dos vaqueiros. Caem as patas no chão em bulha compassada. Na vaga doçura dos olhos dilatados transluz a inconciente resignação das alimárias, oscilantes as cabeças, pendente a margem dos perigalhos, as aspas no ar em silva rasteira por sobre o dorso da manada. Dir-se-ia a paciência em marcha, abstrata de si mesma, ao tintinar dos chocalhos, em pachorrenta andadura, espertada automaticamente pela vara dos boia-deiros. Eis senão quando, não se atina porque, a um acidente mínimo, um bicho inofensivo que passa a fugir, o grito de um pássaro na capoeira,

o estalido de uma rama no arvoredo, se sobressalta uma das rézes, abala, desfecha a correr, e após ela, se arremessa, em doida arrancada, atropeladamente, o gado todo. Nada mais o reprime. Nem brados, nem aguilhadas o detêm, nem tropeços, voltas ou barrancos por deante. E lá vai, incessantemente, o pânico em desfilada, como se os demônios o tangessem, léguas e léguas, até que, exausto o alento, esmorece e cessa, afinal, a carreira, como começou, pela cessação do seu impulso. Eis o *estouro* da boiada. Assim, o movimento político de maio: um baque, um susto, um esparramo e a desordem geral no mundo político surpreendido...”

De Machado de Assis ou de Vieira, dois outros mestres na arte de escrever, quaisquer trechos. Do primeiro, abrindo ao acaso, as *Memórias de Braz Cubas*.

“...E a imaginação dela, como as cegonhas que um ilustre viajante viu desferirem o vôo, desde o Ilisso ás ribas africanas, sem embargo das ruínas e do tempo — a imaginação desta senhora também vôou por sobre os destroços presentes até as ribas de uma África juvenil... Deixá-la ir; lá iremos mais tarde; lá iremos, quando me restituir aos primeiros anos. Agora, quero morrer tranquilamente, metodicamente, ouvindo os soluços das damas, as falas baixas dos homens, a chu-

va que tamborila nas folhas de tinhorão da chá-cara, e o som estrídulo de uma navalha que um aamolador está afiando lá fóra, á porta de um correeiro. Juro-lhes que esta orquestra da morte foi menos triste do que poderia parecer. De certo ponto em diante chegou a ser deliciosa. A vida estrebuchava-me no peito, com uns impetos de vaga marinha, esvaía-se-me a consciência, eu descia á imobilidade física e moral, e o corpo fazia-se-me planta, e pedra, e lôdo, e cousa nenhuma. . . .”

De Vieira, um trecho, que é de antologias: “arranca o estatuário uma pedra dessas montanhas, tósca, bruta, dura, e informe; toma o maço e o cinzel na mão e começa a formar um homem, primeiro, membro a membro, depois, feição por feição, até a mais miúda; ondeia-lhe os cabelos, alisa-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a boca, avulta-lhe as faces, torneia-lhe o pescoço, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos; aqui, desprega, ali, arruga, acolá recama; e fica um homem perfeito e, talvez, um santo, que se pode pôr no altar. . . .”

Nos *Sertões*, é muito evidente a preocupação das frases, das grandes fases românicas, *hugonanas*, preocupação perigosa, que pode sacrificar a idéa. Neles são quasi felizes, embora, algumas vezes obscuras e vazias. Ao lado das belezas literárias deparam-se-me certas falhas que me dei-

xam impressão de esforço falhado, de corda que, por muito distendida, se partiu. Falta a Euclides, a arte da ligação das partes, que é o sinal do equilíbrio e da harmonia íntimas. Parece fugir-lhe o laço subtil que prende as idéas. Precisa intervir diretamente na formação, explicar, esclarecer, restringir, emendar o fio, e daí, numerosas expressões, que já foram classificadas de parasitárias, e que lhe maculam o formoso livro: “volvamos ao ponto de partida”, “resumamos essas linhas”, “abramos um parêntesis”, “não prossigamos”, e que tais. Dir-se-ia que no tumultuar das idéas, tão ricas e abundantes, êle próprio termina por perder-se, sentindo necessidade desses artifícios vulgares, como de pontos de mira, na confusão da “floresta aspera e espessa”.

Que importam, entretanto? Nada mais facil do que perdoar a Euclides da Cunha esses pequenos defeitos, se o são, e ainda, os pecados mais graves dos arcaísmos desabusados e da fraseologia ciêntifica, que tornam seu livro um caso singular, de difficil classificação literária.

A TERRA E O HOMEM NOS SERTÕES

Ha nos *Sertões* muitas cousas que provocam permanente controvêrsia. O livro abre pela descrição da terra. E' a sua primeira parte: uma

larga moldura onde se desenha o perfil geográfico da região central do Brasil, da *Terra Ignota*, que Canudos manchou de sangue e encheu de tristeza. Euclides da Cunha aceita e desenvolve a hipótese de Liais sobre a formação geológica das terras sertanejas. É realmente curioso sonho de geólogo, como êle classifica. Até o período terciário um oceano cretáceo dividia a America do Sul em duas grandes ilhas, comunicando o Atlântico ao Pacífico, através da sua zona central. Quando se abre aquele período e a cordilheira dos Andes emerge das aguas, as massas graníticas das altiplanuras das Guianas, de época anterior, o paleológico médio, elevam-se também na sublevação geral, “arrastando o conjunto das terras numa rotação vagarosa em torno de um eixo, imaginado por Liais entre os chapadões de Barbacena e a Bolivia.” Precipita-se o afloramento da terra. O mediterrâneo entre os planaltos do Norte e os massiços do Sul fecha-se ao oeste, estreita-se, comprime-se, despedaça-se em canais, em istmos, e termina por se reduzir ao canal amazônico. Então os terrenos do norte da Baía “avolumam-se num ascender contínuo”, as regiões mais altas “salpicam-se de lagos”, enquanto as terras baixas continuam imersas. Uma corrente impetuosa as enlaça, as tritura, corroi-lhes as bases, remoinha para oeste e, “arreatando todos os materiais desagregados”, modela aquele trecho do sertão

baiano, que surge enfim como uniforme amontoado de montanhas derruidas.”

Para fundamentar a hipótese, Euclides da Cunha lembra (além das bacias cretáceas das adjacências de Paulo Afonso e da identidade dos fosses que as definem com os descobertos no México, Panamá e Perú) o desnudamento da terra, o alinhamento de materiais fraturados, as escarpas dos taboleiros terminando em taludes a prumo, e mesmo, restos de fauna pliocene “que fazem dos caldeirões enormes ossuários de mastodontes, cheios de *vértebras* desconjuntadas e partidas, como se ali a vida fosse, de chofre, salteada e extinta pelas energias revoltadas de um cataclismo. Essa formação tumultuária dos sertões baianos, explicaria o estranho *facies* geográfico e o segredo do deserto. Canudos, diz Euclides, é um índice, sumariando a fisiografia dos sertões do Nordeste. Estuda-lhes cuidadosamente os múltiplos aspectos físicos, a fauna, a flora, o regime dos ventos e das chuvas, a orografia e a potamografia, e trata, enfim, do problema capital das sêcas.

Quem desejasse um sinal da inércia ou da imprevidência nacionais, de certo, não encontraria nenhum mais evidente do que este eterno problema das sêcas do Nordeste. O Brasil progrediu; o sul colonizou-se e enriqueceu; no litoral, construíram-se, com abundância, talvez excessiva, portos custosos; estradas de ferro penetraram nos ser-

tões distantes, integrando na vida nacional os Estados do Sul, os próprios longínquos Mato-Grosso e Goyaz; o Rio transformou-se de velha cidade colonial em vistosa metrópole moderna. Surgiu a civilização européa, ou, pelo menos, o seu verniz justapoz-se ao grosso fundo da rotina hereditária. O Nordeste brasileiro continua, entretanto, como ha cem anos, periodicamente devastado pelas sêcas.

Não parece que se trata de algum problema insolúvel para a engenharia moderna. Já os Romanos, lembra Euclides, depois da conquista de Cartago, realizaram a conquista maior da Natureza adversa, fazendo recuar o Sahara invasor, estabelecendo uma rêde formidavel de barragens, aproveitando as torrentes pluviais, abrindo canais, criando, em suma, um sistema fecundo de irrigação geral. No Egito e nos Estados Unidos, os ingêlêses e os americanos encontram soluções que corrigem os efeitos das sêcas. Entre nós, têm servido estas, sobretudo, para a retórica dos congressos e das conferências, para projetos mirabolantes e, por vezes, para justificar uma burocracia voraz. E o Brasil, que não resolve o seu grande problema, que não é apenas administrativo, porque é igualmente moral, social e político, estipula generosamente o emigrante estrangeiro que se dirige para as regiões do Sul. Segundo Euclides da Cunha, engenheiro, e que estudou a questão *in loco*,

a solução mais pratica é ainda a romana, que os francêses copiaram, applicando-a na Tunísia. Condena os grandes *cáspios* artificiais e os poços artesianos.

A parte que se segue é a mais curiosa do livro. Nela estuda o homem, o problema etnográfico do Brasil e indaga as causas psicológicas da rebelião de Canudos.

Começa afirmando a sua crença no autoctonismo das raças americanas. A America teria sido um centro independente da criação; existiu assim o *homo americanus*. Euclides dá a esta hipótese de Agassiz o valor de um axioma que prescindisse de discussão. Ela, entretanto, deve ser bem precária. Parece mais logica a hipótese monogenética do acantonamento primitivo da espécie humana num centro único de criação, no grande viveiro da Asia, donde ela teria partido, em migrações sucessivas, para povoar os outros continentes. Agassiz dividiu a Terra em nove regiões distintas, nas quais, surgiram independentes, num momento da evolução cósmica, as diversas raças humanas e que êle chamava reinados polinésios, australiano, malásio, hotentote, africano, europeu, mongol, americano e ártico. Teoria vivamente combatida pela maior parte dos antropólogos modernos. Identidades e analogias múltiplas demonstram a comunidade de origem da nossa espécie. As migrações através do estreito de Bhe-

ring e das correntes oceânicas entre o Japão e a America do Norte parecem evidentes. Bastaria lembrar com Quatrefages (*L'Espèce humaine*) a igualdade de costumes das populações ribeirinhas do estreito, a presença na Sibéria e no Alaska dos Tchouktchis e Komo-Sivo, *rio negro* dos japoneses, que corre do Japão á California. De resto, semelhanças de língua e de tradições na América pré-columbiana, recolhidas pelos espanhóes da conquista, avigoram a crença no íntimo parentesco entre o indígena americano e o "homem asiático." Entretanto, tinha Euclides da Cunha o direito de homologar as sentenças de Agassiz. Na incerteza, na confusão dessas curiosas questões de antropolopologia, onde a definitiva verdade? Os fatos se devem ter passado ha tantos milhares de séculos, que a nossa imaginação pode reconstituí-los á vontade. Domínio de romances. Já lord Kalvin dizia com espírito das teorias de Darwin, que tinham o defeito de envelhecer demasiadamente o mundo tão velho...

Importa mais acompanhar Euclides no estudo que faz do *meio* brasileiro e do que chama a sua reflexão na historia. E' mais complexo do que geralmente julgamos o nosso problema etnográfico. Não basta, diz Euclides, estudar os elementos primários da nacionalidade, os tipos primitivos de sua formação indígena. Do indígena, do negro e do portugûês, não surgiu um produto unificado,

um tipo acabado de brasileiro. “Ao contrário, a combinação ternária inevitável determina, no caso mais simples, tres outros, binárias. Os elementos iniciaes não se resumem, não se unificam; desdobram-se; originam numeram igual de sub-formações, substituindo-se pelos derivados, sem redução alguma, em uma mestiçagem embaralhada, onde se destacam, como produtos mais característicos, o mulato, o mamaluco e o cafuz...” Não é possível um único tipo étnico no Brasil. Não temos ainda unidade de raça; não a teremos nunca, diz Euclides da Cunha. Nenhum país a tem igualmente; por toda parte os cruzamentos successivos impediram a conservação do tipo primitivo. Sob esse aspecto, é estulto qualquer conceito de raça pura. Na própria Europa, a confusão entre povos diversos tem sido tão constante e tão intensa que nenhuma nação poderia orgulhar-se da pureza racial. O que se torna necessário é distinguir o cruzamento de tipos, no mesmo período de evolução e cultura, e o cruzamento entre tipos de extremos de escala. Aí, sómente, é possível falar-se em raças superiores e inferiores. E’ longa a escala que vem do hotentote ao branco europeu.

Certamente, o tipo chamado branco terminará predominando no Brasil, como aconteceu no próprio Portugal, onde tão forte foi o afluxo do sangue dos africanos do norte e mesmo dos moçára-

bes. Dos cruzamentos múltiplos entre as variedades européas que as imigrações nos trazem e a propria mestiçagem nacional, surgirá a futura sub-raça brasileira, com os seus caracteres próprios, a sua feição definida, trenada pelo meio e melhor adaptada ás condições da vida. Ela integrará a nacionalidade brasileira. Depois de povoado e cultivado o sul do país, marchará para o norte, repetindo a missão histórica dos paulistas das "bandeiras", para abri-lo definitivamente á civilização. Não sei como imaginar o progresso do Brasil, se fosse possível o predomínio ou mesmo a conservação das raças inferiores, da mestiçagem condenada, que ainda lhe constitue a maior parte da população.

Valem a pena ser citadas as palavras, neste sentido de Euclides da Cunha: "A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivissimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso. O indo-europeu, o negro e o brasílio-guarani ou o tapuia, exprimem estádios evolutivos que se fronteiam, e o cruzamento, sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro, é um estimulante á revivescência dos atributos primitivos dos últimos. De sorte que o mestiço — traço de união entre as raças, breve existência individual

em que se comprimem esforços seculares — é quasi sempre desequilibrado. Foville compara-os, de modo geral, aos histéricos... Não se compreende que após divergirem extremamente através de largos períodos, entre os quais a história é um momento, possam dois ou tres povos convergir, de súbito, combinando constituições mentais diversas, anulando em pouco tempo distinções resultantes de um longo trabalho seletivo. Como nas somas algébricas, as qualidades dos elementos que se justapõem, não se acrescentam, subtraem-se ou se destroem, segundo os caracteres positivos ou negativos em presença. E o mestiço — mulato, mamaluco ou cafuz — menos que um intermediário, é um decaído, sem a energia física dos ascendentes selvagens, sem a altitude intelectual dos ancestrais superiores. O mestiço é um intruso. Não lutou; não é uma integração de esforços; é alguma cousa de dispersivo e dissolvente; surge, de repente, sem caracteres próprios, oscilando entre influxos opostos de lados discordes”.

Não seria possível mais viva condenação á mestiçagem nacional. Injusta? Vão preconceito? E' bem possível. Euclides da Cunha exagera a importância das raças, deixando em segundo plano ou esquecendo outros complexos determinantes da formação brasileira, como o clima, a alimentação, o regime social da escravidão e as condições da economia geral do país. Infinita

série de caracteres adquiridos e transmitidos e um longo esforço de seleção criaram as raças humanas, com as diferenças múltiplas que as separam, desde o pigmento da pele ás virtudes morais e intellectuais, mas que se corrigem e se alternam sob a influência de outros fatores.

Que poderia sair, segundo a tésé de Euclides, da mistura arbitrária e tumultuosa de tipos tão diversos? Inteligente e fecundo deve ser o cruzamento entre tipos próximos. A confusão de sangues pode ser benéfica, como entre as familias diversas.

Quanto mais se sobe na escala das divisões, menos fecundos se tornam, podendo ir até o hybridismo das uniões entre espécies diversas. No Brasil mesmo ha o exemplo dos Estados do Sul, onde o cruzamento das raças européas com o puro descendente portuguez e com o próprio mestiço vem permitindo o aparecimento de um tipo novo, forte e capaz, que deve ser o índice da nossa futura sub-categoria étnica. Mas entre os diversos tipos brasileiros o que interessa especialmente a Euclides da Cunha é o sertanejo nortista. Precisa conhecê-lo para explicar Canudos. Todavia, não é suficiente analisar-lhe as origens antropológicas; é preciso estudar igualmente o *meio* que o modifica e condiciona.

Euclides da Cunha supõe que se pode dividir o Brasil em tres regiões distintas, com os seus cli-

mas característicos ou, antes, com os seus climas tradutores, pois o clima é a “tradução fisiológica de uma condição geográfica”. Essas três zonas distintas são: a francamente tropical, que se expande pelos Estados do Norte até o Sul da Baía, com uma temperatura média de 26°; a temperada, de São Paulo ao Rio Grande, pelo Paraná e Santa Catarina, entre os isoterms de 15° e 20°; e, como transição, a sub-tropical, alongando-se pelo centro e norte de alguns Estados, de Minas ao Paraná. Naturalmente, nesta zona, deveria êle incluir os Estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro. Dos três climas originam-se três *habitats* diversos, cada qual tendo vida própria e, mesmo, origens históricas especiais. Porque a nossa história, escreve Euclides da Cunha, traduz notavelmente essas modalidades mesológicas. Os meios opostos do sul e do norte do país, formam duas sociedades distintas, evoluindo paralelamente.

Não sei se é possível afirmar-se que exista perfeita consciência brasileira, forte e unida, capaz de resistir às diferenças regionais, ao exagero do federalismo político, pelo culto comum da pátria, pela identidade de aspirações e pela comunhão de interesses e desejos. O máximo perigo nacional pode ser o da desagregação. A imprevidência costumeira ou a incorrigível miopia dos dirigentes não quer enxergá-lo e prevenir-lhe o desastre. O sul fez e faz a sua vida á parte; o sulista, mais

previdente, mais prático, mais particularista, como diria Demolins ou Le Play, conseguiu dominar politicamente o país. A natureza generosa, permitindo-lhe mais rápido desenvolvimento, e a União amiga facilitaram-lhe a hegemonia na vida nacional. O nortista, talvez mais inteligente, de certo mais nervoso, mais inquieto, mais pródigo, mais dispersivo e mais inerte, aceita resignadamente a supremacia dos seus contemporâneos. E', em regra, um romântico. "A sua história, escreve Euclides, é mais teatral, porém menos eloquente. Surgem herois, mas a estatura lhes avulta pelo contraste com o meio; belas páginas vibrantes mas truncadas, sem objetivo certo, em que colaboram, de todo em todo separadas, as tres raças formadoras". Só o contácto de outros povos e o estímulo da necessidade poderão transformá-los, aproveitando-lhes as virtudes inatas. O sertanejo, esquecido na terra áspera e ingrata das catingas, onde se detinham os aventureiros atemorizados do litoral, conseguiu guardar, na imprecisão antropológica do brasileiro, certa unidade de caracteres étnicos. No entanto, Euclides exagera dizendo que o considera representante de uma sub-categoria étnica já constituída. Realmente, o insulamento geográfico e a aspereza do meio moldaram-lhe os aspectos, mas amanhã ou depois, quando a onda civilizadora do sul e do litoral lhe bater á porta, êle se transformará, desaparecerá talvez,

por lhe faltarem os atributos superiores que resistam na "luta pela vida".

O sertanejo não é um degenerado, diz Euclides; é um retrógrado. "E", sobretudo, um forte; não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral." Abandonado dos homens e da natureza, a alma fortaleceu-se-lhe no isolamento, e também, segundo observação verdadeira de Euclides, livrou-se da adaptação penosíssima a um estado superior, escapando, desta arte às aberrações e aos vícios dos meios adiantados. "Ao invés da inversão extravagante, que se observa nas cidades do litoral, onde funções altamente complexas se impõem a órgãos mal constituídos, comprimindo-os e atrofiando-os antes do pleno desenvolvimento — nos sertões, a integridade orgânica do mestiço desaponta inteiriça e robusta, imune de estranhas mesclas, capaz de evoluir, diferenciando-se, acomodando-se a novos e mais altos destinos, porque é a sólida base física do desenvolvimento moral ulterior."

Euclides estuda-lhe os costumes com enternecido realismo, a vida monótona das catingas, os *aboiados*, as *vaquejadas*, as *cavalhadas* anacrônicas, os *sambas*, os *choradinhos*; eleva-lhe as fortes virtudes, a lealdade, a probidade, a pertinácia, o amor á terra; analisa-lhe os vícios e os defeitos, os costumes guerreiros, a religião bárbara, a monotonia e a tristeza da vida, em que os dias se

sucedem e se confundem na uniformidade das paisagens, das cousas e dos homens.

De repente, uma variante trágica. Aproxima-se a sêca. São, em verdade, páginas magníficas essas em que Euclides da Cunha escreve o terrível flagelo, que periodicamente assola os sertões do Nordeste, “como sinais comemorativos de uma moléstia cíclica, da sezão assombradora da Terra”. Multiplicam-se as imagens e as metáforas, atingindo-lhe a eloquência o mais alto diapasão. O estilo de Euclides parece justamente adequado a tais brutalidades da Natureza. Êle sente o martírio secular do jagunço e comove-se ante o seu heroísmo. Não poderia citar um trecho qualquer sem mutilar a descrição. Despovoou-se o sertão; o sertanejo desceu para o litoral, em levas de miseráveis emigrantes “debruando de ossadas” os longos caminhos que o sol abraza. Passa o flagelo. Reflorece a terra. O sertanejo volta. “Remigra. E torna feliz, revigorado, cantando, esquecido de infortúnios, buscando nas mesmas horas passadeiras de ventura perdida e instavel, os mesmos dias longos de transes e provações demoradas”. “Insulado no seu país, em luta aberta com o meio ingrato, êle não tem capacidade orgânica para se afeiçoar á situação mais alta. O círculo estreito de atividade remorou-lhe o aperfeiçoamento psíquico. Está na fase religiosa de um monoteísmo incompreendido, eivado de misticismo extravagante.

te, em que se debate o fetichismo do índio e do africano... A sua religião é como êle, mestiça...

A CAMPANHA DE CANUDOS

Canudos foi, principalmente, ou mesmo, unicamente, um movimento religioso. Para compreendê-lo é necessário conhecer os sertões do Norte, nos seus aspectos físicos e na sua vida social, e a psicologia do jagunço. Foi o que Euclides da Cunha fez no seu formoso livro.

Quem era Antonio Conselheiro? Êle o diz nas grandes páginas, em que lhe traça o perfil, ou mesmo, numa simples frase. "Nas camadas profundas da nossa estratificação étnica — uma anticlinical extraordinária". Fóra do meio sertanejo, seria um louco, um paranóico, como tantos outros que enchem os hospitais de alienados ou vivem perigosamente conosco na liberdade das ruas. Nos sertões brasileiros, pode ser a figura formidável de Canudos. Tem razão Euclides; só importa estudá-lo, em função do meio, de que foi "uma diátese ou uma síntese." Um gnóstico bronco, revivendo quasi no seculo XX, num canto da terra, onde os homens e as cousas parecem ter adormecido como no conto da *La belle au bois dormant*, os movimentos místicos da idade média e do proprio século XVI, em Portugal, ao tempo

de Alcacer-Kibir, dos reis de Penamacor e Eri-ceira.

Euclides da Cunha resume a curiosa biografia do Conselheiro, as primeiras lutas entre a sua família, os Macieis e os Araujos, do Ceará, as primeiras revoltas, os primeiros crimes, a lenta peregrinação através dos sertões do Ceará, Pernambuco, Sergipe e Baía e a fixação final em Canudos. Sua insânia contaminava e fazia pro-sélitos; seu misticismo bárbaro encontrava ambiente propício. Cresceu, encheu os sertões, e, um dia, em Canudos, "projectou-se na história". O egoísmo da Igreja, que lhe explorava a popularidade, e a inércia do Governo permitiram este ingresso. Euclides da Cunha vai dizer como êle se efectivou.

"Canudos, velha fazenda de gado, á beira do Vasa-Barris era, em 1890, uma tapéra, de cerca de cincoenta capuabas de pau a pique." Em 1893, quando ali chegou Antonio Conselheiro, entrára em decadência. Data desta época a "Troia de taipa dos jagunços." As migrações dos sertões do Norte, desde o Piauí á Baía, convergem para este lugarejo obscuro, onde mais tarde os exércitos republicanos iriam embater-se tristemente, nodoando a glória do seu passado. Da topografia bizarra, numa curva do Vasa-Barris, apertado entre morros nús, Canudos "era uma tapéra dentro de uma furna." A monstruosa aldeia, como uma

taba de selvagens, num labirinto de viedas lôbre-gas, parecia “construída numa noite por uma multidão de loucos.” Coroando-se a igreja fantástica, de que o Conselheiro fôra o próprio arquiteto. “Fachada estupenda, sem módulos, sem proporções, sem regras; de estilo indecifrável, mascarada de frisos grosseiros e volutas impossíveis, cabriolando, num delírio de curvas incorretas; rasgada de ogivas horrorosas, esburacada de troneiras; informe e brutal, feito a testada de um hipogeu desenterrado; como se tentasse objetivar, a pedra e cal, a própria desordem do espirito delirante.”

E’ nessa cidade bizarra, em torno deste templo monstruoso, que se desenrola a tragédia de Canudos, uma das páginas mais tristes e mais lamentáveis da nossa história. Aprestam-se os heróis: Antonio Conselheiro e as figuras principais de Pajehú, João Abade, Macambira, Antonio Beatinho, e tantos outros, dos quais, um momento, a bravura pessoal redime todos os crimes, marcando as páginas vibrantes dos *Sertões* com um traço de incomparável heroísmo. Um duro regimen ascético, o prestígio de Antonio Conselheiro e a estranha moral do agregado primitivo, tudo prepara Canudos para a epopéa final, quando os velhos erros da nacionalidade explodem, enchendo o país de espanto e tristeza. O republicanismo vermelho e o jacobinismo inconciente

quizeram ver no movimento religioso de Canudos, síntese do estado social dos sertões, um movimento político. A nevrose não se resumia aos jagunços; alastrava-se por todo o país. O Conselheiro clamava contra a República. Atrás do Conselheiro deviam estar os saudosos do Império, todos os que se não deixavam levar pelo entusiasmo do regime nascente...

Alguns períodos ainda dos *Sertões*. "A guerra de Canudos foi um reflexo da nossa história. Tivemos inopinadamente, em nossa frente, uma sociedade velha, uma sociedade gasta, galvanizada por um doido. Não a conhecemos. Não podíamos conhecê-la. Os aventureiros do século XVII, porém, nela topariam relações antigas, da mesma sorte que os iluminados da Idade Média se sentiriam á vontade, neste século, entre os *demonopatas* de Varzenis ou entre os *stundistas* da Rússia. Porque essas psicoses epidêmicas despontam em todos os tempos e em todos os lugares, como anacronismos palmares, contrastes inevitáveis na evolução desigual dos povos, patentes, sobretudo, quando um longo movimento civilizador lhes impede vigorosamente as camadas superiores... Entre nós, o fenômeno foi, porventura, ainda mais explicável. Vivendo quatrocentos anos no litoral vastíssimo, em que palejam reflexos da vida civilizada, tivemos de improviso, como herança inesperada, a República. Ascendemos de chofre, ar-

rebatados na caudal das idéas modernas, deixando na penumbra secular em que jazem, no âmago do país, um terço da nossa gente. Illudidos por uma civilização de empréstimo, respigando, em faina cega de copistas, tudo o que de melhor existe nos códigos orgânicos de outras nações, tornamos, revolucionariamente, fugindo ao transigir mais ligeiro com as exigências da nossa própria nacionalidade, mais fundo o contraste entre o nosso modo de viver e o daqueles rudes pátrios, mais estrangeiros nesta terra do que os imigrantes da Europa. Porque não no-los separa um mar, separam-no-los três séculos...

“E quando pela nossa imprevidência inegavel deixamos que entre êles se formasse um núcleo de maníacos, não vimos o traço superior do acontecimento. Abreviamos o espírito ao conceito estreito de uma preocupação partidária. Tivemos um espanto comprometedor ante aquelas aberrações monstruosas; e com arrojo digno de melhores causas, batemo-los á carga de baionetas, reeditando, por nossa vez o passado, numa *entrada* inglória, reabrindo nas paragens infelizes as trilhas apagadas das bandeiras... Vimos no agitador sertanejo, do qual a revolta era um aspecto da própria rebeldia contra a ordem natural, adversário sério, extrênuo paladino do extinto regimen, capaz de derruir as instituições nascentes. E Canudos era a Vendéa...

Era lógico, pois, que reagissemos “á bala...”

Essas palavras vibrantes, que muito mais do que de mero cronista ou de simples narrador de fatos, são de um psicólogo e de um sociólogo, não deveriam ficar esquecidas jamais pelos brasileiros. Canudos foi uma tristeza. Não revela o crime exclusivo de sertanejos incultos, mas a displicência de toda a nação que lhe permitiu o aparecimento, e do Governo que o deixou crescer e medrar. E' necessário confessar que havia na inconsciência dos jagunços um fundo de justa revolta contra os homens que dirigem o país. O Governo só aparece, em regra, ás populações rurais do Brasil, sobretudo, do Norte, de fórma odiosa do agente de impostos e do policia boçal; os dirigentes, na encarnação ridiculo do político da roça, do mandão de aldeia, que as corrompe e explora. Nada lhes dá, nenhum beneficio lhes leva á terra ingrata, nenhum conforto da civilização moderna. Deixa-as entregues a si mesmas, ao seu cuidado, ao Deus dará. Elas, no entanto, já desconfiam que o dinheiro do seu trabalho se desvia para o bolso dos politiquieiros, para o parasitismo burocrático das repartições públicas, para os melhoramentos espectaculosos e vorazes das cidades, para os palácios e avenidas suntuárias, que possam atestar aos coévos a visão de estadistas dos voluptuosos usufrutuarios do país... Canudos foi uma lição, de que não quizemos ainda colher todas as consequências,

e por isto mesmo, se repetiu atenuada, no Contestado, e pode repetir-se amanhã ainda em qualquer trecho do nosso territorio. E ali, e além, não conhecemos outro remédio senão, na frase de Euclides, o legislador Comblain e “este argumento único, incisivo, supremo e moralizador — a bala.”

Entra o livro na ultima parte: a campanha militarista. Desisto de acompanhá-lo. E' demasiado penosa a evocação das suas páginas brutais. Guardam-se eternas nos *Sertões*, animadas de um sôpro de epopéa, vibrantes e justas. E' toda a luta que revive: os preparativos, o fracasso das primeiras expedições, o sítio, a destruição final, as crueldades e as infâmias, figuras sinistras e figuras heroicas, a bravura indómита do jagunço, lutando até o ultimo momento.

“Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro, apenas: um velho, dois homens feitos e uma creança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados...”

Repito com Euclides da Cunha: “Fechemos este livro”. E' realmente um grande livro; seiscentas paginas, iluminadas pela poderosa eloquência de um artista, que foi igualmente um sociólogo.

go e um pensador ilustre. Através delas, passaram a terra, o homem, a campanha militar, os heroísmos e as misérias, as virtudes e os crimes dos homens. Não é um Maudsley ou outro psicólogo e fisiologista sereno e frio, como supunha Euclides da Cunha, que poderia escrevê-las. As loucuras e os crimes das nacionalidades podem muito mais: um Tácito para as infâmias de Roma, um Macaulay para os crimes dos Stuarts, e um Euclides para as misérias de Canudos...



R U I B A R B O S A



RUI BARBOSA

O ESCRITOR

A figura politica de Rui Barbosa póde merecer de qualquer de nós as maiores restrições. Naturalmente, dêle discordamos muitas vezes. Não será difficil apontar-lhe falhas e erros. Nada mais estulto, no entanto, do que diminuir o sentido da sua grande atuação, que vem dêse as lutas abolicionistas até a campanha *civilista*, a mais brilhante página da nossa história. Em quarenta anos de vida pública, num meio inculto, sem educação cívica, sem partidos organizados, dirigido ao léo pelas inspirações e conveniências de momento, seria absurdo exigir de um político ativo, como neste longo espaço de tempo tem sido Rui Barbosa, perfeita coerência de palavra e de ação, uma linha reta, inflexível e monôtona. Êle teria de transigir muitas vezes, adaptando-se ás situações criadas a toda hora e submetendo-se á contingência das cousas. Será injusto, entretan-

to, duvidar das suas intenções. Pelo seu talento, pela sua cultura, pelos seus ideais de liberalismo e de perfeição democrática, é Rui Barbosa uma espécie de desenraizado no Brasil. Ainda não comporta a nossa educação política homens da sua natureza; ficam deslocados, sem exata correspondência com o meio em que se debatem. Torna-se necessário que êles mesmos se mutilem para caber em semelhante leito. Imaginai, por absurdo, o Amazonas fóra da sua bacia natural: as longas e pantanosas planícies, as florestas seculares, que se lhe debruçam ás margens, os mil afluentes e igarapés, que lhe prestam homenagens de vassallos, e colocai-o numa paisagem mineira, entre morros, na aflicção de um vale. Vê-lo-eis, então, entre saltos e barrancos, gritando, aqui, nos socavões, partindo-se, além nos algares, num desesperado esforço para viver, para levar ao mar longínquo o formidável volume das suas águas. Atenaza-o a terra; sufoca-o o céu. Perdeu a serenidade com que, outrora, se espraiava nas planícies intérmimas. Agita-se e turva-se a todo momento. Coeia sem cessar como se fóra simples córrego que serpeasse numa região de montanhas, ao sabor dos accidentes do terreno. Não no julgueis, entretanto, pela aparência ou pela estreiteza forçada das margens... Se desejais a medida real de sua força, ponde em equação também a profundidade das águas e a impetuosidade da corrente. Expa-

triado, deslocado, comprimido, ainda é o grande rio...

Rui Barbosa seria notavel homem de Estado numa velha nação européa, de civilização secular, de perfeita entrosagem politica e administrativa, na Inglaterra, por exemplo, que deve ser a pátria do seu espirito. Num país anda em fase de formação política e de indisciplina social, pouco mais poderia ser do que tem sido: um valor secundário, um inatural, insulado e estranho. Não comprehende ninguem; ninguem o comprehende. Sendo no consenso unânime da nação o maior homem da época, a glória mais alta da nossa intelligência, não conseguiu realizar as justas aspirações á presidência da Republica, que entre nós, no entanto, já desceu ao ultimo nivel das maiores mediocridades.

Daí, tambem, a sua permanente falta do senso da oportunidade, a sua incorrigivel inhabilidade, que o tornam quasi um ingênuo, entre as velhas e manhosas raposas da política. Não lhe será possivel jámais, apesar dos seus esforços tantas vezes tentados em tal sentido, perfeita adaptação ao meio. E porque ninguem pôde julgar-se imparcialmente, perturba-se a visão de Rui Barbosa. Supõe-se ludibriado e esquecido, attribuindo á injustiça dos homens o que é um efeito de causas mais complexas. Extravasa-lhe a amargura e gritam-lhe as desilusões e desesperos nessas

páginas cortantes de Tácito, que formam a parte mais formosa da sua obra. Embalado nos seus sonhos liberais, dir-se-ia que ignora a terra que habita e desconhece os homens que o cercam. Num país que, por muito tempo, terá de ser a preza dos oligarcas, dos caudilhos e dos aventureiros políticos, pensa no triunfo da lei, da justiça e da liberdade. Num povo de tão larga percentagem de analfabetos, quer dominar pelo brilho sideral da inteligência, pela força da cultura e pela magia da palavra. Num meio em que se requer dos dirigentes capacidade prática de construir, prefere a função de censor, de crítico e de destruidor.

Mas não me importa, aqui, especialmente, a personalidade política de Rui Barbosa, que, um dia, espero estudar mais longamente. O que me interessa no momento é a personalidade de artista. As *Páginas Literárias*, publicadas na Baía, evocam-me a figura e a obra de Rui Barbosa. Li-as recentemente, e lentamente, nos vagares de um domingo, e parece que ainda guardo comigo mesmo a música das suas frases.

Evidentemente, ninguém tentaria criticar a obra de Rui Barbosa em algumas linhas apressadas. Ela é demasiado vasta para isto. Procuvo, no momento, apenas, traduzir algumas impressões sobre o seu estilo. Chamei-a mais duma vez, incidentalmente, no entusiasmo da adolescência, floresta virgem, onde evitamos penetrar, receosos

de perder-nos. Haveria de tudo nessa espessa e bravia mata tropical: arvores seculares a escalam o céu, arbustos modestos, flores exóticas, flores de estufa, grotas profundas e misteriosas, córregos, que murmuram no fundo dos vales, pássaros que cantam na ramaria verde, abelhas e serpentes, colibris e animais ferozes, a fauna, a flora e a paizagen do Eden...

Jurista, economista, moralista, sociólogo, crítico, orador e publicista, perlustrou Rui Barbosa todas as províncias do saber humano. A sua alta inteligência abriu-lhe todas as portas. Todavia, muito mais do que aquilo, é Rui Barbosa um artista, se artistas podem ser denominados os trabalhadores ciclópicos, que esculpem em bronze, em proporções colossais, e não apenas, como quisera Nabuco, os miniaturistas, os ourives da palavra, á maneira de Machado de Assis. Intrinsecamente, fundamentalmente, êle se revela, através de tudo, o escritor e o orador de primeiro plano. Para filósofo ou pensador, faltar-lhe-iam virtudes essenciaes: a capacidade construtora e o gosto da vida interior que se basta no próprio isolamento, que se contenta na "orgia silenciosa do pensamento", estranha ás tentações e ambições do mundo. Rui Barbosa nasceu para o grande público; tinha de ser político, orador, jornalista e advogado. E' a palavra a sua clava, a eloquência o seu escudo. Na sua grande obra, não se

devem procurar a agitação das idéas gerais, as criações originais e os pensamentos profundos. Ele é mais erudito do que filósofo, mais crítico do que construtor, mais político do que sociólogo, mais advogado do que jurista, no sentido do atualismo da sua produção. Emanalhe a glória de outras fontes. Seus escritos perpetuar-se-ão pela forma que, afinal, vale tanto quanto a idéa ou é menos efêmera.

Certo, não surgiu ainda no Brasil genio verbal comparavel ao seu. Ninguém, entre nós, escreveu jámais com maior riqueza; ninguém conseguiu maiores efeitos com a palavra falada ou escrita. Lembra sua prosa o ritmo largo de Bossuet, a música das frases de Chateaubriand, a lingua do padre Vieira, e, sobretudo, a eloquência de Cícero. Não lhe escapa nenhum recurso de retórica ou nenhuma harmonia das palavras. Quando lhe lemos uma página, temos a impressão de que a mediu, a declamou, a cantou, a poz em música; nem uma dureza, uma dissonância, uma nuga. São todas perfeitas, dignas de antologia. Abro, ao acaso, a coleção dos seus escritos escolhidos. Depara-se-me aqui o *Estoiro da Boiada*, além, o *Caim*, o *Caranguejo*, o *Fogo*, o discurso no Colégio Anchieta. De encantamento musical eis a attitude primeira ante esses longos e harmoniosos períodos. E' necessario vencer o enlevo para

tentar a análise das idéas, que elles vestem e descobrir-lhes, porventura, o segredo da estrutura.

Naturalmente, hoje, Rui Barbosa escreverá sem esforço. Longo hábito adquirido de artista. Mas, pelo carater mesmo da sua prosa, sente-se o trabalho de perfeição. Com a mesma espontânea riqueza de palavras e melodia naturais, a língua dos seus primeiros escritos difere sensivelmente da língua dos últimos. Tornam-se mais longos os períodos, mais cheias as frases, mais freqüentes as inversões e as antíteses. Multiplicam-se as imagens e as metáforas e extrema-se-lhe o colorido e o brilho da prosa. Há páginas de Rui Barbosa, que exigiriam aquelas lunetas esfumadas, que Gautier aconselhava aos admiradores de Paulo de Saint-Victor...

Entretanto, esta prosa admiravel, que nos encanta, foge dos moldes clássicos. E' a obra de um revolucionário, como foi a de Chateaubriand e a de Hugo. Só em Roma, Rui Barbosa receberia, de pleno direito, a sucessão de Cícero, na Hélade, talvez, se lhe fechassem os jardins.

A' sua grandeza falta medida, á sua eloquência, a flor da graça e do sorriso amavel. E' quasi um exilado de Port-Royal. Na gema ascendente do seu estilo, não se vos depararão os tons da ironia alada, de graça exquisita, da sensibilidade fina, como não encontrareis tambem, o tacto sutil, a intelligência do coração humano, em suma, as virtudes, que fazem o apanágio do gênio grego e se

chamam aticismo, e formam a glória singular de Machado de Assis. E' um estatuário em granito e em bronze, que não poderia perder muito tempo na graça de um *bibelot*, em porcelana de Sèvres. São-lhe armas desconhecidas a ironia suave, a dúvida e a reticência. Não sabe magoar, tocar a péle do adversário; dêem-lhe um sabre e, jamais, um florête. Quando quer ferir, dilacera e carneia. Vêde *Caim*, o discurso em resposta a Zama, a *Rebenquecida*. E' a colera estuante de Júpiter, siderando os pobres mortais, que lhe duvidaram da majestade... Mas são estas, justamente, as suas grandes páginas. Apaixonado, magoado, irritado, Rui Barbosa torna-se o distribuidor implacável das tempestades...

Victor Giraud escreveu no prefacio de uma edição recente dos *Pensamentos* de Pascal, repetindo velho problema literário, que, se do naufrágio de toda a literatura francêsa, lhe fôsse permitido salvar apenas um livro, levaria aquêle consigo. O pequeno volume daria a mais alta e pura imagem do gênio francês. Creio que qualquer de nós, em situação idéntica, forçado a escolher um livro único da incipiente literatura nacional, não hesitaria muito tempo ante uma coleção dos grandes escritos literários de Rui Barbosa. E' possível que os ultimos romances de Machado de Assis guardem sentido mais profundo e que os poemas românticos de Castro Alves nos toquem bem mais

vivamente a alma. Mas nem na obra de Machado de Assis, muito mais humana do que brasileira, e nem no talento poético de Castro Alves, encontraríamos um índice tão perfeito do gênio nacional, com as suas grandezas e suas falhas, como em Rui Barbosa. Por isto mesmo, nenhum outro nos evocaria tão alto, pelo correr dos tempos, a força, a eloquência e a beleza, um pouco bárbara, da língua em que escreveram Camões e Vieira...

O HOMEM PÚBLICO

Todas as vezes que procuramos compreender a obra de Rui Barbosa temos uma surpresa; é um novo aspecto, uma feição desconhecida da sua personalidade que se nos deparam, alterando nossas idéas preconcebidas e perturbando nosso julgamento. Não ha meios de focalizar-lhe a figura, de fixá-la em determinado trecho do horizonte. Em regra, ha em todas as grandes figuras intellectuais um núcleo, uma camada básica, arcabouço do espírito, que as definem e as caracterizam. Tomai da obra de um grande escritor, por mais variada e copiosa que seja, a de Balzac, por exemplo, a de Victor Hugo ou a de Taine. Aqui, além, sob as roupagens diversas, encontrareis os mesmos homens, com as suas organizações psicológicas especiais, vendo o mundo com os mesmos olhos, reagindo de maneira idêntica ás impressões da vida:

em Balzac, o dissecador da alma humana, deus *ex-máquina*, evocador de todo um mundo real e vivo; em Victor Hugo, o poeta ciclópico, o grande gênio verbal das metáforas e antíteses, o visionário impenitente; em Taine, a inteligência geométrica, o doutrinário e o pensador, que levou a toda a parte, da historia á crítica, a rigidez do seu sistema e o opulento material das idéas gerais.

Mas Rui Barbosa, que será êle fundamentalmente? Como caracterizar-lhe a mentalidade? Na teia da sua obra procuramos em vão um fio condutor. Jurista? Advogado? Jornalista? Político? Crítico? Moralista? Orador? Artista? Pelas várias regiões da inteligência e da cultura humana que êle perlustrou, nêsse meio século de atividade mental, foi tão viva a projeção de sua figura que nos parece sempre a mais alta de todos. Leio os *Direitos do Amazonas ao Acre*, e conclúo que Rui Barbosa é, sobretudo, um jurista e um advogado. O culto do direito e da justiça constitúe, em verdade, a base da sua vida mental e afetiva; o resto da sua obra será um incidente, um desvio passageiro da actividade principal. Leio as *Cartas de Inglaterra*, e depara-se-me o crítico penetrante de Carlyle, o grave moralista das "Bases da Fé", o pensador político de todo o livro. Eis o Rui perfeito. Tomo do projeto do Código Civil, e encontro na *Réplica*, o maior dos nossos filólogos, o mais profundo conhecedor da nossa

língua. Abro as coleções dos discursos e conferências da campanha civilista, e resurge aos meus olhos encantados a mais formidável organização de panfletário político, que ainda floresceu sob o nosso céu, o orador, o publicista extraordinário que um dia, pela força de sua palavra, despertou o país da sua resignada passividade política. E por toda a parte, através do crítico, do jurista, do orador, do publicista, brilha o artista da palavra, o incontestável senhor do ritmo e da harmonia. Sobre todas as coisas, Rui Barbosa deve ser, pois, um grande artista ou, antes, um grande orador. Mas peca semelhante explicação por unilateral; orador foi Castelar, artista da forma, cultor da frase foi Gautier e foi Latino Coelho. Rui Barbosa, maior do que êstes, é muito mais do que isso. A sua erudição e a sua preocupação constante de doutrinar e de ser um valor eficiente na sociedade política do seu tempo teriam de fazer de Rui Barbosa mais do que um puro esteta, que se contenta e se basta na beleza da expressão.

Quem desejasse explicar as múltiplas faces do espírito de Rui Barbosa não poderia esquecer as condições do meio, em que êle tem vivido. Excedendo a bitola comum da nossa inteligência e nossa cultura, Rui Barbosa é, entretanto, o mais profundamente nacional dos nossos grandes homens, nas letras e na política. Nenhum se enraíza com tamanha força em nosso solo; nenhum se

embebe tanto em nossa seiva. Ha na sua grande inteligência, um índice psicológico do brasileiro, como o determinam a raça, o meio físico e o momento histórico. Encontrareis nela o violento chόque entre a civilizaçāo europēa e as forças bárbaras do sertāo. Vereis, aqui, o tranquilo recanto da natureza mediterrānea e, mais alēm, uma floresta virgem dos trόpicos. Daí, as contradiçōes deste homem, que nāo deve ser julgado pelo nosso vulgar critério. É, de algum modo, um bárbaro, humanizado pela cultura clássica dos antigos escritores latinos e pelos doutrinários políticos da Inglaterra.

Segundo confissāo, mais de uma vez feita de público, Rui Barbosa deveu muito em sua adolescēcia, tāo rica de promessas, que todas frutificaram, á influēncia moral e intelectual de seu pai, figura austera de um mundo já passado e que aliava ao culto do liberalismo político prēcupaçōes de filόlogo e erudito. Desde cēdo, pois, adquiriu Rui Barbosa o gosto das letras e a paixāo das cousas políticas. Encontrou a sua extraordinária inteligência no recesso doméstico o melhor clima para o pleno florescer; nāo se perdeu, nāo se desviou, um instante, nesta fase da mocidade, em que a memória, ainda tāo fresca, sabe guardar para sempre as impressōes recebidas. Nāo lhe foi necessário, como acontece á maior parte dos nossos escritores, refazer mais tarde, por si só, as

bases de sua cultura. Êle entrou na arena das letras com a ferramenta tão util da cultura clássica, como trouxe para a política a velha tradição liberal, que lhe transmitira seu pai. Teria de ser, de fato, notavel seu exito. O précoce conhecimento da bôa linguagem e o comércio continuo com os velhos escritores portuguezes protegeram-no contra a influênciã, tão absorvente entre nós, da literatura francêsa. As suas primeiras leituras de publicistas e constitucionalistas inglêses fizeram-no resistir aos desmandos de uma democracia anárquica, que, oscilando entre os extremos da demagogia declamatória e inócua e a tirania dos governos ignaros, procura ainda o próprio sentido do seu destino... Desde estudante em S. Paulo que o atraem as lutas políticas. Revela-se já o liberal de toda sua vida, que já procurava equilibrar o romantismo político do segundo José Bonifacio com a influênciã dos escritores inglêses. Principia daquela época longínqua sua vida de pensamento e de ação. Cincoenta anos de lutas, de apostolado civico e de glória literária. O seu nome cresceu, encheu o Brasil, ultrapassou-lhe as fronteiras, para inscrever-se enfim entre os dos mais altos representantes da intelligência contemporânea.

Em 1868, quando Rui Barbosa iniciou a vida pública, atravessava o Brasil uma fase de transformação política. Acordavamos da rotina, do nosso

marasmo, para verificar, que, sob a ficção do regime constitucional e da entrosagem política e administrativa, eramos uma nação profundamente desorganizada. Nenhum dos grandes problemas nacionais tinha encaminhada sua solução. A escravidão corrompia toda a vida brasileira, atingindo-a nas suas mais remotas raízes; a instrução era um mito; e simples ficções a nossa organização econômica e financeira e o nosso aparelhamento militar. Os partidos esterilizavam-se numa rotação automática, sem programas definidos, subdivididos em facções pessoais, incapazes de realizar as idéas mais simples de governo. Dest'arte, encontravam os moços estreiantes da carreira política, educados ao influxo de novas idéas e em contacto mais vivo com as correntes do pensamento europeu, largo campo para a própria atividade. Não houve daí em diante uma campanha liberal, em cuja vanguarda não figurasse Rui Barbosa, desde a abolição até a federação monárquica, quando os seus golpes, indo mais longe do que êle mesmo teria desejado, atingiram em pleno coração o velho regime, que já dera de si todos os frutos. Proclamada a República, a Rui Barbosa estava reservado, naturalmente, o grande papel de organizador e mentor intelectual. A 16 de novembro, era, talvez, o único dos nossos homens públicos, que conhecia perfeitamente as instituições norte-america-

nas, transplantadas para um país de tão diverso clima.

Não esboço aqui a biografia de Rui Barbosa, para acompanhá-lo, passo a passo, em sua luminosa carreira política e literária; sabem todos os brasileiros que quasi tudo que ha de liberal na vida republicana devemos ao maior dos nossos democratas. Advogado de todos os direitos e adversários de todas as tiranias, nêle, na sua vigorosa palavra e na sua coragem cívica, tem o Brasil, anarquizado de tanto tempo, o melhor penhor das suas liberdades políticas, e cada Brasileiro individualmente, nas crises agudas das revoluções, pronunciamentos e golpes de Estado, o mais nobre e corajoso dos advogados. O que me importa conhecer, no momento, é a influência exercida pelo nosso meio na formação do seu espirito.

Desde muito moço, chamado a intervir na vida pública do país, Rui Barbosa teve de multiplicar a própria atividade por toda a parte, por todas as esferas do pensamento e da ação prática. Não poude jamais insular-se na sua vida interior, alheio aos homens e ás cousas ambientes. Numa sociedade organizada, onde a disciplina secular do trabalho fixa os homens nas suas especialidades naturais, Rui Barbosa poderia ser um grande pensador político, um Stuart Mill, por exemplo, que soubesse reunir á capacidade construtora da inte-

ligência a beleza superior da fôrma. Num país nas condições do Brasil, êle tinha de suprir todas as deficiências. A insaciavel curiosidade mental e a inquietação íntima da sua inteligência devem sentir-se bem nesta atividade multiforme, nesta luta diária de cincoenta anos. Por isto mesmo, muito mais do que um intellectual, muito mais do que um pensador, muito mais do que um estadista, êle, sendo muito de tudo isto, é um homem, o maior dos nossos homens atuais, segundo o julgamento unanime dos seus pátricios, a mais pura glória da nossa inteligência.

O CRÍTICO

Sobre certos homens é muito difícil falar de uma só vez, num estudo único, que lhes abranja toda a atividade mental, ante a multiplicidade dos aspectos de que aquella se reveste. E' este o caso de Rui Barbosa. Quem desejar analisar-lhe, com imparcialidade e desejo de acertar, a longa vida pública, terá de acompanhá-lo de livro a livro, de discurso a discurso, de ação a ação. Orador, publicista, jurista, político e artista sobre todas as coisas, Rui Barbosa não poude jamais encerrar-se em qualquer especialidade. Tanto pela universidade e inquietação naturais do seu espírito, como pelas contingências do meio, teve Rui Barbosa de exercer várias atividades intellectuais. Muito cê-

do, inda na adolescência, atraiu-o a vida pública, impondo-lhe uma atitude de luta e agitação diárias. Não lhe devem ter sido faceis as longas horas de meditação, de isolamento espiritual, e que permitem as largas abstrações do pensamento. Premia-o a todos os instantes a vida positiva e presente. Daí, a primeira impressão, que produz a sua obra: carência de um grande pensamento filosófico, que a encadeie e a harmonize na sua finalidade lógica. Quero crer que as suas íntimas tendências o fariam assim, mesmo sob o determinismo de outros fatores externos. Cada um de nós nasce platônico ou aristotélico. A educação ou o meio social têm efeito relativo, principalmente nas personalidades fortes e definidas, como a de Rui Barbosa. Não seria jámais um puro intelectual, que se contentasse na sua torre de marfim, alheio ás agitações do mundo, como não seria, também, um construtor de sistemas abstratos, um racionalista ou um metafísico, porque, fato curioso, este homem que, tantas vezes, parece no Brasil incorrigível ideólogo, revelou-se sempre, em filosofia e em religião, um sentimental e, estou a dizer, um pragmático. Nasceu político, moralista e homem de ação. Através de sua sensibilidade artística, tão marcadamente latina, seria possível descobrir em sua alma alguma coisa de anglo-saxão: o fundo religioso e o gosto das realidades concretas. Para a minha compreensão da vida é esta

uma virtude que me toca em Rui Barbosa. Estudando Machado de Assis, um dos aspectos do seu espírito que menos me atraíram foi do absoluto intelectualismo que lhe fechava a inteligência e os sentimentos á vida nacional.

Nas *Cartas de Inglaterra* depara-se-me uma das feições mais interessantes da personalidade de Rui Barbosa: a alta crítica literária e política. Êle abandona o imediatismo da sua obra, para debater algumas idéas gerais sobre história, filosofia e sociologia. Constituem as *Cartas* talvez a parte mais literária (no sentido de impessoal) de sua enorme bagagem de livros, discursos e pareceres, apesar da preocupação nacionalista, política e, algumas vezes, partidária, que se revela de página em página, e do tom de ironia amarga e de desespero que lhe inspira a lembrança da situação do Brasil, sob o jugo, naquela época, da ditadura militar. Ainda no exílio, estudando a obra de Carlyle e o livro de Balfour, encontramos o patriota, atento á lição dos fatos, para transmití-la ao seu país.

Rui Barbosa não é propriamente um crítico, se é que existe entre os gêneros literários esta espécie definida, com inconfundíveis característicos. Não sabe limitar-se á análise objectiva do livro, nem tão pouco lhe importa conhecer do temperamento do escritor e do meio que o condiciona. Toma da obra de que deseja falar algumas idéas; dis-

cute-as, mostra-lhes os vários aspectos, veste-as de sua opulência verbal, procura-lhes o alcance imediato, que possam ter na vida real. Nas *Cartas de Inglaterra* ha, naturalmente, grande variedade de assuntos: processo Dreyfus, guerra sino-japonesa, Carlyle, lord Balfour, questões constitucionais, problemas religiosos. Em todas elas, esplhando-lhe a individualidade artística, brilha-lhe o inconfundível estilo, a lingua harmoniosa. Mas, além desta unidade fundamental da fórmula, que faz a máxima perfeição de Rui Barbosa, facilmente, descobrir-lhe-ia qualquer crítico a constância de algumas idéas, *leit-motiv* do seu pensamento, como o profundo liberalismo político que inspira toda sua ação. Nenhum aspecto da personalidade moral e intelectual de Rui Barbosa é mais sincero do que este. Através de todas as páginas das *Cartas de Inglaterra* revemos o liberal inglês, o velho *whig*, admirador de Gladstone, animado por um grande sonho de liberdade, de justiça e de paz entre os homens e as nações. Por isto mesmo, causou-lhe funda impressão a primeira visita á Inglaterra. Como acontecera anteriormente a Joaquim Nabuco, a Inglaterra afigurou-se a Rui Barbosa a verdadeira pátria do seu espírito. O gênio político do homem realizara na famosa ilha a sua obra perfeita. Estava ali, afrontando o tempo, resistindo á inveja e aos ódios das rivais impotentes, a grande mestra das nações. As misé-

rias da pátria que, depois de sessenta anos de ordem e paz internas, se dilacerava na anarquia sob o dominio militar, pareciam-lhe mais graves do que eram realmente. Talvez incuraveis.

Desejaria acompanhar, uma a uma, as *Cartas de Inglaterra*, que são um claro manancial de filosofia política, á maneira essencialmente inglêsa de Burke, Stuart Mill e Bryce, maneira que foge das faceis generalizações teóricas dos escritores latinos e germânicos, e que, na própria Inglaterra, tanto prejudicam, por exemplo, a obra de Buckle. Por toda a parte, encontrareis os mais fecundos ensinamentos, as mais nobres idéas e as mais felizes reflexões. Revoltado contra a grosseria dos costumes políticos e da sociedade democrática dos Estados Unidos, criticando certos aspectos da *leviandade* francesa e a logomaquia dos discipulos de Rousseau e da Revolução, vereis sempre o homem da ordem e da lei, o incansavel defensor das liberdades públicas, o implacavel adversário das tiranias. Entretanto, dois capítulos prendem-me especialmente a atenção: o que se refere ao livro de lord Balfour — *As Bases da Fé* e o que se intitula — *Duas glórias da Humanidade* — onde, a propósito de Francia e Rosas, êle nos oferece admiravel impressão crítica de Carlyle. Se no *Processo do Capitão Dreyfus* revela o seu tino de jurista e advogado, aventando as primeiras dúvidas sobre a culpabilidade de Dreyfus, ao

tempo que o triste incidente se transformara de simples caso judiciário em questão religiosa e política, que convulsionava, como uma vaga de insânia, a França; se na *Lição do Extremo Oriente* mostra os seus conhecimentos militares e a sua previsão dos nossos destinos de nação marítima; se no *Congresso e a Justiça no Regime Federal* dá expansão á sua cultura de jurista e constitucionalista, nas *Bases da Fé* e na análise do gênio de Carlyle oferece-nos a completa medida de sua capacidade de crítico, o que aqui mais de perto me interessa. Tinha a obra de Balfour para Rui Barbosa um primeiro e grande atrativo: o carater religioso. Rui, que atravessara, na mocidade, efêmera fase de dúvida, voltara á primitiva crença. As doutrinas do materialismo filosófico, determinismo, agnosticismo ou positivismo, que no último quartel do século passado começavam a reper- tir em o nosso meio, não conseguiram atraí-lo.

O livro do pensador inglês traduzia-lhe a aversão instintiva pelas escolas em moda. Nêle encontrava os argumentos que lhe pareciam mais poderosos contra o positivismo de Comte e o agnosticismo de Spencer, ilógicos na essência, tristes nas consequências finais, desesperadores e deprimentes como todos os sistemas fatalistas. *As Bases da Fé* são uma obra de combate contra a lenta dissolução moral que germina naturalmente do materialismo. Ficarão talvez como um dos pri-

meiros sinais da reação anti-intelectualista ou néo-espíritualista dos tempos presentes. Os sistemas, diz Balfour, valem mais pelos seus resultados do que pelos seus princípios. De todos os debates, acrescenta alhures, ficam as cousas explicadas e não as nossas explicações, as cousas que teorizamos e não as nossas teorias. Rui acompanha com extraordinária argúcia a dialética de Balfour, ampliando-a e descobrindo-lhe novos aspectos. Ao seu temperamento de homem político e de crente nenhum livro interessaria tanto quanto *As Bases da Fé*, modelo de entusiasmo cristão e de apologia da ação prática, da experiência e da autoridade moral.

Admiração mais viva do que a que lhe causou o livro de Balfour produziu-lhe a obra de Carlyle. As páginas do longo ensaio sobre *Duas Glórias da Humanidade* são como um hino ardente a quem “seria o maior dos inglêses, se Shakespeare não tivesse existido”. Como Rui Barbosa e levado creio por êle mesmo, quando ha alguns anos li as *Cartas de Inglaterra*, tentei tambem a aconselhada excursão pelas regiões *sui-generis* da obra de Carlyle. Porque não me seria possível desbravar tão espessa floresta numa primeira jornada, ou porque guardava ainda o profundo encanto dos velhos clássicos francêses, bosques urbanos, honestos e medidos, Carlyle atordoou-me. A estranha paizagem da sua obra, onde a “poesia não tem

a doçura dos favos do Hymeto”, o “fragor das suas apóstrofes, as mutações indefiníveis do seu humorismo, melancólico e ridente, austero e escarninho, eloquente e brutal, a própria monotonia de certas correntes do seu pensamento, como certos quadrantes do céu, lembrando um panorama de penhascos escavados á borda das aguas azues, com o cristal das ondas, franjando-se em espumas brancas, a marulhada rebramindo contra os promontórios silenciosos, o vôo solitário das aves marinhas” tudo, no formidavel evocador de deuses e heróis, causava-me singular sensação de confuso deslumbramento. Feria esse escritor meus ideais de medida e clareza. Era hospede exótico em minha incipiente cultura francêsa. Hoje, compreende-lo-ia melhor e, relendo-lhe algumas páginas da *Historia da Revolução Francêsa*, explico, de mim para mim, a admiração de Rui Barbosa. Carlyle falava-lhe a certas tendências do temperamento. Literariamente, Rui Barbosa está mais perto da família de Carlyle do que da família de Montaigne. O que sempre lhe sobrou em força, em grandeza, em eloquência, em amargura e em sarcasmo, faltou-lhe em medida, em sobriedade, em graça e em ironia suave. Na Inglaterra, que era ha muito tempo a pátria política do seu espirito, êle descobriu, através de Balfour, sua pátria religiosa e, através de Carlyle, sua pátria literária. Por isto mesmo, as *Cartas de Inglaterra* per-

petuar-se-ão na obra de Rui Barbosa, como o melhor documento para a análise do seu espírito, o mais seguro guia para penetrar nas regiões opulentas da sua inteligência e da sua cultura, que desafiam a curiosidade de todos os amantes destas excursões em torno do gênio alheio. . .

O POLÍTICO

De certo, só bem mais tarde será possível fazer-se a história da campanha civilista. Hoje, no julgamento de qualquer de nós, por menos partidários ou por mais imparciais que nos supusermos, entrará um contingente de paixão, a perturbar-nos a pretensa serenidade. Ninguém viveu impunemente os grandes dias de 1909 e 1910, quando o país, dividido como numa guerra civil, vibrava de ardentes entusiasmos e fortes paixões. Não está ainda completamente extinta a fogueira que então se acendeu. Todavia, mesmo os próprios partidários da aventura militar não ousariam negar a ação formidável de Rui Barbosa na campanha que glorificou a história política da República. Jamais no Brasil a palavra de um homem alcançou tamanha repercussão. Bastaria recordar, um momento, as condições sociais e políticas do nosso país, para se ter a perfeita imagem do milagre, que ela realizou. Até hoje — nem no Im-

pério, nem no regime republicano — não conseguimos formar uma opinião pública, conciente e alerta, que corrija e equilibre a ação dos dirigentes. Os homens que, por qualquer processo, conseguem apossar-se das altas posições políticas do Brasil, sabem perfeitamente que nenhuma resistência séria encontram os seus caprichos, desmandos e arbitrariedades. O povo, que tanto serve como trôpo retórico, não é, ao certo, uma realidade concreta. As classes médias e burguêsas, sem educação cívica, quasi sem patriotismo, corrompidas por grosseiro utilitarismo, fecham-se tranquilamente no seu egoismo ou cepticismo, alheias á cousas públicas, que ficam, assim, monopólio dos políticos profissionais, surgidos, tantas vezes das mais esquivas e tristes origens. Os idealistas que se preocupam com o destino da pátria convencem-se rapidamente da ineficácia de todos os esforços. Acabam por concluir de si para si que as coisas seguem o seu curso fatal. Só as revoluções ou a ação demorada do tempo poderiam curá-las ou atenuá-las.

Embora a ficção democrática e o sufrágio universal, não tinham os alheios ás pequenas organizações partidárias a menor interferência na escolha do chefe da nação. Um dia, inesperadamente, transformou-se a face das cousas. Pelos recantos mais longínquos e humildes do país fre-miu o entusiasmo cívico. A grande voz de Rui

Barbosa, ecoando de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, de fazenda em fazenda, conseguiu o milagre de despertar os Brasileiros do seu longo e descuidado sono. Não cabe aqui relembrar as origens da candidatura militar, nem aflorar a história da reação que ela provocou. É mais modesto o meu intuito: recordar em alguns traços a ação de Rui. Nos discursos e comícios da campanha civilista depara-se-me um dos aspectos mais interessantes da sua vida, um perfeito índice do seu valor de homem de pensamento e de ação. É a oratória a feição mais típica de seu espírito. Por isto mesmo, torna-se a eloquência a sua mais poderosa arma e a verdadeira essência de seu estilo. A vibração natural e a força da expressão, a imponência das imagens e a harmonia das longas frases fazem de Rui, sobretudo, um grande orador. Como Cicero, como Bossuet, como Macaulay, êle nasceu com o divino dom da eloquência. O hábito, desde cedo adquirido, dos comícios populares e da tribuna parlamentar, levou-o a cultivar cuidadosamente as tendências inatas do seu gênio. Um construtor de sistemas filosóficos, um raciocinador de abstrações, traduz nitidamente o próprio pensamento. Só este lhe importa; a frase é uma servidora humilde da idéa, não tendo vida distinta. Um analista frio e penetrante, moralista como La Bruyère ou psicólogo como Stendhal, diz o que deseja em frases sêcas e períodos curtos.

A sobriedade e a precisão constituem-lhe os méritos singulares do estilo. Para um artista torturado, um ourives da palavra, como Flaubert, só vivem as coisas pela beleza da fôrma. Um orador tem de ser mais do que todos êles. A sua palavra precisa de viver pelo pensamento e pelo estilo; não pôde ser abstrata como a do filósofo, nem fria e impessoal, como a do artista. Êle não fala apenas para o raciocínio de eruditos ou para o requintado prazer dos iniciados; dirige-se ás multidões, quer tocar-lhes os sentimentos, convencer, apaixonar, fazer vibrar, e as multidões em toda a parte levam-se mais pela emoção que o orador lhes comunica, pela pompa e brilho das frases, do que pela lógica do pensamento e frieza da verdade. As antíteses, as imagens, as ampliações retóricas, os exemplos concretos, os resumos fortes, tornam-se as armas singulares do orador. Por isto mesmo, tinha razão Taine, em certo sentido, quando, a propósito de Macaulay, afirmou que os oradores que chegam a escrever são poderosos escritores. "Popularizam a filosofia, elevam o auditório, engrandecem a inteligência humana".

Em elevado gráo, possúe Rui Barbosa tais virtudes. Ninguém tentou a profissão com mais brilhante ferramenta. Antes de tudo, é um temperamento apaixonado, e, por isso mesmo, não raramente ingênuo. Ha nesta natureza, aparentemente serena de velho político e velho erudito, co-

nhecedor dos homens e das suas falhas e misérias morais, forças selvagens, ainda não domadas pela disciplina da cultura e pelo cepticismo do mundo. Èle tem a alma dos batalhadores e dos apóstolos, eternamente jovem e ardente; crê na liberdade, no direito, na justiça, na civilização, com a mesma sinceridade com que crê em Deus. A eloquência do seu estilo é a imagem viva da sua paixão. Não o vereis duvidar, sorrir, florear ironias; encontra-lo-eis sempre nas atitudes extremas, de entusiasmo e iras sagradas. Tocai nos seus ideais políticos, duvidais, um instante, da sua grandeza, e esperai o temporal desfeito. Foi o que fez a campanha civilista, como anteriormente a campanha abolicionista, a federação monárquica e a luta contra Floriano. Nada mais antipático para esse velho liberal, educado nas lições inglêsas, do que o militarismo sul-americano. Previa às tristezas do caudilhismo e da ditadura militar, cuja experiência a República repetia. Não haveria mais conveniências partidárias e humanas que lhe pudessem conter o tumultuar das paixões patrióticas. Releio os discursos e as conferências do Teatro Lírico, da Baía, de S. Paulo, de Campinas, de Santos, de Belo Horizonte, de Ouro Preto, de Juiz de Fóra, a *Platafórma do Politeama Baiano* e os manifestos á Nação, e invoco o testemunho dos meus próprios sentidos, para convencer-me de que este vasto monumento de coragem cívica é obra ex-

clusiva de um sexagenário, num meio de tão profunda e generalizada apatia como o brasileiro. Em todos êles, depara-se-nos a mesma riqueza de expressão, a mesma abundância de imagens e o mesmo ardor íntimo. Não sei bem qual a mais formosa das suas arengas, se a do Teatro Lírico ou a de S. Paulo, se a de Juiz de Fóra ou a de Belo Horizonte. Êle não nas pronunciou para a vida efêmera das palavras, que se ouvem e que o vento leva. Com a sua larga erudição, o seu conhecimento do nosso idioma e a sua sensibilidade artística, possúe Rui Barbosa inesgotavel manancial de imagens, comparações, reminiscências históricas e fatos concretos. A's suas singulares faculdades auditivas não escapa o efeito mais longínquo do estilo ou a relação mais sutil de harmonia. Declamai um desses longos períodos que enxameiam nos seus discursos. No do Teatro Lírico, por exemplo, este trecho ao acaso: "Agora, sim que me sinto no princípio da esplanada, á beira das garimpas, donde o olhar se espraia além, pelo horizonte resplandecente de sol, e o espírito se perde ao longe, nos espaços etereos da esperança, eu compreendo, neste momento, o clamor dos Gregos antigos, extasiados no azul divino, á orilha das ondas murmurantes, o cântico dos gritos de seus corações heroicos ás praias de Jônia: "Thálassa! Thálassa!" O mar livre! O mar livre! O oceano! A esperança! O futuro! Bendigamos a

Deus, que no-lo descerra! As âncoras da minha fé mergulham nêle hoje, e da profundezza por onde vão descendo me chega ás mãos enfraquecidas, que as lançaram, o estremecimento das suas promessas misteriosas..." Perfeitos períodos musicais. Tem muito de Hugo o gênio de Rui Barbosa, pela faculdade de converter em imagens rutilantes todas as impressões da vida. De Bossuet e de Chateaubriand lembra, a todo momento, a comovida eloquência e as longas frases musicais. Mas é Cícero, principalmente, que êle evoca. Se desejais conhecer-lhe o verdadeiro êmulo, encontra-lo-eis na velha Roma de Cesar, de Pompeu, de Augusto, no maior dos oradores, no mais formidavel dos panfletarios políticos: paixões análogas, eloquência idêntica, igual coragem.

Um Cícero, como este foi visto por Ferrero: o primeiro dos burguêses liberais, precursor das forças da intelligência que dominariam vinte séculos depois, as sociedades democráticas. Rui Barbosa trazia comsigo a vocação de apóstolo. A campanha civilista permitiu-lhe revelá-la em toda a grandeza. Ha na sua longa vida alguma cousa que provocará sempre motivo de admiração para as gerações futuras dos Brasileiros. A nós próprios, que com êle convivemos, que lhe ouvimos de perto a grande voz, já se nos afigura, muitas vezes, uma espécie de símbolo de uma época.

O FILÓLOGO

De mim para mim para o meu gosto pessoal, creio, muitas vezes, que é a *Réplica* ao professor Carneiro a grande obra de Rui Barbosa. Tenho singular predileção por este trabalho de estéta, de filólogo e de erudito, feito no silêncio das bibliotecas para um público de escol. Sei que se encontram alhures os grandes rasgos da sua eloquência, nos discursos da campanha civilista, da luta abolicionista, das tribunas do Congresso e das ruas, e que se revelam além, os seus méritos de jurista, nos *Direitos do Amazonas ao Acre*, no *Estado de Sítio*, na *Anistia Inversa* e nessa multidão de pareceres de advogado, onde se derrama e se prodigaliza a sua ciência especializada de direito. Mas na *Réplica* depara-se-me um Rui Barbosa que, sobremodo, me seduz: polemista, entre amargo e agressivo, gramático e estilista. Esqueço o político e suas paixões, o orador e a eloquência das suas apóstrofes, o escritor e a harmonia das suas longas frases, para admirar o professor da língua, o árbitro do gosto literário, o mestre impecavel da arte de escrever. Os que queimam as horas de ouro da vida no silêncio dos livros e na tortura da inteligência, em torno das idéas confusas ou fugidias, e na aflicção da forma perfeita, que as revista com nitidez, graça e elegância, é

que podem julgar do enorme trabalho da revisão do Código e da *Réplica*, do índice de cultura e de sensibilidade artística que êle representa. Oferecendo a magistral lição de português ao velho filólogo baiano e aos faceis censores, que na Câmara e na imprensa, duvidariam da mais pura glória da sua vida, esmerou-se Rui Barbosa na técnica de escritor. E' necessário percorrer todo o Código, nos seus mil e oitocentos artigos e depois as seiscentas páginas da *Réplica*, com as longas e minuciosas notas, que a enriquecem, para ter-se a verdadeira impressão do enorme esforço de polimento, que traduz a obra de Rui Barbosa.

Não ha mais ingrata tarefa do que a de rever e corrigir o trabalho alheio. Não se pôde separar a fôrma no fundo; justapõem-se e completam-se, momentos diversos que são da criação intelectual. Pensamos com as palavras e as frases; seria tão absurdo um pensamento sem sua expressão verbal correspondente, como um dia sem a luz do sol. Uma constitúe a razão de ser do outro. Quando um escritor como Rui Barbosa, crêa alguma cousa, cristaliza-se-lhe a idéa naturalmente na fôrma adequada. Porque é a sensibilidade artística um dos seus dons inatos, e porque a cultura disciplinada lhe enriqueceu a memória, êle não terá esses primeiros momentos de confusão íntima, em que as cousas, mal sentidas ou mal pensadas, tumultuam sobre o papel, sem encontrar o leito próprio,

e derramam-se por êle afóra, sem medida e sem ritmo, desviando-se nos incidentes repetidos, gritando nas cacofonias e nos écos, aviltando-se nos plebeismos, turvando-se nos barbarismos e nos solecismos. O trabalho de correção será para Rui Barbosa um requinte de artista insatisfeito: uma sinonimia, aqui, uma inversão, além, um efeito de harmonia, uma dureza de expressão que, porventura, tivessem escapado ao primeiro jacto e que, agora, á leitura em voz alta, o ouvido acusa. Mas sobre o pensamento alheio multiplica-se o esforço. As cousas ditas não foram primeiramente pensadas por nós; não são criações pessoais da nossa inteligência. Torna-se necessário collocarmo-nos na situação do escritor que corrigimos, para refazer-lhe a obra. Não se trata mais de inspiração nossa, e nada menos facil, psicologicamente, do que esta tarefa de sair de nós mesmos, enquadrando o nosso pensamento na moldura do pensamento de outrem. Em Rui Barbosa exaspera-se o esforço. A moldura alheia será sempre mesquinha para a riqueza do seu verbalismo.

A revisão do Código representa, assim, uma tarefa exaustiva. A primitiva redação era modelo de mau estilo e mau gosto literário. Não na melhorara a comissão revisora da Câmara e se apresentara falho o polimento do professor Carneiro. Chegava, pois, ás mãos do seu grande censor, como uma lei defeituosa, onde o pensamento,

amiúde, se obscurecia numa fôrma confusa e espúria. Rui, escritor e jurista, melhor do que ninguém, sabia que a primeira virtude das leis reside na clareza e precisão da forma. O Código pareceu-lhe um monstro gramatical; nada lhe conteria a repugnância. Provavelmente outro censor teria feito trabalho análogo de maneira menos pessoal e agressiva.

De Rui Barbosa, com o seu temperamento apaixonado, a sua natureza impetuosa, habituado ao ofício da advocacia e ás ardentes lutas partidárias, não se poderia esperar a fria serenidade de um sábio, para o qual o mundo se resume nos livros e a quem os embates da vida não encrespam a alma. Ele tem o gosto inato da luta; em tudo que vier de si brilharão as fagulhas da sua paixão interior. Por isto mesmo, não será jamais um simples letrado; o homem de combate está alerta sob a roupagem do artista. Estudando Carlyle, no exílio da Inglaterra, terá presente a imagem da ditadura de Floriano Peixoto. Corrigindo o Código, não poderá esquecer as mágoas pela injustiça que lhe fizeram. Não devia ser ele, o maior dos nossos juristas, o mais eminente dos nossos escritores, o autor natural do Código? Quem melhor poderia construir o monumento da nossa vida civil? Duvidaram? E' implacavel o mestre. As suas iras de Júpiter tonitroante parecem sagradas. Inutil pretender julgar tempera-

mentos extremados como o seu com o critério que se aplica aos homens do comum.

Não é fácil fazer um estudo crítico, sob os velhos moldes do género literário, de uma obra semelhante á de Rui Barbosa na revisão do Código e na *Réplica*. Não se trata de um livro de idéas ou de arte, que se possa discutir. Para analisar uma e outra seria necessária, a paciência de outro eminente conhecedor da língua, que as acompanhasse de dúvida em dúvida, de afirmação em afirmação, revolvendo velhos humanistas e velhos clássicos. Tarefa que não pode ser minha. Aliás, no trabalho de Rui Barbosa muito mais que a sua erudição e dialéctica de filólogo interessa-me a feição estética. Colho o fruto maduro, que se me oferece, sem cuidar do esforço de jardinagem que representam a sua beleza, sabor e perfumes. O estudo de gramática não é um meio; não possui finalidade própria. Só tem alcance quando se conjuga á sensibilidade esquisita de um artista de raça. É o caso de Rui Barbosa. A gramática e o comércio dos clássicos não lhe deram e nem poderiam dar-lhe o gosto literário, que é um sexto sentido de certas criaturas. Muito cedo, habituou-se Rui Barbosa, pelo exemplo paterno, a cultivar a pureza do idioma. O trabalho dos velhos autores, o interêsse pelas especulações filológicas, o manusear constante dos dicionários e a paciência de erudito apuraram-lhe facilmente

a faculdade natural de expressão, o dom verbal que foi, em todos os tempos, a característica do seu gênio. O sentimento de equilíbrio impediu-o de imobilizar-se no preciosismo literário das formas arcaicas. Daí, a beleza da sua linguagem: a plasticidade, a elegância, a harmonia dos escritores modernos, casando-se á força e á pureza de alguns dos velhos mestres portugêses.

Deve ser a *Réplica* o mais formoso trabalho que sobre o nosso idioma se escreveu no Brasil. Oferecem-nos suas páginas a lição inimitavel do bem falar e do bem escrever. Mas não é preciso admirar apenas a erudição do gramático e a riqueza do vocabulista; nela vemos, sobretudo, as regras do gosto e a técnica do escritor. Não bastam a correção sintática das frases e a vernaculidade dos vocabulos para a beleza da prosa. As palavras têm a sua estética própria. É artista quem sabe senti-la. Ha na prosa, quasi tanto quanto no verso, uma relação de graça e de harmonia, sensível apenas aos temperamentos literários. Uma frase mal feita torna-se para todos os artistas, como era para Flaubert, um sofrimento físico. Precisa de falar ao ouvido e tocar á vista; tem um pouco de arte plástica e um pouco de música. Para Rui Barbosa será, sobretudo, música. Defendendo-se na *Réplica* da acusação injusta de uma cacofonia, escreveu: "Orelhas finas, tambem eu as possúo. Deu-me a natureza de sobra

neste sentido que de minguá me aquinhoou na vista". Eis aí, por êle mesmo reconhecida, sua grande virtude de escritor: a sensibilidade auditiva, que se arripia e se magôa á mais ligeira dissonância. O Código desafinava de artigo em artigo; as rimas e os cacófatons sucediam-se, entremeando-se com os barbarismos, grosseiros solecismos e confusas inversões. Rui Barbosa verteu-o para a sua língua impecavel. E como, em regra, não toleramos a correção alheia, ou porque o tom que Rui Barbosa deu ao seu trabalho tinha alguma coisa de impertinente e de aggressivo, estabeleceu-se a polêmica. Ás *Ligeiras Observações* do professor Carneiro, em defesa da redação da Câmara, replicou Rui Barbosa. Nós bendizemos hoje aquella irritação de vaidades literárias, que nos permitiu este monumento de sabedoria ou esta opulenta floresta de exemplos.

Difícilmente encontraria Rui Barbosa tema em que melhor pudesse externar-se-lhe o temperamento. Êste homem, que se supõe sómente político, ou, antes, homem de ação, e que menospreza a glória das letras, é, antes e acima de tudo, um intelectual e um artista, dando a este termo significação mais ampla do que, em regra, lhe atribuímos na técnica literária. Mesmo que um dia as gerações vindouras venham a esquecer-lhe a vida de homem público e o nobre apostolado cívico, a sua glória literária ninguem na discutirá. Os seus discursos da campanha civilista, seus parece-

res de advogado, os seus trabalhos de jurista e de constitucionalista, os seus ensaios de crítico, resistirão ao tempo, não pela originalidade ou profundidade das idéas, mas pela crosta de ouro que os envolvem. Dentro de alguns lustros, o governo heremista será simples incidente do período, quasi embrionário, da nossa formação política. Os discursos de Rui Barbosa continuarão modelo impercível de beleza literária. As paixões partidárias de Cícero, a vida política de Chateaubriand, a luta heroica de Victor Hugo contra Napoleão III só nos interessam ainda, porque as souberam traduzir a sonoridade das apóstrofes e a eloquência dos grandes gênios verbais. Na *Réplica* palpita o Rui dos grandes dias: mestre da língua, senhor da harmonia, majestade ofendida, vingando-se das agressões, pelo sarcasmo corrosivo e, tantas vezes, desmedido e violento, das suas iras. E, justamente, porque é muito mais do que um escritor impessoal e um filólogo frio, é alguém, um temperamento ardente, vibrante, tantas vezes apaixonado e injusto, que êle encontra repercussão por toda a parte, entre as multidões que o incensam sem compreender-lo e entre os intelectuais, que o admiram, mesmo quando não o estimam. Rui parece animar todas as coisas com a sua paixão. Por isto mesmo, a *Réplica* consegue este singular êxito: uma discussão de gramáticos, que nos apaixona, nos faz vibrar, nos leva a tomar partido, perturbando a insensibilidade do nosso julgamento.

SÍNTESE DA EVOLUÇÃO
LITERÁRIA NO BRASIL



SÍNTESE DA EVOLUÇÃO LITERÁRIA NO BRASIL

É repetir velha verdade afirmar que não constitui a literatura de um país fato isolado no desenvolvimento de sua civilização. O talento ou o gênio dos seus valores mais representativos não bastam por si sómente para explicá-la; se quisermos compreender-lhes a inspiração e as diretrizes gerais, precisamos estudar as reações múltiplas e várias do meio físico, do momento histórico, da raça, das influências estrangeiras que se infiltram por toda a parte e do próprio patrimônio cultural da humanidade. Se não são as suas determinantes fatais, como supunha a rigidez doutrinária do determinismo radical, serão, pelo menos, as suas condicionais, expressão mais ampla e verdadeira, que não exclúe os elementos pessoais. Não seria possível tentar-se uma síntese mesmo ligeira e apressada da atividade literária do Brasil, nos quatro séculos da sua existência histórica, sem a análise prévia das condições do meio social. Num sentido mais restrito do que a palavra guarda na terminologia sociológica, podemos falar numa civilização brasileira, de linhas que começam a distinguir-se. Através do tumulto, das incertezas ou dos erros do momento, sentimos que se solidifi-

cam lentamente os alicerces da nossa sociedade. O nosso passado, tão curto embora, basta para firmar-lhe a estrutura, como têm chegado o senso das nossas responsabilidades e o instinto dos nossos destinos históricos para manter-lhe o equilíbrio dos elementos principais, todas as vezes que os erros dos dirigentes ou as contingências da vida dos povos novos ameaçam perturbá-lo.

Rápida consulta às páginas da nossa história mostra-nos o caminho percorrido, desde as capitanias aos dias presentes: a colonia abandonada, vivendo humildemente da Metrópole, as primeiras adaptações da velha civilização lusitana ao novo meio, os primeiros pruridos de autonomia, a independência, a reação fatal contra o antigo modelo, as novas influências estrangeiras e, enfim, o equilíbrio automático das cousas, nesta fase em que nos encontramos e que pode ser a do amadurecer sereno do espírito nacional ou, vale dizer, de plena integração nos rumos do seu destino. No mesmo sentido restrito da civilização brasileira, creio, que hoje podemos falar também, sem exagero, numa "literatura brasileira", alguma coisa mais do que simples conjunto de livros, em que aquela nitidamente se espelha, como na sua melhor na mais perfeita expressão. São análogas as etapas vencidas do progresso político e da evolução literária. Emancipados completamente da exclusiva influência portuguesa, que reduz as nossas letras até a

reação romântica do século passado, a simples projeção da decadência espiritual da antiga Metrópole, refazendo ao nosso gosto a expressão falada e escrita, sentimos todos nós que a literatura que se processa no Brasil é, como escreveu o douto e avisado José Veríssimo, a “tradução dum pensamento e dum sentimento nacionais, que não mais se confundem com os pensamentos e os sentimentos alheios”.

A grande e salutar influência francesa, que ainda hoje domina e disciplina as nossas letras, sem embargo de certas infiltrações exóticas e epidérmicas, não basta para sacrificar nossa personalidade coletiva. Copiando o modelo romântico de Musset, ou o modelo naturalista de Zola ou, ainda, o modelo parnasiano de Heredia, afirma-se nosso espírito nacional, como resultante lógica das condições especiais do meio brasileiro. Ainda quando inconciênte, nossa autonomia mental é um fato de auspiciosa verificação. O instinto latente da nacionalidade basta para fazer sobressair, através da imitação de escolas e estéticas estrangeiras, a nossa mentalidade espícífica.

AS FASES DO DESENVOLVIMENTO LITERÁRIO

O meu intuito atual é acompanhar a evolução desse pensamento e desse sentimento brasileiro nas

páginas da nossa história literária e através das suas figuras capitais ou características de certos momentos, evitando tanto quanto possível a citação de nomes e de livros, que mal sobrevivem, mesmo entre os profissionais da crítica, ao esquecimento do tempo. Contra a opinião de Veríssimo, acredito que se pode dividir a história da nossa atividade mental em períodos, mais ou menos distintos que facilitam a compreensão do seu espírito. A classificação do ilustre crítico sr. Ronald de Carvalho, na PEQUENA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA, afigura-se-me a melhor: *Período de formação*, de 1500 a 1750, quando exclusiva a influência portuguesa; *Período de transformação*, de 1750 a 1830, caracterizado pela *Escola Mineira*, quando, sob o estímulo dos sentimentos nativistas, começa a atenuar-se a influência portuguesa, e, finalmente, *Período de desenvolvimento autônomico*, de 1830 aos nossos dias, quando a reação romântica traz para as nossas letras novas influências tonificantes e começa a amadurecer a consciência nacional. Naturalmente, só daí em diante oferece nossa atividade literária, vivo interesse; todavia, evocando ligeiramente o passado, poderemos compreender melhor o presente e sondar o futuro.

1.º *Período*. — Esquecido pela Metrópole, que as riquezas das Índias deslumbravam, viveu o Brasil todo o século XVI como uma terra de exílio

ou de degredo. Não era possível, pois, a mais leve manifestação de vida mental em semelhante meio de aventureiros, de índios e negros boçaes. Os jesuitas seriam então, friza com justiça o sr. Ronald de Carvalho, o elemento único de civilização e de cultura. Sómente mais tarde, na singular prosperidade da capitania de Pernambuco, desapareceram-se nos rudimentos duma sociedade civilizada. Enriquecidos e prósperos, encontravam os pernambucanos os primeiros vagares para as preocupações do espírito. PROSOPOPÉA de *Bento Teixeira*, no gosto enfático e declamatório da época, é o melhor fruto dessa incipiente atividade literária, estimulada pelo donatário Jorge de Albuquerque. É na Baía, entretanto, e já no século XVII, que começa realmente a evolução das nossas letras.

Tinham-se transformado as condições sociais da colonia. A sociedade brasileira formava-se lentamente, á sombra dos governos gerais, da prosperidade material da terra e das reacções vitoriosas contra o invasor estrangeiro. Na capital da Co'ônia encontram-se facilmente, como em Lisboa, os humanistas e cultores das "bôas letras", embora contaminados pela influênciã do gongorismo. *Frei Vicente do Salvador*, com a sua HISTÓRIA DA CUSTÓDIA DO BRASIL é o principal prosador desta época, que tem no poeta baiano *Gregorio de Matos* o seu mais típico representan-

te. A curiosa figura deste mestiço, letrado e revoltado, mereceu os mais diversos julgamentos dos nossos críticos. Sem uma análise de sua personalidade, que não caberia aqui, afigura-se digna de simpatia a sua obra de sátira impiedosa e, tantas vezes, áspera e grosseira, contra as tristezas e as pequenas misérias do seu tempo. Apesar de todas as declamações vãs em torno das “maravilhas da terra”, Gregorio de Matos ficará, verdadeiramente, como o nosso primeiro espírito nacional, no sentido do mais enraizado ou do melhor adaptado ao meio brasileiro.

2.º Período. — O século XVII, que foi o da integralização territorial do Brasil, pela epopéa dos bandeirantes, não tem na sua primeira parte senão secundário alcance para as nossas letras. A grande figura do judeu *Antonio José da Silva*, que poderia salvá-la, só pertence ao Brasil, diz bem José Veríssimo, pelo acaso do nascimento. Sua formação e, conseqüentemente, seu *pensamento* e seu *sentimento* são exclusivamente portugueses. As Academias, que caracterizavam por toda a Europa a decadência literária de então, não tardaram a surgir aqui, tão vãs e tão pretenciosas quanto as da Metrópole. A benevolência de Silvio Romero nelas quiz enxergar fato altamente significativo: “a grande coesão de que já gozava o país, o vagar que tinham as altas classes para o cultivo das letras, o gosto reinante pelas poesias e pelas

coisas de espírito". Salvam-se, talvez, desta vasta floração de fatuidades rimadas e de prosa gongórica a HISTÓRIA DA AMÉRICA PORTUGUÊSA, de *Rocha Pita* e o poema EUSTAQUIOS, de *Santa-Maria Itaparica*.

Com os poetas da "escola" ou da "pleíade mineira", atingimos, realmente, ao primeiro momento interessante da nossa história literária. Minas Gerais era então a região mais próspera e mais rica do Brasil. A exploração do ouro e dos diamantes fazia afluir para as suas montanhas os melhores elementos da Colônia. Sem um grande centro absorvente, como ainda hoje, dividida em varios pequenos focos de civilização, sentindo, então, mais perto do que qualquer outra província, a ganância da Metrópole, pelo que lhe custava ao trabalho e ás riquezas, Minas estava destinada, naturalmente, á alta missão histórica de precursora da Independência. O sonho malogrado dos Inconfidentes dá-nos, em nossa história política, a perfeita significação daquêle estado de espírito latente. Foi este meio, escreveu Veríssimo, que produziu a pleíade mineira. "Em qualquer outro ponto do país não se compreenderia o seu aparecimento". Presos ainda á cultura portuguesa, descendentes direitos de Coimbra, os poetas mineiros refletem, entretanto, as primeiras influências nativistas. Encerra-se já o período de imitação servil da Metrópole. Por isto mesmo, êles

representam em nossa história literária a época de transição. O amor da terra natal não reside simplesmente nas palavras, nas descrições literárias e apologeticas de outróra, porque é agora sincero sentimento de identificação com o meio, de amor á gleba, cuja independência confusamente sonham e entrevêm.

Completam a escola minera seis poetas: *Santa Rita Durão, Basílio da Gama, Cláudio Manuel da Costa, Thomaz Gonzaga, Alvarenga Peixoto e Silva Alvarenga.*

Pelo seu poema de amor á Marília, tornou-se Gonzaga o mais celebre cantor da pleiade. Através do seu arcadismo notam-se na sua lírica certos toques de sentida naturalidade, que não é o tom habitual da escola decadente a que se filia. Cláudio, Alvarenga Peixoto e Silva Alvarenga são os outros líricos do grupo. Cláudio é o mais puro árcade de todos. Espírito culto e frio, que não parece elevar-se de uma mediocridade inteligente e medida. “Dous aspectos, entretanto, julga Veríssimo, distinguem os sonetos de Cláudio: um vago perfume camoneano e uma sensibilidade particular, porventura, a primeira manifestação da nostalgia brasileira, repetida depois por tantos poetas nossos”.

O sr. Ronald de Carvalho define *Alvarenga Peixoto* “como um verbalista, continuador de Basílio da Gama, pelo formoso encanto da sua poesia

e pelo movimento dos seus ritmos múltiplos e vários." Mostra-se *Silva Alvarenga* espírito mais livre e mais inquieto. O mesmo arguto crítico da PEQUENA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA classifica-o como uma figura de transição entre o seiscentismo de Cláudio e o subjetivismo de Gonçalves Dias, "um élo, que prende os árcades aos românticos." Maiores, entretanto, do que os líricos da Pleiade mineira, são os dous épicos, *Basílio da Gama* e *Santa-Rita Durão*, do URUGUAI e do CARAMURÚ. O primeiro destes dous poemas, sobretudo, é tido ainda hoje em alto conceito. Falta aos prosadores do século XVIII o relêvo que tiveram os poetas, não passando o nome de nenhum dêles da curiosidade dos historiadores literários.

3.º *Período*. — A independência literária do Brasil reflete, naturalmente, sua independência política, virtualmente realizada com a vinda de d. João VI. A separação traduzida pelo "grito do Ipiranga", entre o velho tronco lusitano e a grande Colônia é uma consequência lógica dos fatos anteriores. O Brasil aparece, afinal, como uma nação, capaz, senão de pensar, ao menos de sentir por si, diretamente, espontaneamente. O desenvolvimento autonômico das nossas letras começará em breve com os SUSPIROS POÉTICOS, de *Gonçalves de Magalhães*, já vagamente prenunciado pela poesia de *Souza Caldas*, de *S. Carlos* e do grande *José Bonifácio*. Agoniza o mundo fictício das arcadias,

com os seus pastores, as suas eglogas. Antes, no entanto, de chegarmos aos românticos, não poderíamos esquecer os nomes de alguns cultores ilustres da prosa, como o do orador sacro *Mont'Alverne*, do grande jornalista *Silva Lisboa*, de larga e formosa cultura, que, com os seus ensaios vários sobre a história, econômica política e filosófica, ultrapassa a medida comum do tempo, do moralista *Marquez de Maricá* e do historiador literário *Visconde de S. Leopoldo*.

OS SUSPIROS POÉTICOS de *Gonçalves de Magalhães* iniciam realmente a reação romântica que por tantos anos dominará as nossas letras até que, cansada e gasta, permita, por sua vez, o aparecimento de novas escolas, novas idéas e novas estéticas.

Os ideais clássicos da Renascença, que não concebiam outra fórmula de inspiração além do paganismo grego e romano, terminara por converter-se em verdadeira servidão do espírito. A própria irreverência de Voltaire não pudera livrar-se do pesado jugo; as suas tragédias não são, no fundo, mais do que adaptações de Racine, obedientes ás inflexíveis regras de Boileau. A Europa não conhecia outros modelos além dos que lhe oferecera o grande século de Luiz XIV, medidos, serenos e perfeitos. O homem, para esta literatura de salão e das horas suaves de ócio, imortalizada, entretanto, pelo gênio de Racine e de Cor-

neille, reduzia-se a simples entidade universal, abstrata e vaga, que tanto poderia ter surgido na Grécia antiga como em Versalhes. Mesmo a Revolução francêsa, que supunha ter afogado em sangue as tiranias políticas, reconheceu e acatara de bom grado a do gosto literário. O isolamento político da França durante as guerras napoleônicas arrebatou-lhe o domínio incontestado no mundo da inteligência, permitindo que os primeiros movimentos de libertação espiritual se verificassem na Alemanha, com Schiller, Goethe e Lessing, e, na Inglaterra, com Richardson, Fielding, Shelley e Byron. A inquietação geral dos espíritos, o cansaço de tantas lutas, os desejos de vida nova não poderiam caber mais nos moldes clássicos da velha sociedade aristocrática de Versalhes e Rambouillet. Por isto mesmo, o romantismo é, sobre todas as definições que dêle se tenham tentado, uma emancipação individualista.

Quem escreve deixa de servir resignadamente ao público para tornar-se um senhor, muitas vezes arbitrário e violento. Os seus sentimentos pessoais, desejos e tristezas, suas misérias íntimas, êle pode traduzi-las livremente. Nada mais lhe contém a liberdade espiritual. Mais cedo ou mais tarde, o movimento libertador teria de refletir-se no Brasil. A independência política, as lutas da Regência, a efervescência cívica geral e da fundação das primeiras escolas superiores prepara-

vam o nosso terreno para a nova sementeira. Tê-la trazido da França, onde vivera algum tempo, eis o grande mérito de Magalhães. Conhecemos a primeira poesia pessoal e livre, com a religiosidade característica dos precursores românticos do Velho Mundo. Em si, os SUSPIROS POÉTICOS não justificam os exagerados elogios que mereceram na época do seu aparecimento. Ao lado do *Visconde Araguaia*, e de mérito análogo, na poesia romântica dos primeiros tempos, figura o nome de *Porto-Alegre*. Esta resistência ao tempo, tão pouco *galante uomo* para as cousas da inteligência, que não conseguiram Magalhães e Porto-Alegre, conheceu-a pouco depois o grande poeta maranhense *Gonçalves Dias*.

Esta sim, é uma figura de elevado valor que honraria qualquer rica literatura européa. Profundamente brasileiro pelo sentimento e pelo pensamento, iniciador do movimento indianista, continuado mais tarde por José de Alencar e em que, por um erro natural de reação, supunhamos caracterizar o nosso patriotismo, êle soube conservar toda a vida perfeito senso do equilíbrio, do bom gosto e da justa medida. Por isto mesmo pôde ficar com Castro Alves e, muitos anos depois, com Olavo Bilac, um dos três grandes poetas nacionais, cujos versos tocam mais vivamente aos Brasileiros.

Ao lado de alguns nomes menores, como os de *Francisco Octaviano*, o segundo *José Bonifacio*, *Dutra e Melo*, *Aureliano Lessa*, *Teixeira de Melo*, *Pedro Luiz*, *Bittencourt Sampaio*, *Melo Moraes Filho* e *Victoriano Palhares*, as altas figuras de *Alvares de Azevedo*, *Laurindo Rabelo*, *Fagundes Varela*, *Junqueira Freire* e *Casimiro de Abreu* sabem seguir brilhantemente o largo caminho aberto pelo gênio de Gonçalves Dias. A inspiração romântica difere sensivelmente da que marcou a primeira hora. A poesia religiosa de Magalhães nada diz mais aos moços de 1850 e o próprio Gonçalves Dias é, talvez, apenas um mestre da forma. A tristeza íntima que é quasi desengano absoluto dos homens e das cousas, estranho sabor de morte (quasi todos estes poetas morreram na flôr da idade, entre os 20 e 30 anos) são os motivos da nova inspiração lírica. A influência de Byron, corrigida aqui, além, pela de Lamartine, de Musset, de Heine, domina a aguda sensibilidade — que em Alvares de Azevedo chega a ser nitidamente mórbida — destes jovens cantores.

Difícilmente, poderia tentar alguém a escala, sempre tão difícil, do mérito entre os cinco poetas da nova geração romântica. *Alvares de Azevedo*, com sua imaginação delirante, sua tradição boêmia e seus formosos rasgos de gênio, foi o mais admirado pelos contemporâneos. Ele é, sobretudo, um subjectivista, violentamente pessoal,

para o qual a paisagem externa, que tanto comoveu Gonçalves Dias, quasi não existe. Influências claras de Heine emprestam, muitas vezes, á sua poesia um tom de sareasmo, que não deixou de contribuir em bôa parte para o seu largo êxito. *Fagundes Varela* é, depois de Alvares de Azevedo, a figura mais interessante do grupo, que floresceu entre Gonçalves Dias e Castro Alves. Sílvio Roméro define-o “como o laço que prende o *byronismo* de Alvares de Azevedo, o *sertonismo* de Bittencourt Sampaio ao *hugoanismo socialístico* da escola condoreira”. Esta definição basta para caracterizar as diversas influências que formaram o espirito singular do poeta boêmio, onde os aspectos mais opostos singularmente se confundem. O seu poema á morte de um filho — *Cântico do Calvário* — é um dos mais formosos especimens da nossa poesia elegíaca. *Laurindo Rabelo*, tão infeliz quanto Varela, distinguiu-se dos seus companheiros pela feição mais popular da sua poesia. Chamavam-lhe o “Poeta Lagartixa”. Através, entretanto, desta aura de popularidade é idêntica a sua inspiração á de Varela e á de Junqueira Freire: o desespero, o irremediavel tédio da vida. *Casimiro de Abreu* foi, talvez, mais querido ainda do público do que Alvares de Azevedo. Não tinha a cultura nem o gênio do seu êmulo paulista e ficará aquem mesmo de Varela. Nenhum poeta, entretanto, no Brasil encontrou maior repercussão.

Sua poesia ingênua e melancólica, sem as audácias de Alvares de Azevedo, nem a emoção de Varela ou de Junqueira Freire, falava de perto á resignada tristeza dos seus patrícios. Foi, realmente, o poeta da "saudade" e das mulhrcres, ou das moças cândidas e românticas do tempo...

Repete-se sempre a história literária. O mesmo fenômeno de esgotamento, que se verificara com a poesia clássica, pode ser observado com a poesia romântica, na incipiente atividade literária do Brasil, como nas grandes literaturas européas. A poesia pessoal, subjetiva ou íntima, já déra de si o que podia dar. A liberdade do escritor e do próprio poeta precisava voltar aos seus naturais limites. O homem, afinal, só vale como parcela da humanidade; isoladamente, é um monstro. Porque, como escreveu Eça de Queiroz espiritualmente no prefácio de FRADIQUE MENDES, entre tantos rumores do mundo, não ouviam os poetas senão o rumor das saias de Elvira? Os grandes problemas sociais e humanos não poderiam ser formosos motivos de inspiração? A poesia social ou *condoreira* de Victor Hugo vinha corresponder a esta ansia nova. Ela ainda é, fundamentalmente, romântica pelos processos, pela estética, mas o seu objetivismo a aproxima do *naturalismo* ou do *realismo*, que surgirão das ruínas da escola, como esta surgira do esgotamento do classicismo.

Era natural que a grande voz de Hugo acabasse por ser ouvida. O Brasil, diz com justiça Sílvio Roméro, atravessada “uma época de ansiedade; acabavamos de ter um incidente diplomático com o Perú e uma grave questão com a Inglaterra; a nossa política no Rio da Prata debatia-se numa crise perigosa, que se resolveria pouco depois com a guerra; o Partido Conservador consumira-se no poder de que se havia apossado desde 1848; a literatura baixára na poesia á choraminga banalissima. Era um marasmo geral, que ocultava o trabalho surdo da evolução para um futuro melhor.” O grande crítico poderia ter lembrado ainda os primeiros movimentos que surgiam em favor da emancipação dos escravos e as primeiras dúvidas que se esboçavam sobre as excelências da Monarquia. O ambiente estava, assim, admiravelmente preparado para o largo vôo dos *condoreiros*.

Tobias Barreto e *Castro Alves* são os dous grandes nomes da época. A apaixonada amizade de Sílvio Roméro esforçou-se sempre para ressaltar a superioridade de Tobias sobre Castro Alves. Mas nem a geração que os versos de ambos entusiasmavam, nem o julgamento mais justo das que lhe sucederam confirmaram semelhante primazia. A glória de *Tobias* será, sobretudo, a do pensador, de precursor entre nós dos estudos filosóficos e da alta crítica científica. Seu lirismo

amoroso e sensual não se eleva sem dificuldades às alturas hugoanas do seu êmulo. Em *Castro Alves* encontramos, pelo contrário, um *condoreiro* autêntico. Ninguém foi no Brasil mais completamente, mais absolutamente poeta do que este formoso rapaz, de cabeleira revolta e palidez romântica, admirado dos homens e querido pelas mulheres. Os anos que passam nada lhe tiram da glória, firmam-na, consolidam-na ainda mais. A profunda emoção e a extraordinária eloquência do *Poeta dos Escravos*, ainda hoje, sensibilizam e comovem. Os poemas sobre os escravos realizam a melhor poesia épica. Ninguém lê sem profunda emoção as estrofes perfeitas, por exemplo, das *Vozes d'Africa*.

Os Prosadores. Como em todas as literaturas novas, os poetas sempre sobrepujaram no Brasil aos prosadores, não só em quantidade como em qualidade. As modalidades várias da prosa: a História, a Crítica, a Exegese filosófica, o Teatro, e mesmo o Romance de ficção exigem mais do que a poesia, a correspondência de um público instruído e atento, não sómente capaz de *sentir*, mais de *julgar*, público que ainda hoje sensivelmente nos falta. Ademais, parece que nossas tendências nos levam naturalmente á poesia. Os altos estudos sociais ou filosóficos, o trabalho lento, de construção paciente e observada do romance, não ten-

tam muito nossa inércia ou nossa alvoroçada pressa de aparecer. Desta forma, somente nos meados do século passado é que os prosadores começaram a ter relevo. Surge o romance nacional com *J. M. Macedo*, *Alencar* e *Manuel de Almeida*; desenvolvem-se os estudos históricos com *Porto-Seguro*; fazem-se com *Martins Pena* as primeiras tentativas, infelizmente ainda não frutificadas até hoje, do teatro brasileiro. A crítica literária só se elevará da apologética ingênua e inferior de *Joaquim Norberto*, *Pereira da Silva* e *Sotero dos Reis*, alguns anos depois, com o grande nome de *Silvio Romero*, seguido de perto por *José Verissimo* e *Araripe Junior*.

O *Romance*. — A gloria de criador do romance nacional parece caber, de fato, ao escritor fluminense *Joaquim Manuel de Macedo*. Eis a sua maior virtude. Sem elevação de idéias ou de pensamento, sem argúcia psicológica, incorreto na linguagem, indiferente ás preocupações de estilo, êle tinha, entretanto, certa intuição natural do gênero. Os seus livros podem ser lidos hoje para a evocação de uma sociedade passada, com a sua vida patriarcal, os seus dôces habitos domesticos, os seus namoros e as suas intrigas infantis. Perfeita parece-nos a analogia entre *Macedo* e *Casimiro de Abreu*: um foi o poeta, outro o romancista das moças. Caracterizava-os igualmente a mes-

ma espontaneidade, a mesma ingenuidade dos processos e a mesma sensibilidade modesta. Com *José de Alencar* verifica-se exceção idêntica á que fez Gonçalves Dias entre os poetas da sua geração. Sua figura adquire singular relêvo. O indianismo, que reviveu na prosa, os seus largos quadros, o seu forte colorido, em uma palavra, toda a sua estética passou da moda. As gerações surgidas depois, que formaram o espirito sob inspirações diversas e deixaram influir-se por diferente sentimento estético, mal compreenderão a poesia do GUARANI e de IRACEMA, mas, de certo, não esquecerão nunca o serviço que lhe coube na tarefa da libertação da nossa língua da pesada tutela portugêsa. Nada diminuirá a glória de Alencar. Político, romancista, dramaturgo, sua figura será sempre uma das mais curiosas da nossa história e uma das mais altas e formosas encarnações da capacidade mental da nossa gente. Seus romances históricos, em que tão viva deve ter sido a influência de Walter Scott, como fôra a de Chateaubriand em suas novelas indianistas, denunciam a decadência do romantismo.

O fenômeno que se verificara na poesia com Castro Alves, repete-se aqui com o romance, como se repetira nas literaturas européas. O romantismo falhava nas letras, como falhara em política, na derrocada da revolução de 48. Já não correspondia ás aspirações gerais. A alta inspira-

ção pessoal do primeiro romantismo de Goethe, de Chateaubriand, de Mme. de Stael, de Benjamin Constant ou George Sand, aviltado pelos imitadores sem gênio, já não bastava ao novo gosto. O exito das narrativas históricas de Walter Scott e de Merimée anunciam o esgotamento do subjetivismo antigo e as novas tendências para uma arte mais impessoal e mais objetiva, que abroliaria, naturalmente, no *realismo* da escola de Flaubert e no *naturalismo* dos discípulos de Médan. No entanto, mais indicativos ainda do que os romances históricos de Alencar, da nova estética, é, em nossas letras, o curioso livro de *Manuel Antonio de Almeida* — MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS. — Quando se completar a reabilitação dêste escritor um pouco esquecido, concluirão os críticos que raros produtos da nossa literatura de ficção terão mérito idêntico ao das MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS. *Manuel de Almeida* é um discípulo, talvez sem saber, de Balzac. Escrevi algures que êle preludiava a reação anti-romântica, trinta annos antes da sua vitória. Não terei aqui senão de repetir o conceito. Indiferente aos cuidados da forma, alheio á técnica do gênero, escrevendo ao sabor da pena, Manuel de Almeida revela-se singularmente, entre os românticos e os sonhadores da época, autentico realista que sabe refletir no livro, como num espelho, os homens e as cousas que evoca. Para o conhecimento da so-

cidade burguêsa do Rio, ao tempo de d. João VI, as MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS são mais elucidativas do que muitos insulsos e frios documentos históricos... Ao lado de Macedo, de Alencar e de Almeida, não podem ficar esquecidos os nomes de *Teixeira e Souza* e *Joaquim Norberto*, na primeira hora e, muito menos, os de *Franklin Tavora*, com os seus romances campestres *Bernardo Guimarães*, poeta e novelista interessante, e o *Visconde de Taunay*, com a sua famosa INOCÊNCIA, mais proximos todos do nascente realismo do que do agonizante romantismo...

O *Teatro*. — Não é abundante, nem de primeira ordem, nossa produção teatral. Os críticos passam ligeiramente sobre as tentativas mais ou menos frustras, de Magalhães, Teixeira e Souza, Alencar, Norberto e Gonçalves Dias para atribuir a Martins Pena a glória de fundador do teatro nacional. Ao que parece, foi êste, no julgamento geral, um comediógrafo feliz, sem grande elevação, preso às pequenas realidades ambientes e ao espírito trivial das ruas. O seu nome, entretanto, mereceu ser inscrito na fachada do Teatro Municipal, 60 anos depois, entre os de Shakespeare e de Goethe...

A *História*. Como ainda hoje, a pequena literatura histórica das biografias elogiosas, das

monografias superficiais, das anedotas, das curiosidade meúdas, sempre floresceu entre nós. Faltam-nos, todavia, os grandes historiadores, no largo sentido do termo, capazes não só de evocar o passado, como de compreendê-lo e explicá-lo, para que dele se possam colher a lição do presente e o ensinamento para o futuro. *Varnhagen* ou *Visconde de Porto-Seguro* é o nome único, que se salvou em seu tempo, dentre a multidão indistinta de cronistas do passado. A sua HISTORIA DO BRASIL tornou-se um livro clássico. Os nossos historiadores contemporâneos têm igualmente em alta conta sua HISTORIA DA INDEPENDENCIA e sua HISTORIA DAS LUTAS CONTRA OS HOLANDÊSES. Varnhagem foi um espirito curioso e paciente e um historiador grave e sereno, que supria pela documentação proba e verídica a má qualidade do estilo e a aridez da imaginação.

A literatura moderna. Completara-se a evolução dos gêneros. O romantismo, atenuado o personalismo dos primeiros tempos pelo objetivismo do romance histórico e da poesia social, prepara o próprio desaparecimento. Já não bastava á sensibilidade das novas gerações, nem mais correspondia ás novas correntes de idéas que avassalavam todos os espíritos. O extraordinário desenvolvimento das ciências na última metade do século passado fazia surgir o culto desta nova deu-

sa. O homem, que com o romantismo fôra o centro da gravitação universal, reduz-se, agora, ás modestas proporções, muitas vezes, de simples autômato. O positivismo de Comte e de Spencer, sem embargo da contradição do individualismo político deste último filósofo, e que o determinismo exagerado de Taine refaz e leva ás ultimas consequências, não é, no fundo, senão o sacrifício ou a diminuição do homem na humanidade e, ainda mais, no meio ambiente e na fatalidade dos precedentes hereditários. O indivíduo agita-se e a Humanidade o conduz, doutrina Comte. O vício e a virtude são produtos como o vitríolo e o assucar, conclúe Taine. Que nos interessam a sensibilidade pessoal do escritor, suas alegrias, suas tristezas, seus desesperos e sua misérias? Êle passa, e a natureza, a sociedade, o mundo, que o determinam, continuam... Ao orgulho dos românticos, que se supunham o eixo do Universo, succede-se o orgulho de outra espécie, dos positivistas e deterministas, que acreditam possuir, na formidável lógica de suas doutrinas, a chave de todos os mistérios. O *naturalismo* na literatura, *realismo* na prosa ou *parnasianismo* na poesia, é o reflexo natural das novas doutrinas filosóficas. Não importam as mil distinções que se possam fazer entre os mestres da reação anti-romântica e os vários processos de sua estética. O mesmo culto da arte, ora impessoal, ora medido e discreto, ora

exagerado até ao conceito absoluto da “arte pela arte”, basta para identificá-los na mesma corrente doutrinária.

Vivendo como todas as sociedades e, sobretudo, como todas as sociedades novas, da imitação, nós tínhamos de ecoar mais uma vez as idéas européas, embora vinte anos depois do seu aparecimento. Os acontecimentos da nossa vida política, facilitavam a transplantação. Ao marasmo geral em que parecia mergulhado o país, depois das lutas da Independência e do 1.º Império, sucedera-se um período de inquietações, de impaciências e de dúvidas. A vitória sobre o Paraguai, as primeiras revoltas contra a vergonha nacional da escravidão, os primeiros movimentos republicanos, a repercussão da guerra civil americana, a derrocada francêsa de 70 e, conseqüentemente, a inesperada grandeza política da Alemanha, despertavam o espírito até então adormecido da mocidade das Academias. Em Pernambuco, em torno da velha Faculdade de Direito, formava-se rapidamente notavel centro de estudos. Eram demasiado estreitos para a inquietação e para a sêde das idéas nascentes os velhos moldes românticos. A impetuosa e ardente figura de *Tobias Barreto* cabia admiravelmente esta missão de destruidor da antiga ordem de idéas e de precursor das novas correntes. Nascia assim, a chamada “Escola do Recife”. A perspectiva do tempo permite-nos vêr

hoje os exageros naturais de todos os reformadores. Tobias e os seus discípulos, acreditando terem descoberto a verdade ou o equilíbrio final das coisas, afiguram-se-nos tão ingênuos quanto os românticos da primeira hora. A metafísica alemã, que apressadamente folheavam, o duro e fácil materialismo de Haeckel, o agnosticismo de Spencer, o positivismo de Comte, passaram como passam todas as idéas, deixando de si, em nosso patrimônio cultural, o fundo de verdade relativa que, porventura continham. Isto, entretanto, não diminuirá a glória da escola recifense. Abrindo-nos os olhos semi-cerrados, pondo-nos em contacto com as correntes de idéas que agitavam o mundo civilizado, ela prestou incomparavel e inesquecivel serviço á nossa intelligência e á nossa cultura mental.

Os *parnasianos*. A poesia hugoana de Tobias Barreto e Castro Alves pertence ainda de pleno direito á corrente romântica mas como já vimos, prenuncia claramente, as novas tendências objectivas. Nesta linha de transição, mais acentuada agora, seria possivel apontar, como o fez o sr. Ronald de Carvalho, os nomes de *Lúcio de Mendonça*, *Celso de Magalhães*, *Fontoura Xavier* e os dos srs. *Augusto de Lima* e *Medeiros e Albuquerque*, com as suas inspirações sociais e políticas. Os primeiros versos de *Machado de Assis*, de *Luiz Guimarães*, *Teófilo Dias*, como os do próprio sr. *Alberto de*

Oliveira, que será depois o nosso mais perfeito parnasiano, guardam o sabor romântico da geração anterior. Os seus processos estéticos, a pureza da fôrma, a riqueza dos ritmos identificaram-n'os, entretanto, com o parnasianismo. É mais sutil na poesia do que na prosa a distinção entre as escolas. A diferença entre uma novela romântica e um puro romance realista, MADAME DE BOVARY, por exemplo, não reside sómente na forma exterior: abrange tudo, o tema como o estilo, os motivos da inspiração como a concepção da vida que ambos supõem traduzir. Por isto mesmo, é impossível exata correspondência entre o naturalismo na prosa e na poesia. Foi uma quimera o parnasianismo integral. O que se deve exigir de um poeta, escreveu Brunetièrre, é que *êle saiba, observe e pense*, reentrando, de algum modo, na vida comum. Assim sendo, a unidade se estabelece por si, através de todas as distinções de escolas, pela concepção do lirismo, que é a refração do universo na alma do poeta", e da própria poesia, "que é a arte ou o dom de exprimir, com clareza pessoal, o que ha de misterioso no mundo, no homem e na história." Não admira, pois, que os nossos grandes poetas parnasianos, o sr. Alberto de Oliveira, Raimundo Corrêa e Olavo Bilac, sejam igualmente tres grandes líricos, nos quaes o culto da fôrma não chegou a sacrificar a riqueza da inspiração pessoal. Seus meritos

intrinsecos mostram-se superiores ao êxito efêmero das escolas.

Olavo Bilac foi o mais querido cantor da sua geração. Sua poesia deve ser realmente de primeira ordem para agradar de maneira idêntica a todos os temperamentos, sensuais e grosseiros entre os mal letrados, exigentes e requintados das *élites*. Seus versos de amor incluem-se entre os mais formosos da língua portuguesa. Limitando-se embora na sua mocidade á inspiração comum de todas as poesias, sem altas preocupações de idéas, *Olavo Bilac* revela-se sempre grande artista torturado e insatisfeito. Mais tarde, quando o outono lhe amadurece o pensamento e a vida lhe mostra horizontes e sentidos novos, o epicurista, um pouco vulgar da primeira hora cede ao espírito meditado e seguro da TARDE. Encerra-se-lhe o ciclo da evolução espiritual. A TARDE compensa-se de certo artifício e certa frieza pela gravidade do pensamento e correção da técnica.

Raimundo Corrêa é um temperamento oposto ao de *Bilac*. Em vez da exuberância do poeta do *Caçador de Esmeraldas*, é um triste, quasi um misantropo, vivendo mais da vida interior do que da vida exterior. Os seus versos guardam, por isto mesmo, na poesia brasileira, singular encanto. São versos de um pensador de instinto, de estranha sen-

sibilidade moral, escritos por um artista e um apaixonado da natureza. A arte do sr. *Alberto de Oliveira* merece os melhores louvores. Sem a tortura íntima de Raimundo Corrêa e a vibração e o brilho de Olavo Bilac, parece-nos talvez mais exigente consigo próprio do que os seus dous grandes êmulos. Lembra um Leconte de Lisle, mais *atualizado* ou mais *humanizado*. Seu admirável senso da justa medida e o raro equilíbrio das suas faculdades fazem-no passar geralmente por um temperamento frio e impassível. Mas, justamente, por esta frieza tão pouco comum entre nós, êle pode ser o mais impessoal dos nossos poetas. Ninguém ainda descreveu com tamanha ternura e tão largos e formosos traços a beleza das nossas paisagens tropicais quanto o poeta das CANÇÕES ROMÂNTICAS.

Não se esgota a florescência da nossa poesia romântica nas três grandes figuras de Bilac, Raimundo Corrêa e Alberto de Oliveira. *Teófilo Dias* com seu lirismo quente e a sua arte requintada, o sr. *Augusto de Lima*, evoluindo serenamente do romantismo lírico da primeira fase para uma poesia mais impessoal e, sobretudo, mais profunda, e *Vicente de Carvalho* apresentam todos os títulos para serem colocados no primeiro plano dos nossos poetas de todos os tempos. *Luiz Murat* forma com *Luiz Delfino* casos á parte. São ambos românticos ou hugoanos retardados: Luiz

Delfino, talvez mais límpido e mais artista, e Luís Murat, talvez mais preocupado com os problemas transcendentais e, de certo, mais obscuro e menos acessível ao gosto vulgar.

O romance e o conto. Depois de tanto tempo de indiscutida inferioridade em relação á poesia, a prosa de ficção passa a tomar em nossas letras vivo relêvo. Bastaria para fixar-lhe a glória, o nome de *Machado de Assis*. Em nossa evolução literária, este homem tem vivido como Rui Barbosa, acima de todos os e'logios. Não é facil resumir em algumas linhas apressadas a análise de sua singular personalidade e de sua obra que, ainda hoje, forma o maior orgulho das nossas letras. Tendo surgido entre os últimos românticos, Machado de Assis pagou seu tributo ao gosto da época. Os seus primeiros livros, de *RESURREIÇÃO* (1872) a *YÁYÁ GARCIA* (1878) são, caracteristicamente, novelas românticas. Entretanto, nenhum leitor arguto e atento os confundirá com as outras novelas do tempo. Neles estão latentes a finura do espírito, a esquisita sensibilidade literária, a intuição psicológica, o pessimismo e a ironia, as preocupações da justa medida, a eterna dúvida, os cuidados com a expressão, em uma palavra, as grandes virtudes fundamentais de Machado de Assis na sua ultima fase. Nenhuma escola arregimentará este espírito original, que desmen-

te por si só as leis do determinismo taineano, de raça, meio e momento histórico. Quem não foi bem um romântico, não será bem um realista. O naturalismo valerá apenas para a sua atividade mental como uma moldura mais larga do que a do romantismo. Póde então produzir esta série de obras primas, que vêm das MEMÓRIAS DE BRAZ CUBAS ás OUTRAS RELÍQUIAS. Será, talvez, a faculdade principal do seu espírito o sarcasmo amargo e desconsolado dum Swift discreto e medido. Entretanto, não basta o *humour* para definir ou catalogar a finura singular de Machado. Encontra-se tão perto de Swift e de Thackeray como de Sterne, de Merimée e de Stendhal. Se quizermos procurar-lhe um simile nas literaturas estrangeiras, encontra-lo-emos na arte livre e perfeita dum Anatole France, menos universal e mais profundo, menos irreverente e mais amargo.

Ao lado de Machado de Assis, e guardadas as devidas distâncias, brilham no romance realista os nomes de *Aluisio Azevedo*, *Julio Ribeiro* e *Raul Pompeia*. O sr. *Coelho Neto*, com a sua vasta obra, a sua incansavel atividade literária, a sua exuberância verbal, a sua falta de penetração psicologica, a sua língua difícil e os artifícios dos seus cenários, que tanto lhe prejudicam inegaveis virtudes de escritor, é um romântico retardado, que exigiria classificação especial. A *Aluisio Azevedo* cabe a glória de nosso primeiro "naturalista"

autêntico, discípulo confesso de Zola. Seus romances exagerados no conceito e descuidados na forma, não resistiram ao tempo. Entretanto, seria injusto negar a Aluisio Azevedo notáveis qualidades de romancista: a riqueza do colorido, a realidade flagrante de alguns dos seus modelos, colhidos, como mandavam as regras de Médan, na miséria e na tristeza das últimas classes sociaes. *Julio Ribeiro* exagerou na CARNE os defeitos de Aluisio sem as virtudes do escritor maranhense. *Raul Pompeia* é, literariamente, um espírito superior a Aluisio e a Julio Ribeiro. Ninguém revelou em nossa prosa uma sensibilidade literária mais aguda. O seu pequeno romance — O ATENEU — com os seus mil defeitos de técnica e os seus descuidos, de forma, figurará sempre entre as obras primas da nossa literatura de ficção, como um dos livros mais *sentidos* mais *vividos* que já se tenham escrito no Brasil. A esta geração de romancistas poderiam prender-se ainda, além de outros nomes menos conhecidos do grande público, o de *Inglês de Souza*, temperamento harmonioso de artista, desviado depois para as letras jurídicas, o da sra. *Julia Lopes de Almeida*, e o do sr. *Medeiros e Albuquerque*, inteligência brilhante e inquieta, que o jornalista político absorveu e sacrificou, o do sr. *Graça Aranha*, com a sua formosa CANAAN, onde parece que, por enquanto, se lhe esgotou a capacidade de romancista, o do sr. *Xavier Mar-*

ques, pintor suave e verídico da vida praieira do Norte, os dos novelistas, srs. *Rodrigo Otávio e Afonso Celso*, e, um pouco mais tarde, o do sr. *Mário de Alencar*, de esquisita sensibilidade e o do sr. *Magalhães de Azeredo*, temperamento de artista, sinão amavel *diletante*.

Os historiadores, os críticos, os filósofos e os publicistas. A *História*, entre ensaistas vários e de méritos diversos, apresenta na geração que surgiu depois da derrocada do romantismo os três nomes principais dos srs. *Rocha Pombo, Capistrano de Abreu e Oliveira Lima*, este igualmente publicista e crítico de mérito. A indigência dos estudos filosóficos continúa *mutatis mutandis*, a mesma de sempre em nossa história literária. O meio nacional não comporta evidentemente as altas indagações metafísicas. O filósofo de profissão, ou o simples curioso dos altos problemas de que a filosofia cogita, encontram-se completamente deslocados; falta-lhes qualquer sombra de estímulo ambiente, que é uma condição primária da atividade mental. A "Escola do Recife", sob os discípulos da primeira hora de Tobias: Souza Bandeira, Artur Orlando, Martins Junior e o sr. Clovis Beviláqua, este desviado para estudos de direito, não deu o que prometia o entusiasmo dos primeiros tempos. Apenas, o positivismo de Comte conseguiu alargar o círculo dos seus prosélitos, estes mesmos mais atentos ao desenvolvi-

mento político do que é a doutrina em si do mestre. Aliás, na própria vida política, sua influência, que chegou a ser tão sensível, parece uma página de história para sempre vivida. Na metafísica, o nome de *Farias Brito* é quasi uma singularidade.

Foi mais feliz a *Crítica Literária*. Três figuras de primeiro plano brilham neste ramo da literatura, ainda hoje tão mal julgado: *Silvio Romero*, *José Veríssimo* e *Araripe Junior*. *Silvio Romero* é um pensador, um espirito poderoso e culto, de rara atividade e que não conheceu nunca a justa medida das cousas. A sua monumental HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA, apesar dos defeitos e exageros de que tanto se resente, ficará como um dos livros mais ricos de idéas que se têm escrito no Brasil. Foi quem primeiro compreendeu entre nós o alcance da crítica literária e da própria literatura, como expressão da vida social. Nada lhe ficou estranho á curiosidade do espirito. Faltam-lhe, no entretanto, virtudes essenciaes para a especialidade que, tão apaixonadamente, escolheu: a tolerância, o gosto literário, a impassibilidade, a agudeza de espirito, a elegância e a graça da expressão. Filósofo, crítico, poeta, Silvio foi, sobre todas as coisas, polemista apaixonado e ardente. *José Veríssimo* é mais frio e mais impessoal. A probidade da documentação supria-lhe larga-

mente as deficiências da cultura filosófica. Através de Sainte-Beuve, cuja voluptuosidade êle não compreenderia nunca, de Taine, eloquente historiador e naturalista de idéas, de Faguet, de inquieta curiosidade, Brunetière, probo e um pouco pesado, deveria ter sido o seu modêlo predileto. Seu gosto literário é, entretanto, mais justo e mais discreto do que o de Silvio. Como este seu rival, é infelizmente um escritor difficil. *Araripe Junior*, embora o seu suposto *taineanismo*, foi mais um impressionista, muito longe, aliás, dos modêlos de Lemaitre e Anatole France, do que um crítico de profissão. O seu estílo, menos duro do que o de Veríssimo, peca por uma confusão propositada ou denunciadora de leituras mal assimiladas.

De difficil classificação em qualquer gênero literário, resta-nos estudar algumas grandes figuras que tão alto elevam o renome da nossa intelligência. Entre elas, as de *Rui Barbosa*, *Joaquim Nabuco* e *Euclides da Cunha*, que mereciam por si sós longos ensaios. Não é facil fazer-se a apologia de *Rui Barbosa*, como escritor, como orador, como filólogo, como jurista e como homem de Estado, sem repetir trivialidades mil vezes ditas. Êle é segundo julgamento unânime, não sómente o nosso maior escritor como a mais alta encarnação da intelligência da nossa gente. Ha vinte ou trinta anos que seu nome enche o país como o de uma espécie

de Deus tutelar. Dividindo a atividade do seu grande espírito por todas as províncias do saber humano, Rui Barbosa tem tentado os mais vários gêneros. Entretanto, acima de todas as coisas, de filósofo ou sociólogo, para o que lhe faltaria a preocupação mais viva das idéas gerais, de crítico que, acidentalmente o foi, de filólogo, em que ninguém, em Portugal ou no Brasil, lhe disputa a primazia, êle é um orador de rara eloquência e um mestre sem igual na arte de escrever. *Joaquim Nabuco*, sem a altura intelectual de Rui Barbosa, é um espírito de raro equilíbrio e uma inteligência de singular lucidez. A elegância, a graça, a finura são bem as características do seu temperamento de homem de Estado, diplomata e mundano. Tentando a história, deixou em *UM ESTADISTA DO IMPERIO* o nosso melhor trabalho sobre a vida pública do reinado de Pedro II. Nos estudos sobre *Camões* revela-se crítico arguto, e nos *PENSÉES DÉTACHÉES*, da idade madura, moralista grave, tocado de religiosidade quasi mística. Entretanto, o seu grande livro, onde melhor poderá estudar-se a sua personalidade, será sempre a *MINHA FORMAÇÃO*, que a imagem viva e palpitante de Renan, das *SOUVENIRS*, enche e ilumina. . . *Euclides da Cunha* ocupa logar á parte na literatura brasileira. Desconfiamos muitas vezes, que não póde ser medido pela bitola comum dos homens de

talento. Ha nesta complexa personalidade de pensador, de sociólogo, de historiógrafo e de estéta, alguma coisa de realmente superior. A riqueza e o colorido das suas imagens só encontrariam rivais na prosa oratória do sr. *Rui Barbosa*. O seu livro — OS SERTÕES — mais do que uma narrativa militar ou do que um ensaio de sociologia brasileira, afigura-se-nos, pelo incomparável brilho das imagens, pela vibração e pela coragem de suas paginas de dolorosas verdades, uma espécie de epopéa. Não ha em toda a literatura brasileira uma obra mais forte e que maior emoção tivesse despertado.

Não esqueceria qualquer resumo da nossa história literária, entre outros, os nomes do escritor político, de indiscutido mérito, *Eduardo Prado*, do novelista de fina sensibilidade, *Afonso Arinos* que evocou em PELO SERTÃO, e com realismo e carinho ainda não atingidos, nossa vida sertaneja; do eminente polígrafo, sr. *João Ribeiro*, de certo, o espírito mais lucido, mais penetrante e mais sutil das nossas letras contemporâneas que trouxe para a História, para os estudos da língua portugueza, para a crítica impressionista, o lastro de sólida cultura e a graça maliciosa, de incomparavel juventude intelectual, de *Pedro Lessa*, jurista e filósofo, que revelou em alguns ensaios de história notáveis virtudes literárias.

CONCLUSÃO

Incontestavelmente, é o realismo uma estética esgotada, aqui como em toda a parte. A reação espiritual de Mallarmé, que repercutiu efemeramente no Brasil com *Cruz e Souza*, um fino poeta, superior á sua escola, e seus discípulos mais ou menos fieis, como *Emilio de Menezes*, *Alfonso de Guimarães*, *Gonzaga Duque*, *Mário Pederneiras*, *B. Lopes* e os srs. *Felix Pacheco* e *Nestor Victor*, não passou da frustra tentativa de néo-romantismo. Não volta o rio ás suas nascentes. A arte de Anatole France, onde se conjugam tantos elementos da verdade e da beleza, marcou largo momento na evolução literária. De algum modo, póde ser este caracterizado como um retorno ás fontes clássicas e, especialmente ao maneirismo do século XVIII. Através, entretanto, de sua aparente liberdade de forma o que se verifica é um geral esforço para a formação duma escola, de regras e preceitos tão inflexiveis quanto os das escolas que o tempo destruiu. Os homens, na literatura como na política, gostam da disciplina dos partidos... Enquanto não se encontra universal moldura, aumenta a confusão na velha e dividida República das Letras. Atravessamos um período de decadência e de esgotamento? Acredito que al-

guma coisa de novo surgirá em breve, respondendo ás novas tendências do pensamento filosófico e político de “depois da guerra”, entrevista na metafísica de Bergson e no pragmatismo de William James. Parece-me impossível, entretanto, prever a linha desta próxima direção da atividade literária. Reflete-se naturalmente entre nós este “estado de alma”, se assim podemos dizer, das velhas literaturas européas. Olhamos como relíquias do passado os últimos *parnasianos* e os últimos *realistas*. Mediocre o interesse que despertam.

Os versos do mais perfeito dos poetas já não bastam para acalmar nossas angustias, como não enche a nossa medida o mais formoso dos romances. Fatigados de todas as formas de ontem, desejamos alguma coisa mais, que nós mesmos não sabemos definir... Esta geral inquietação não impede, de modo algum, a proliferação dos livros. Pelo contrário, dentro, e, sobretudo, *hors la littérature*, nunca se escreveu tanto no Brasil como hoje. Pululam por toda parte, com a abundância de jornalistas, os poetas, os romancistas, os críticos, os ensaistas e os publicistas. A literatura, sob a onda brutal dos *arrivistas*, perdeu a sua finalidade para tornar-se simples instrumento de outras ambições mais práticas, ou simples luxo de salão... Claro que a depuração sarcástica do tempo reduzirá a seus justos limites essa massa for-

midável de livros inúteis ou apressados, que invadem as livrarias e ocupam a atividade dos editores. Os poetas, os romancistas, os críticos, os ensaístas e os publicistas que, realmente, merecem tais denominações (eu poderia citar aqui dez ou vinte nomes ilustres) são suficientes para salvar a atividade literária dos dias presentes. Já será isto uma vantagem para o historiador literário do futuro, quando a perspectiva do tempo e o esquecimento das antipatias e dos afetos pessoais lhe permitam a tarefa, que mal nos poderia caber a nós-outros das novas gerações: julgar com serena imparcialidade os nossos contemporâneos, os que vivem ao nosso lado, no campo da nossa atividade...

Foi escrito êste ensaio em 1922. Doze anos decorridos exigem que se lhe acrescentem novos paragrafos.

Como todos que acompanhavam o entrecchoque das idéas, eu previra que da reação espiritualista do "depois da guerra", tão claramente traduzida pela filosofia de Bergson, surgiram novas correntes literárias que se estabeleceriam entre nós, mais cedo ou mais tarde.. O futurismo foi um nome genérico que, em falta de outro melhor, pôde ser aplicado á literatura dos derradeiros tempos. Parece-me, sobretudo, uma obra de destruição ou um

esforço desesperado de libertação interior. A juventude, que viveu a tragédia de 1914, não poderia aceitar sem revolta a velha ordem individualista e capitalista do século XIX, causa primária de todos os erros e crimes. As soluções extremas concretizadas em política no socialismo revolucionário ou no fascismo, tomavam no campo das letras e das belas artes, em regra tão conservadoras, formas não menos audaciosas e radicais. Quebravam-se com uma espécie de ódio concentrado os antigos ídolos.

Claro que nada de estavel poderia resultar de tal paroxismo destruidor. Mas passou naturalmente a fase iconoclástica. Como a política, voltou a literatura a procurar, sobre as incertezas e apreensões gerais, novos quadros de disciplina. Não é possível partir violentamente a cadeia que nos prende ao passado. Nem tudo que nêste se encontra merece destruição. O movimento revolucionário deixou de si as conquistas uteis que resultam de todas as iniciativas corajosas. A literatura, que se esterilizava num individualismo egoístico e um cepticismo elegante (era Anatole France o seu mais perfeito modelo) adquiriu maior vigor no fundo e na forma. Em plena liberdade de ritmos, a nova poesia parece mais larga, mais humana e mais apta a traduzir a compreensão do Universo. Caracteriza-a, como á prosa, frutos

inconhos da mesma arvore, viva tendência pragmática ou anti-intelectualista, embora nem sempre conciente. A literatura é uma afirmação, um poderoso instrumento de propaganda e realizações e não um narcisismo esteril ou um prazer de estetas e diletantes. O êxito, por exemplo, de alguns escritores da esquerda revolucionária, fazendo viver com o mínimo de artifício, e na sua crueza cruel, o drama das multidões desconhecidas, significa, mesmo para os que se orientam em rumos opostos, um índice do atual estado de espírito.

Caberia agora indagar como reagimos ao contacto das novas idéas. Não é facil dar em algumas linhas o esquema dos vários movimentos das nossas letras nos dez últimos anos. Conhecemos os demolidores dos primeiros dias. Depois dêles, os que procuravam construir alguma coisa menos efêmera. Dos homens vindos do mundo anterior á guerra, grande parte não soube ou não pode renovar-se, preferindo mergulhar num ocase melancólico. Outros, porque não se lhes completara a formação ou porque tenham o espírito de fato mais alerta, receberam de bom grado o influxo das idéas novas, mantendo-se com brilho e coragem á flôr das aguas revôltas. As ultimas gerações, surgidas para a vida literária depois da guerra, nenhuma ligação direta guardam com o passado. Desconhecem as torturas do conflito

íntimo, manifesto ou recalcado, que fazem dos homens do fim do século passado e começo do atual, infelizes criaturas, incertas, descontentes delas próprias, de todos e de tudo.

Nos limites do presente ensaio seria impossível, claro, minuciosa análise dos fatos que interessam a nossa vida literária. Impossível igualmente falar sobre todos os valores que se têm distinguido nos dois últimos lustros. Qualquer omissão involuntária equivaleria a uma injustiça. Entre as figuras mais salientes desaparecidas no derradeiro decênio, avulta a do grande romancista de costumes, Lima Barreto, da linhagem de Manuel de Almeida, mas com sensibilidade artística muito mais aguda e capacidade de ironia e sarcasmo que faltou ao autor das *Memórias de um Sargento de Milícias*. João do Rio, cronista, cheio de verve e de malícia, é um nome que se nos lembra naturalmente depois do de Lima Barreto, porque, de algum modo, completam-se os dois, embora a divergência de processos e dos meios sociais que os interessaram, um, a miúda burguesia suburbana e outro, o mundo muito mais falso da alta e média burguesia da cidade.

Tarefa difícilíssima a de quem desejasse tentar, acima de simpatias e afeições pessoais, qualquer seriação entre os escritores mais notáveis dos úl-

timos tempos. O mérito literário não basta, muitas vezes, para destacá-los num meio, onde é ainda tão precária a seleção de valores. E' necessário que ao mesmo se alie intensa atividade e projeção intelectuais, e, não raramente, certo proselitismo social ou político. No momento atual, os casos, por exemplo, entre outros, dos snrs. Gilberto Amado, Ronald de Carvalho, Humberto de Campos, Monteiro Lobato, Agripino Grieco, e Tristão de Ataíde, a este levando-se-lhe também em conta o caracter político de sua obra de doutrinário católico. O snr. Afrânio Peixoto, romancista e ensaista de renome, representa geração um pouco mais antiga. Jackson de Figueiredo, publicista católico, preocupado com os problemas filosóficos e a propaganda política de sua ideologia, e Antonio Torres, escritor brilhante e polemista corajoso, conquistaram largo êxito. Da mesma forma, os snrs. Oliveira Viana e Gilberto Freyre, no campo da sociologia e o snr. Manoel Bandeira entre os pioneiros da poesia modernista. Não poderiam ser esquecidos o movimento de emancipação chefiado ha alguns anos por Graça Aranha e que tanto concorreu para arejar o nosso ambiente literário, e o grupo de escritores paulistas, renovadores também e, hoje, mais atentos á interpretação da história brasileira e da história local. Alguns jovens romancistas, poetas e pensadores, vindos em grande parte do Norte, co-

meçam a afirmar-se com grande independência e vigor, prometendo trazer às nossas letras nova e forte seiva. Muitos nomes, nos diversos sectores da inteligência e da cultura do Brasil, exigiriam ser citados, se os presentes parágrafos acrescidos á *Síntese da Evolução Literária* não fossem pouco mais do que um sumário ou simples apontamentos para ensaio mais longo a ser escrito...

Este livro foi composto e impresso nas officinas da Empreza Graphica da Revista dos Tribunaes, Rua Xavier de Toledo, 72 — S. Paulo, para a Companhia Editora Nacional, Rua dos Gusmões, 118 — S. Paulo, em Setembro de 1938.